



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LÍCIA MARIA DE ALMEIDA MOURA

MADAME DE GENLIS E A MULHER ESCRITORA NO SÉCULO DAS LUZES

São Cristóvão/SE
2025

LÍCIA MARIA DE ALMEIDA MOURA

MADAME DE GENLIS E A MULHER ESCRITORA NO SÉCULO DAS LUZES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Valter Cesar Pinheiro

São Cristóvão/SE
2025

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M929ml	Moura, Lícia Maria de Almeida Madame de Genlis e a mulher escritora no século das luzes / Lícia Maria de Almeida Moura ; orientador Valter Cesar Pinheiro. – São Cristóvão, SE, 2025. 118 f. ; il.
	Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.
	1. Literatura francesa. 2. Literatura feminista. 3. Iluminismo. 4. Autoria. 5. Século XVIII. I. Genlis, Stéphanie Félicité, Condessa de, 1746-1830. II. Pinheiro, Valter Cesar, orient. III. Título.

CDU 821.133.1

Resumo: Esta dissertação investiga a escrita feminina no século XVIII, tendo como objeto de análise o romance sentimental *La femme auteur*, de Madame de Genlis, publicado originalmente em 1802 e traduzido para o português em 2021 como *A Mulher Escritora*. A obra, de caráter ficcional, é examinada como uma representação literária da experiência feminina no período, abordando tanto os desafios enfrentados por mulheres autoras quanto as limitações impostas ao seu exercício intelectual. A pesquisa elabora uma biobibliografia da autora, contextualizando sua vasta produção literária, suas relações com o contexto iluminista e sua participação no cenário cultural francês. Ao investigar as tensões entre os valores do Iluminismo e as restrições sociais e culturais impostas às mulheres, a análise destaca como o romance, ao mesmo tempo em que dialoga com os princípios filosóficos do período, expõe as contradições e fragilidades desses mesmos ideais quando aplicados ao papel da mulher no espaço público e intelectual. A abordagem teórica articula perspectivas feministas e históricas, considerando as condições de produção literária feminina, as estratégias narrativas empregadas pela autora e o impacto de sua obra no debate sobre autoria e gênero. Assim, o estudo evidencia os desafios e conquistas da escritora em uma sociedade marcada por profundas revisões filosóficas, políticas e culturais, ressaltando a importância de Madame de Genlis como uma figura literária e intelectual de relevância em um período de transição e contestação ideológica.

Palavras-chave: escrita feminina; século XVIII; Madame de Genlis; Iluminismo; autoria.

Abstract: This dissertation investigates female authorship in the 18th century, focusing on the sentimental novel *La Femme Auteur* by Madame de Genlis, originally published in 1802 and translated into Portuguese in 2021 as *A Mulher Escritora* (The Woman Writer). This fictional work is examined as a literary representation of female experience during the period, addressing both the challenges faced by women writers and the limitations imposed on their intellectual endeavors. The research develops a bio-bibliography of the author, contextualizing her extensive literary production, her relationship with Enlightenment thought, and her participation in the French cultural scene. By exploring the tensions between Enlightenment values and the social and cultural restrictions imposed on women, the analysis reveals how the novel, while engaging with the philosophical principles of the era, exposes the contradictions and fragility of those ideals when applied to women's roles in public and intellectual spaces. The theoretical approach combines feminist and historical perspectives, considering the conditions of female literary production, the narrative strategies employed by the author, and the impact of her work on the debate surrounding authorship and gender. Thus, the study highlights the challenges and achievements of Madame de Genlis in a society marked by profound philosophical, political, and cultural transformations, emphasizing her significance as a literary and intellectual figure during a period of ideological transition and contestation.

Keywords: female authorship; 18th century; Madame de Genlis; Enlightenment; authorship.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação representa não apenas o encerramento de uma etapa acadêmica, mas também o resultado de uma trajetória marcada pelo apoio, incentivo e colaboração de diversas pessoas e instituições, às quais gostaria de expressar minha mais sincera gratidão.

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador, Valter, por sua orientação dedicada, por suas leituras atentas e críticas construtivas, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua generosidade intelectual e incentivo constante foram inspirações ao longo de todo esse processo.

À banca de qualificação, composta por Pablo Magalhães, Maria Aparecida e Carlos Magno, agradeço pelas sugestões valiosas, que ampliaram minha percepção e contribuíram significativamente para o aprimoramento desta pesquisa.

Expresso minha gratidão à Universidade Federal de Sergipe e ao Programa de Pós-graduação em Letras, por proporcionarem o espaço necessário para a realização deste estudo.

Aos colegas e amigos de jornada, em especial Rodrigo e Thati, que compartilharam comigo este processo de pós-graduação, e a todos os colegas com quem pude aprender em debates, leituras e momentos de reflexão, minha profunda gratidão pelo apoio e pelas trocas enriquecedoras.

Aos professores que fizeram parte da minha trajetória como pessoa, transmitindo ensinamentos que transcendem o espaço acadêmico, meu reconhecimento e gratidão.

À minha família, especialmente ao meu companheiro, Rodrigo, agradeço pelo amor incondicional, paciência e compreensão durante todo o percurso. O suporte emocional de vocês foi essencial para que eu pudesse seguir adiante.

Por fim, agradeço a todas as vozes e obras que inspiraram e desafiaram meu pensamento, contribuindo para a construção deste trabalho, e a todos que, por razões práticas, não foram mencionados nesta página, mas que, de alguma forma, contribuíram para a minha jornada. Nenhuma pesquisa existe senão pelo trabalho silencioso de múltiplos cérebros e várias mãos.

Lista de Figuras

Figura 1 – Preâmbulo da Déclaration des Droits de l'Homme et du Citoyen.....	11
Figura 2 – Gravura em metal – Vue du salon du Louvre en l'année 1753	27
Figura 3 – Decreto imperial de 5 de fevereiro de 1810 (primeira e última página)	46
Figura 4 – The Harp Lesson, Oil on Canvas	60
Figura 5 – Le Pavillon de Bellechasse.....	62
Figura 6 – Portrait of Madame de Genlis.....	68
Figura 7 – Félicité de Genlis au Travail	71

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1. Uma sociedade em transição	19
1.1. Contexto iluminista: conflitos, transformações e influências culturais.....	19
1.2. Salões parisienses: epicentro da vida literária e intelectual no século XVIII.....	24
1.3. O romance enquanto doutrina pedagógica	30
1.4. Revolução Francesa: entre ruptura e continuidade.....	33
1.5. A derrubada do Diretório e o nascimento do Bonapartismo	44
2. Madame de Genlis – A literatura e a educação na revolução iluminista	47
2.1. Félicité: infância e formação	48
2.2. Influência dos salões na formação de Madame de Genlis.....	50
2.3. Produção Literária	53
2.4. Ascensão social e temas centrais na obra de Madame de Genlis.....	57
2.5. Contradições da Revolução Francesa.....	67
2.6. A volta do exílio e memórias da Revolução	72
3. A representação da mulher e da escritora nas obras de Madame de Genlis	75
3.1. O romance sentimental enquanto gênero literário.....	75
3.2. O romance sentimental e estereótipos de gênero	81
3.3. A pedagogia iluminista e a mulher escritora	87
3.5. As ambivalências da fama	94
3.6. Educação sentimental.....	100
CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

O surgimento das mídias digitais e os avanços tecnológicos modificaram significativamente o estudo da literatura ao reformularem a forma como ela é acessada, analisada e apreciada. A literatura, por sua vez, continua a oferecer uma visão profunda da condição humana e a configurar-se como um espaço de resistência e reflexão crítica diante das mudanças sociais e ideológicas, atuando não apenas como um registro da condição humana, mas também como uma resposta aos dilemas e desafios que surgem em um contexto de informação massiva e efêmera. Segundo Shankrappa B. (2023), a literatura segue desempenhando o papel de intermediária entre o passado e o presente, promovendo a integração intercultural através de seu caráter artístico. Essa dimensão¹ é capaz de capturar as complexidades, conflitos e emoções humanas, ao mesmo tempo em que proporciona uma avaliação abrangente dos contextos sociais e das experiências humanas.

Nesse sentido, o estudo da literatura não se limita à apreciação da expressão artística; ele também envolve o engajamento com questões sociais complexas e contextos históricos variados. No contexto acadêmico, a literatura enfrenta dilemas que têm sido recorrentemente foco de análise por parte de pesquisadores contemporâneos, entre os quais se destacam a preservação de sua autenticidade em uma era de desinformação e a adaptação a transformações digitais contínuas. O campo literário² atual enfrenta uma situação inédita, marcada por conflitos ideológicos e discursivos especialmente afetados pela dinâmica global que desvia as histórias literárias nacionais. Segundo Lakerbay (2024), o fascínio pelo discurso liberal ocidental, quando este assume contornos de uma “religião política”, enfraquece o diálogo e conduz à falência cultural. À medida que a consciência política se impõe cada vez mais no domínio literário, o cenário da literatura contemporânea torna-se ainda mais complexo. Nesse contexto, assim como as expressões literárias de hoje buscam desafiar o status quo e refletir as complexas dinâmicas globais, a literatura já desempenhou um papel análogo em momentos históricos de grandes transformações, como o século XVIII.

Este período, em particular, foi decisivo na configuração das fundações das estruturas sociais, jurídicas e culturais que sustentam o mundo ocidental moderno. Entre os fenômenos mais

¹ Aqui, “dimensão” refere-se aos múltiplos níveis em que a literatura se manifesta, incluindo suas capacidades de expressão artística, reflexão social e mediação entre culturas e temporalidades.

² O “campo literário”, conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu, refere-se ao espaço social onde a literatura é produzida, distribuída e consumida, e é caracterizado por dinâmicas de poder e lutas pelo domínio entre diferentes agentes e instituições.

notáveis do século XVIII, talvez a Revolução Francesa seja o que mais se consolidou no imaginário coletivo, não apenas pela sua profundidade histórica, mas também por seu impacto na transformação das estruturas sociais, políticas e culturais da época. Ao reconfigurar radicalmente esses aspectos, a Revolução exemplifica como eventos de grande magnitude podem modificar os valores e normas fundamentais de uma sociedade. Esse processo de transformação, ao qual a literatura também esteve atenta, permite que, ao revisitarmos os estudos literários do período, identifiquemos paralelos com os esforços de reorganização social do século XVIII e, ao mesmo tempo, nos proporciona uma reflexão sobre os desafios que permanecem, e que, em muitos aspectos, continuam a ressoar nos tempos contemporâneos.

Embora o impulso de recorrer a um anacronismo exista, cumpre-nos resgatar, ainda que com cautela, o eco de certas questões. A promulgação da *Déclaration des Droits de l'Homme et du Citoyen*³, em 1789, representa um marco histórico que buscou não apenas a mobilização social, mas também a consagração de princípios fundamentais de liberdade e igualdade, pautados em “direitos naturais, inalienáveis e sagrados do homem”, que deveriam servir de base para todo e qualquer governo. Entretanto, esse documento que, de certa maneira, buscava refletir as aspirações iluministas, deixou marcas controversas na história, na medida em que suas intenções são frequentemente esvaziadas pela exclusão e negligência da maioria da população. Ao revisitar tais momentos históricos, somos capazes de traçar paralelos e reconhecer como as demandas por justiça e dignidade humana continuam a ressoar nas sociedades globalizadas, mostrando que, apesar do avanço de algumas conquistas, as questões centrais de igualdade e liberdade permanecem em aberto e continuam a desafiar a construção de um futuro verdadeiramente inclusivo e justo.

Lynn Hunt (2009) observa que a publicação desse documento catalisou imediatamente a opinião pública a respeito dos direitos humanos, provocando reações tanto favoráveis quanto contrárias. Alguns enxergavam os direitos “dos homens” como claros, objetivos e mais compreensíveis do que jamais haviam sido⁴. Para outros, as “abstrações metafísicas” propostas

³ Déclaration des droits de l'homme et du citoyen : décrétée par l'Assemblée nationale, dans les séances, des 20, 21, 25 et 26 août 1789, sanctionnée par le roi (<https://www.conseil-constitutionnel.fr/le-bloc-de-constitutionnalite/declaration-des-droits-de-l-homme-et-du-citoyen-de-1789>)

⁴ Conforme Marks (2019), além de apoiador da revolução americana Richard Price era um fervoroso apoiador do documento francês. Em *A Discourse on the Love of Our Country* (1789), o autor afirma “*The chief blessings of human nature are the three following: —Truth—Virtue—and Liberty. —These are, therefore, the blessings in the possession of which the interest of our country lies, and to the attainment of which our love of it ought to direct our endeavours. By the diffusion of knowledge, it must be distinguished from a country of Barbarians: by the practice of religious virtue, it*

pelos franceses não conseguiam captar a essência humana⁵. O que a Revolução Americana havia “unido” alguns anos antes parecia rapidamente dissolver-se à medida que a Revolução Francesa avançava, ampliando a polarização ideológica. Na verdade, a declaração francesa expôs uma contradição que a Declaração da Independência dos Estados Unidos (1776) também carregava: a declaração dos direitos do homem e do cidadão não impediu o surgimento de um governo repressor de direitos. Ademais, os redatores e teóricos por trás desses documentos pareciam ter uma visão bastante limitada dos “humanos” aptos a participar do processo político. Como aponta Hunt (2009),

Não ficamos surpresos por eles considerarem que as crianças, os insanos, os prisioneiros ou os estrangeiros eram incapazes ou indignos de plena participação no processo político, pois pensamos da mesma maneira. Mas eles também excluíam aqueles sem propriedade, os escravos, os negros livres, em alguns casos as minorias religiosas e, sempre e por toda parte, as mulheres. [...] Os fundadores, os que estruturaram e os que redigiram as declarações têm sido julgados elitistas, racistas e misóginos por sua incapacidade de considerar todos verdadeiramente iguais em direitos. (Hunt, 2009, p. 16)

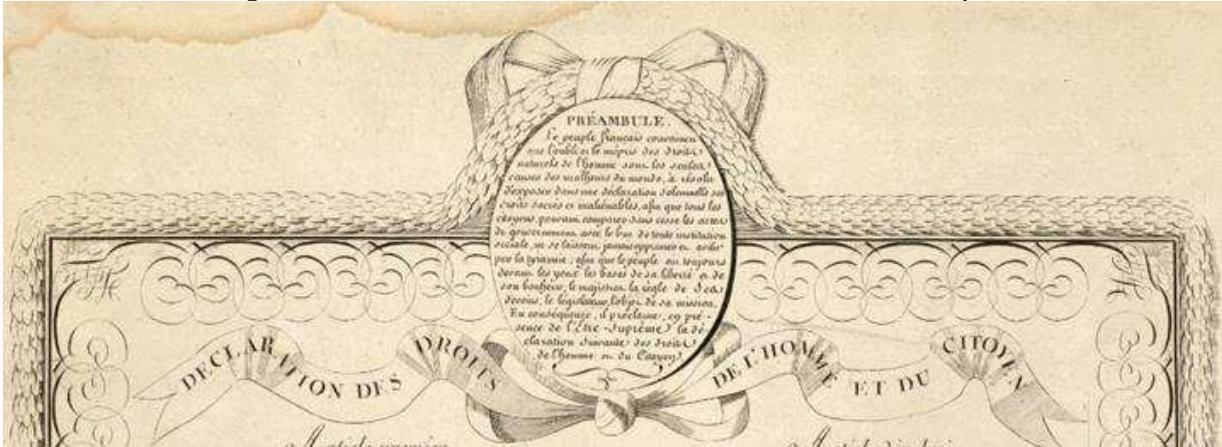
Essa exclusão evidencia as contradições intrínsecas às declarações de direitos, cujos autores, apesar de proclamarem a igualdade, foram amplamente criticados por suas visões elitistas, racistas e misóginas, que falharam em abraçar a verdadeira universalidade dos direitos humanos. Frequentemente, tais críticas se limitam ao campo literário ou artístico de maneira mais geral, mas as tentativas de lidar com o contraditório estão presentes, e ao examiná-las, percebemos que, na organização social vigente, um grupo detém, de fato, o direito ao contraditório. Na França do século XVIII, como Lynn Hunt se propõe a discutir com acuidade em seu livro *A invenção dos Direitos Humanos* (2009), a afirmação de autoevidência foi indispensável para a história dos direitos humanos, e tornou-se relevantemente convincente naquele período.

must be distinguished from a country of gamblers, Atheists, and libertines: and by the possession of liberty, it must be distinguished from a country of slaves.” |

“As principais bônus da natureza humana são as três seguintes: — Verdade — Virtude — e Liberdade. — Essas são, portanto, as bônus em cuja posse reside o interesse de nosso país e cuja conquista deve direcionar nossos esforços em nome do amor por ele. Pela difusão do conhecimento, nosso país deve distinguir-se de um país de bárbaros; pela prática da virtude religiosa, deve diferenciar-se de um país de jogadores, ateus e libertinos; e pela posse da liberdade, deve distinguir-se de um país de escravos.” (tradução nossa)

⁵ O panfleto *Reflexões sobre a Revolução em França* (1790), de Edmund Burke (também um apoiador da Revolução Americana), foi rapidamente reconhecido como o texto fundador do conservadorismo ao lançar uma colérica crítica à Revolução Francesa (Hunt, 2009).

Figura 1 – Preâmbulo da *Déclaration des Droits de l'Homme et du Citoyen*



Fonte: Library of Congress, 1789

Se por um lado esse período é celebrado pelos avanços intelectuais, por outro é investigado por seu papel na sustentação de desigualdades coloniais e estruturais⁶. O interesse dos pesquisadores contemporâneos por esse século que marcou a afirmação dos direitos humanos e a influência das ideias iluministas demonstra hoje como a filosofia, a literatura e a ética do século XVIII continuam a moldar debates contemporâneos sobre descolonização, recepção literária e o que é uma vida ética. Isso se torna especialmente interessante quando pensamos que este foi também o século mais marcado pelos ideais do Iluminismo, pelas expansões coloniais e pelas transformações culturais que impactaram profundamente a sociedade moderna⁷.

O fascínio pelos ideais do Iluminismo e pela efervescência de transformações culturais deixou marcas duradouras nas noções modernas de cidadania e justiça social. Esse cenário também abriu portas para a expressão literária feminina, ainda que de modo restrito e controlado. Entre as mulheres que se destacaram na literatura e na educação, Madame de Genlis se tornou uma figura de grande relevância. Suas contribuições como romancista, dramaturga e educadora não só refletem

⁶ Emily Clare Casey (2023) discute a necessidade de descolonizar as disciplinas acadêmicas, particularmente com foco nos estudos do século XVIII. A autora enfatiza que uma mudança real requer o desmantelamento dos sistemas de conhecimento existentes através de um exame crítico do legado da erudição ocidental que, por estar intimamente relacionado ao modo de produção capitalista e ao colonialismo, afeta a comunidade acadêmica atual e a produção de conhecimento.

⁷ O artigo “Scholarship in a Time of Crisis” (2023), escrito em resposta à pandemia de COVID-19, destaca o envolvimento dos acadêmicos com os efeitos atuais da violência sistêmica, cujas raízes remontam ao século XVIII. Ao revisitá e reinterpretar artefatos desse período, Alves (2023) enfatiza a responsabilidade ética dos pesquisadores, que devem não apenas compreender os contextos históricos, mas também aplicar esse entendimento para enfrentar questões contemporâneas. Ela propõe a busca por soluções orientadas para o futuro e modos de reparação fundamentados nas ideias dos pensadores do Iluminismo, estabelecendo uma conexão entre os *insights* do passado e os desafios atuais.

os valores e os desafios de sua época, como também antecipam debates sobre o papel das mulheres na sociedade. É a partir de sua obra e influência que este trabalho busca aprofundar-se nas complexas interseções entre literatura, educação e aspirações femininas no século XVIII.

A história da literatura não é linear e é caracterizada por complexas interrelações e intercâmbios culturais que interpõem as noções usuais de fronteiras nacionais e enfatizam uma perspectiva universal, o que sugere que a literatura não pode ser totalmente compreendida sob uma perspectiva rígida e sequencial. Além disso, a história das mulheres na literatura reflete fatores culturais, sociais e políticos que moldaram a autoria feminina em diferentes épocas e regiões, visto que, historicamente, escritoras seguiram normas sociais restritivas para afirmar suas vozes, contribuindo significativamente para as tradições literárias canônicas. Como destaca Badinter (2003), no século XVIII a ambição feminina passa necessariamente pela escrita. As mulheres da aristocracia foram respeitadas e tiveram frequentemente papel decisivo e sem precedentes sobre o curso das coisas⁸. No entanto, não podemos perder de vista que, além das questões socioeconômicas que se impunham tão expressivamente sobre todas as mulheres, aquelas que podiam desfrutar do liberalismo propiciado por esse século seguramente eram atravessadas pelo vazio ideológico e, sem dúvidas, não houve um século em que a luta feminista tenha ganhado um impulso tão significativo quanto no século XX, particularmente a partir da década de 1970⁹. Badinter ressalta que

Ao contrário de suas ancestrais rebeldes, das feministas dos séculos seguintes ou das revolucionárias da Comuna, as mulheres do século XVIII tiveram pouco acesso à ação política. Madame de Pompadour, Olympe de Gouges, Théroigne de Méricourt, Madame de Staël e algumas outras não passaram de exceções pouco convincentes. A primeira só teve poder por delegação. As outras pagaram rápido e caro por suas ambições políticas. A morte, a loucura e o exílio foram seu prêmio. (Badinter, 2003, p. 38)

Apesar das limitações e das oportunidades restritas de se engajar politicamente, o século XVIII permitiu às mulheres ocuparem espaços que, embora restritos, ampliaram a expressão feminina em áreas como a literatura, a educação e as artes. Essas possibilidades, ainda que

⁸ Elisabeth Badinter (2003) destaca que, nesse período, criou-se o hábito de consultá-las e escutá-las como iguais. Madame de Pompadour, sobre a qual voltaremos a falar mais adiante, é a mais célebre, porém, não era a única a impor seus pontos de vista no domínio da ação e da criação.

⁹ O artigo de Peña (2007) intitulado “Los aportes de las teorías feministas a la comprensión de las relaciones Internacionales”, discute a ascensão do feminismo enquanto movimento particularmente nessa década. A autora observa que, embora o movimento feminista tenha ganhado força no século XX, as mulheres historicamente lutam contra a exclusão e a vulnerabilidade.

limitadas, revelam o papel estratégico que algumas mulheres assumiram dentro dos valores culturais de seu tempo. Dentre as atividades que estavam ao alcance feminino e que contribuíram para definir a presença das mulheres na vida intelectual e cultural dessa época, manter um salão era a mais comumente procurada¹⁰.

Antoine Lilti (2005) examina o papel dos salões na dinâmica cultural e social do século XVIII, explorando como esses espaços de troca entre intelectuais, artistas e a elite parisiense facilitaram discussões que moldaram o pensamento e a expressão artística da época. Nesse contexto, o autor descreve os salões não como incubadoras da opinião pública ou de ideias revolucionárias, mas como instituições voltadas para a manutenção da cultura aristocrática. Ainda assim, o papel dos salões em lidar e, por vezes, subverter as hierarquias sociais era único, pois permitia trocas entre participantes de diferentes estratos sociais e uma diversidade de perspectivas que testava normas tradicionais. Lilti enfatiza que essas interações não eram apenas atividades sociais, mas mecanismos de *networking* e influência que impactavam as esferas política e cultural.

Conforme o autor,

The social sphere defined by the salons did not function in the same way as the public sphere of print publication. That dynamic was founded on mechanisms of imitation and intimidation, on the existence of worldly authorities capable of imposing a judgment. The distinction between the worldly sphere and the public sphere that structured the social world of the Parisian elites in the latter half of the eighteenth century makes it easier to understand the sharpness of debates over fashion or over the effects of ridicule, but also the persistent mistrust of the effects of publication. Conversely, worldly society could not remain enclosed within itself. Successes in the social world were not enough for the writers, who sought to transform them into public successes on the stage or by means of the book. News was subjected to the porosity of the worldly networks, which opened onto other information networks. The dynamics of divulgence perturbed the strategies for worldly control over reputations. In the second half of the eighteenth century, it became increasingly difficult to ignore the undefined public of readers, which was gradually acquiring a legitimacy constructed by means of literary, religious, and political controversies. One could attempt to avoid having an affair become public and, in society, mock the judgment of the "stupid beast" that was the public, but it was no longer possible to ignore its authority.¹¹ (Lilti, 2005, p. 190-191)

¹⁰ cf. BADINTER, 2003, p. 36.

¹¹ "A esfera social definida pelos salões não funcionava da mesma forma que a esfera pública das publicações impressas. Essa dinâmica era fundamentada em mecanismos de imitação e intimidação, na existência de autoridades mundanas capazes de impor um julgamento. A distinção entre a esfera mundana e a esfera pública que estruturava o mundo social das elites parisienses na segunda metade do século XVIII torna mais fácil compreender a intensidade dos debates sobre moda ou sobre os efeitos do ridículo, mas também a persistente desconfiança em relação aos efeitos da publicação. Por outro lado, a sociedade mundana não podia permanecer isolada em si mesma. Os sucessos no mundo social não eram suficientes para os escritores, que buscavam transformá-los em êxitos públicos, seja no palco

A divisão entre a esfera pública, associada a atividades políticas, econômicas e sociais, e a esfera privada, ligada à vida doméstica e às responsabilidades familiares, é frequentemente utilizada para reforçar papéis de gênero rigidamente delimitados. Essa dicotomia perpetua desigualdades e limita as oportunidades das mulheres na sociedade. Nowotniak (2024) argumenta que a esfera privada, na qual as mulheres são frequentemente confinadas, está excluída das normas políticas que governam o mundo público. Essa exclusão, segundo a autora, impossibilita a análise e a reforma significativas dos papéis de gênero ao relegar a vida doméstica a um espaço isolado e impermeável às mudanças que impactam a esfera pública.

O século XVIII marcou uma evolução significativa nos conceitos de esfera pública e privada, influenciada pelo Iluminismo e pelas condições sociais que favoreceram o surgimento de um espaço para a troca de ideias fora do controle dos estados absolutistas. A ascensão de uma esfera pública burguesa foi impulsionada pela proliferação de jornais e periódicos, permitindo a disseminação mais ampla do conhecimento e o engajamento de indivíduos privados em discursos que desafiavam a autoridade do Estado Absolutista. A interação entre essas esferas, no entanto, era complexa: embora formalmente excluídas da política, as mulheres começaram a explorar o domínio público, navegando nas margens das novas dinâmicas sociais. Na França, centro do movimento Iluminista, pensadores como Voltaire, Diderot e Rousseau defendiam que o conhecimento deveria promover o bem-estar coletivo, em vez de limitar-se a interesses teóricos.

Nesse contexto, os salões existiam enquanto arenas de interação social e não operavam nos moldes da esfera pública que se expandia pela imprensa, como argumenta Lilti (2005). Desempenhando um papel essencial na vida mundana da capital francesa no final do Antigo Regime, os salões funcionavam principalmente como centros de sociabilidade e intercâmbio cultural. Nesses espaços, as mulheres geralmente ocupavam o papel de animadoras, responsáveis por entreter os convidados e, nesse processo, tinham a oportunidade de se autoeducar. Picard (1943) busca medir a predominância feminina na vida literária e nos salões a partir da influência que esses ambientes exerciam nas eleições da Academia Francesa, que também se configurava como uma

ou por meio dos livros. As notícias estavam sujeitas à porosidade das redes mundanas, que se abriam para outras redes de informação. A dinâmica da divulgação perturbava as estratégias de controle mundial sobre as reputações. Na segunda metade do século XVIII, tornou-se cada vez mais difícil ignorar o público indefinido de leitores, que gradualmente adquiria uma legitimidade construída por meio de controvérsias literárias, religiosas e políticas. Podia-se tentar evitar que um caso se tornasse público e, na sociedade, zombar do julgamento da ‘besta estúpida’ que era o público, mas não era mais possível ignorar sua autoridade.” (Tradução nossa)

espécie de salão. Na ausência de uma imprensa capaz de "lançar" as obras, os salões tornaram-se meios eficazes de divulgação. Segundo Picard,

L'influence des femmes dans la vie littéraire et dans les salons ne saurait être exagérée. Ce sont elles qui lancent les œuvres et les écrivains, à défaut de la presse qui existe à peine. On mesure leur prédominance en cette matière au rôle que leurs salons jouent dans les élections à l'Académie, qui, elle aussi, est une sorte de salon. C'est Mme de Lambert qui y fit entrer Montesquieu et Mme de Tencin, Marivaux. L'action de Mme du Deffand valut son fauteuil à d'Alembert, mais elles sont dépassées de bien loin par Mme Geoffrin, qui assura l'élection de Saurin, de Watelet, de Suard et de Marmontel, et par Mlle de Lespinasse, par la grâce de qui Duras, Cicé, La Harpe et Chastellux entrèrent sous la Coupole. Quant à Duclos, il y fut admis avant d'avoir rien écrit, à la seule protection du salon des Brancas.¹² (Picard, 1943, p. 155)

Como é possível observar, partindo de um local de proteção às letras, constituía-se nos salões um espaço em que a autoria feminina, cada vez mais, se tornava possível, oferecendo oportunidades para a expressão de suas ambições. Nos aprofundaremos neste aspecto mais adiante, entretanto, por ora, vale ressaltar que, para a mulher que aspirava superar sua condição de mãe e senhora do lar — papéis restritos ao âmbito privado da vida social —, as vias disponíveis eram a educação, a literatura e as artes (de forma geral, mas sobretudo a música e o teatro). Embora nem todos os salões fossem recepcionados por mulheres¹³, Badinter (2003) argumenta que era função feminina valorizar cada convidado, estimular a conversação e torná-la divertida, provocante e interessante, de modo a transmitir aos presentes a sensação de que participavam de algo singular. Esta era, afinal, a arte de receber, elevada à perfeição nesses salões célebres.

Madame de Genlis, como tantas outras mulheres da aristocracia, fez sua estreia na sociedade em um desses salões. Ser aceita no círculo de alguém significava ganhar influência social e política, acesso ao poder e participação em discussões da elite, muitas vezes moldando agendas de governança e reforma. O artigo de Mansfield (2017), por exemplo, apresenta o caso de Luís, duque de Bourgogne, que era neto de Luís XIV e serviu brevemente como Delfim da França antes de sua morte prematura por sarampo. Seu círculo, composto por ex-tutores e membros da corte,

¹² "A influência das mulheres na vida literária e nos salões não pode ser exagerada. São elas que lançam as obras e os escritores, na falta de uma imprensa que mal existe. Medimos sua predominância nesse aspecto pelo papel que seus salões desempenham nas eleições da Academia, que, também ela, é uma espécie de salão. Foi Mme de Lambert quem fez Montesquieu, e Mme de Tencin, Marivaux, entrarem lá. A ação de Mme du Deffand garantiu a d'Alembert seu lugar, mas elas são superadas de longe por Mme Geoffrin, que assegurou a eleição de Saurin, de Watelet, de Suard e de Marmontel, e por Mlle de Lespinasse, por cuja graça Duras, Cicé, La Harpe e Chastellux entraram sob a Cúpula. Quanto a Duclos, ele foi admitido antes de ter escrito qualquer coisa, apenas pela proteção do salão dos Brancas." (Tradução nossa)

¹³ Cf. LILTI, 2005, p. 21.

desenvolveu planos para reformar o estado francês sob seu futuro reinado, sinalizando que a adesão a esses círculos também poderia envolver aspirações políticas e agendas reformistas. Nesses ambientes, a presença, a frequência e a adesão de certos filósofos também representavam um meio de acumular ativos sociais¹⁴, promovendo mobilidade para além dos recursos econômicos.

Essas possibilidades de expressão e influência, embora limitadas pelo contexto social, permitiam que figuras femininas da aristocracia, como Madame de Genlis, encontrassem oportunidades para expor suas ideias, acumulando não apenas capital cultural, mas também legitimidade como autoras e intelectuais. Ao longo desta dissertação, exploraremos como Madame de Genlis aproveitou essa abertura gradual que tornava a autoria feminina possível, mesmo sob as rígidas normas sociais desses espaços.

Analisaremos os salões como um fenômeno cultural e intelectual que se manifesta em diversos países, com foco na França, cujas características foram replicadas em regiões como a Suécia e a Grã-Bretanha¹⁵. De acordo com DeJean (1999), o salão literário é uma instituição singular na cultura francesa, cujas origens remontam ao século XVI e que recebeu influências notáveis da Itália. Contudo, a França destaca-se por sua tradição contínua de salões, que perdura por quase dois séculos. Essa tradição teve início por volta de 1610, com a marquesa de Rambouillet, e alcançou seu auge especialmente no final do século XVII e no início do século XVIII, período em que exerceu uma influência significativa sobre a crítica literária.

Essa rica tradição de salões, marcada pela troca de ideias e pela promoção de debates intelectuais, também se entrelaça com o surgimento do romantismo, que emergiu como gênero literário no final do século XVIII e no início do século XIX, principalmente como uma reação ao racionalismo e às restrições do Iluminismo. Esse movimento caracterizou-se por um foco na individualidade, na emoção e no sublime, sendo influenciado por convulsões sócio-políticas, como as revoluções francesa e americana. Um ano antes de publicar *O contrato social* (1772), Rousseau ganhou atenção internacional ao publicar *Júlia ou A nova Heloísa* (1761). Conforme Hunt (2009)

¹⁴ Esses ativos sociais fazem parte do capital cultural, conceito de Bourdieu (1990) que engloba a educação, o reconhecimento institucional e as habilidades e os conhecimentos adquiridos ao longo da vida dos indivíduos, os quais podem influenciar o status social e ampliar suas oportunidades. A competência linguística, por exemplo, é uma das formas de acumular capital cultural através da capacidade de se comunicar e/ou compreender uma linguagem estrangeira, como ilustrado por Madame du Châtelet, que traduziu *Principia Mathematica* de Newton para o francês antes de falecer, deixando sua contribuição intelectual para a ciência e cultura francesas.

¹⁵ Prendergast, A. "A French Phenomenon Embraced: The Literary Salon in Eighteenth-Century Britain". In: Prendergast, Amy. *Literary Salons Across Britain and Ireland in the Long Eighteenth Century*. Palgrave Studies in the enlightenment, romanticism and cultures of print: 2015. p. 44-77. doi: 10.1057/9781137512710_3

observa, apenas o enredo do romance não explica a explosão de emoções experimentada pelos leitores de Rousseau, e conclui que a leitura de *Júlia ou A nova Heloísa* predispunha os leitores desse período a uma nova forma de empatia. Embora o pensamento político de Rousseau enfatize a igualdade e a liberdade estabelecendo uma defesa fundamental dos direitos humanos, esse não é o tema central do romance, que gira em torno de questões como a paixão, o amor e a virtude. Mesmo assim, sua leitura encorajava uma identificação intensa com os personagens, capacitando os leitores a sentirem empatia além das fronteiras de classe, sexo e nacionalidade. Os leitores do século XVIII, assim como seus predecessores, experimentavam empatia por aqueles que lhes eram próximos, como as famílias imediatas, os parentes e as pessoas de sua paróquia, bem como os seus iguais sociais habituais. Contudo, os indivíduos do século XVIII precisaram aprender a sentir empatia de maneira mais ampla e cruzando fronteiras mais definidas.

Segundo Armenteros (2013), em *Adèle et Theodore, ou lettres sur l'éducation* (1782), Madame de Genlis estava profundamente preocupada com os aspectos emocionais da administração política, particularmente com relação ao papel das mulheres na sociedade. Esse foco sugere que sua filosofia política não era apenas teórica, mas também prática e socialmente orientada. Os temas educacionais explorados por Madame de Genlis ecoaram ideias de Rousseau, embora com um toque monarquista que se acentua após a Revolução.

Na seção final desta dissertação, propomos uma análise de *A Mulher escritora* (1806), romance sentimental de Madame de Genlis, com enfoque na forma como suas obras frequentemente abordam os conflitos morais e emocionais das mulheres, inserindo-se na tradição sentimental que valoriza o desenvolvimento feminino e a virtude. Conforme observado por Thompson (2017), os romances sentimentais das décadas de 1760 e 1770 evoluíram por meio de uma autoconsciência crítica de suas próprias convenções, utilizando uma abordagem meta-sentimental que explora as complexidades do sentimento e do julgamento moral na narrativa.

Entre os temas centrais presentes nos romances de Genlis, destaca-se seu compromisso com a educação, que se manifesta por meio de personagens que constroem suas identidades através da linguagem, refletindo o cenário cultural europeu pós-revolucionário e as transformações nas relações entre nações e culturas. Além disso, o tratamento dado por Madame de Genlis à moralidade religiosa está profundamente interligado à sua produção literária. Suas narrativas frequentemente evidenciam sua crença no valor da virtude na formação social, mesclando ficção com ensinamentos moralizantes, e suas protagonistas amiúde personificam ideais de dever e

virtude, alinhando-se às expectativas de integridade moral do gênero sentimental. Embora as narrativas de Madame de Genlis valorizem a virtude e os papéis tradicionais de gênero, os romances da autora destacam as nuances da experiência feminina aristocrática, abordando questões de identidade e enfatizando os conflitos e expectativas que recaem sobre a mulher escritora neste período.

Como resultado, o estudo da literatura permite uma análise profunda e abrangente sobre as dinâmicas que moldaram e continuam a moldar as sociedades. Através das expressões artísticas, a literatura afirma-se não apenas como um espelho da condição humana, mas também como um veículo de resistência e transformação social. Ao nos voltarmos para as complexidades do século XVIII e suas interseções com os desafios contemporâneos, torna-se evidente que as demandas por liberdade, igualdade e justiça social permanecem vigentes, adaptando-se aos tempos e contextos. Nesse sentido, a literatura configura-se como um campo de análise e questionamento essencial, permitindo-nos explorar as questões políticas e sociais do passado enquanto investigamos seu impacto nas construções ideológicas do presente. A relevância de autoras como Madame de Genlis e as discussões promovidas nos salões literários, ao lado das limitações impostas às mulheres, ilustram como os espaços de expressão artística foram, e ainda são, ferramentas de contestação e reflexão, bem como podem ser engendrados como espaços de isolamento e exclusão. Esta pesquisa, portanto, almeja contribuir para a compreensão das intrínsecas relações entre literatura, sociedade e gênero, reafirmando a importância da análise literária no aprofundamento do entendimento das transformações e continuidades culturais ao longo dos séculos.

1. Uma sociedade em transição

O século XVIII foi cenário de numerosas mudanças e revoluções. Os avanços científicos e tecnológicos, as revoluções políticas e econômicas e a relevância concedida à educação e à literatura neste período certamente são algumas das razões que fizeram com que este século se tornasse um dos mais emblemáticos na história do Ocidente. Esses fatores tiveram o potencial de modificar a maneira como as pessoas se relacionavam não apenas em seus próprios países, mas também a propagação de suas ações e de seus ideais para além de suas fronteiras, e essa extensa circulação segue sendo objeto de estudo para os pesquisadores do período. Em benefício dessa dissertação exploraremos no presente capítulo algumas dessas ocasiões históricas, em especial o movimento Iluminista, a Revolução Francesa e o período pós-revolucionário na França.

Esse capítulo foi tencionado como um curso histórico que coincide com a vida da autora presente no título dessa dissertação. Buscaremos, portanto, desenvolver o contexto histórico em consonância com o ambiente literário na segunda metade do século XVIII, dando especial atenção à situação das mulheres autoras. Sobre estas enfatizamos que o único meio para se escapar, ainda que minimamente, da estrutura absolutista, era estando diretamente associado a ela. A Monarquia absolutista garantiu, através da rígida hierarquia social estabelecida sobre as mesmas bases da moral religiosa, a absorção quase que completa do Estado. Qualquer projeto de mobilidade social era condenado antecipadamente: afastar-se de seu papel social na busca por ascendência significava macular o estado das coisas e, para além de não despertar a estima da aristocracia, avivava o desprezo pela figura do burguês-fidalgo¹⁶.

1.1. Contexto iluminista: conflitos, transformações e influências culturais

Não é tarefa simples precisar em que momento o Iluminismo “começou” e ainda menos uniformizá-lo. A pluralidade de pensamentos e as ambiguidades que fazem parte da história do movimento iluminista tornam-no heterogêneo e dificultam uma classificação precisa sobre ele. No que concerne à filosofia, foi no século XVIII que os filósofos alcançaram o ápice de sua celebridade e influência, consagrando este como “o século das Luzes” ou “da Ilustração”. No prefácio de *A*

¹⁶ Um exemplo literário da depreciação dessa figura encontra-se na *comédie-ballet* escrita e interpretada por Molière, *Le Bourgeois gentilhomme*, durante seu período na corte de Luís XIV em 1670. A peça faz troça dessa figura, satirizando o desespero pela ascensão social através da ridicularização das tentativas de adentrar o universo da aristocracia. Apesar do mais de um século que separa esta obra dos eventos que marcaram o século XVIII, a figura do burguês-fidalgo ainda era vista com desconfiança e, assim como veremos adiante, não era incomum que autores se coloassem contra a nobreza de toga e a mistura de ordens.

filosofia do Iluminismo, uma das obras mais eminentes sobre o assunto, Cassirer (1992) afirma que o Iluminismo se encontra “ligado por múltiplos vínculos tanto ao futuro quanto ao passado” e, sem dúvida, nesse período encontraremos a movimentação de ideias latentes desde os séculos precedentes e seus desdobramentos, em virtude da busca pelo conhecimento de uma forma racional e empírica que pode ser examinada até os dias de hoje. Levando em consideração essa amplitude temática, neste capítulo buscaremos evitar classificações, procurando direcionar nosso olhar para obras e momentos que darão sentido tanto à biobibliografia da autora quanto à análise literária que desenvolveremos na terceira parte.

Madame de Genlis nasceu durante o reinado de Luís XV, ou, como era conhecido, *Louis, le Bien-Aimé*, em um momento particularmente agitado para a França. Neste período, para além de uma série de conflitos e dificuldades significativas que se estabeleciam no cenário externo, uma pujante mudança cultural ganhava espaço no interior do país. Como legado, Luís XV deixaria um misto de grandiosidade e controvérsia: as guerras¹⁷ nas quais a França perdeu territórios durante seu reinado, a hostilidade que sentia pela filosofia francesa¹⁸, seu extravagante estilo de vida e suas amantes, valendo mencionar a notória figura de Madame de Pompadour¹⁹, emblemática para seus contemporâneos e também para a história da cultura francesa.

Contudo, é inegável que Luís XV também foi um patrono das artes e das ciências²⁰, e, sob seu patrocínio, um clima cultural favorável floresceu. Embora sua postura em relação ao Iluminismo fosse marcada pela tensão, ele acabou por criar condições nas quais a arte, a literatura

¹⁷ A Guerra de Sucessão Austríaca (1740-1748) e a Guerra dos Sete Anos (1756-1763) custaram à França territórios e pressionaram financeiramente o país, gerando ainda mais desigualdade e insatisfação na população.

¹⁸ Em *As paixões intelectuais* (2009), Badinter aponta que Luís XV oscila entre o desprezo e a animosidade quanto aos filósofos e considera perigosa essa corrente de pensamento. Cf. BADINTER, 2009, p. 61.

¹⁹ Jeanne-Antoinette Poisson, apelidada de *Reinette*, recebeu uma excelente formação, tendo sido instruída para gerir finanças e educada nas ciências e artes da moda. Ao casar-se com Guillaume Le Normant d'Etiolles, Madame de Pompadour passou a frequentar os salões de Paris, convivendo com escritores e artistas, dentre os quais Voltaire. Após adentrar a corte de Luís XV, converteu-se numa figura influente para o meio cultural e, aos poucos, conquistou mais espaço, tornando-se conselheira do rei. É relevante observar que, por estar na posição de mulher esclarecida e preponderante nas decisões do rei, era frequentemente posta em lugar de críticas efusivas e muitas vezes de responsabilização pelos problemas que surgiam durante o reinado do monarca. GONCOURT, J. et E. *Madame de Pompadour*. Paris: G. Charpentier, 1878, p. 14 et seq. p. 91.

²⁰ Segundo Goncourt (1847, p. 419), Madame de Pompadour desempenhou um importante papel no que diz respeito ao interesse do rei pela arte e pela moda, influenciando, através de seus patrocínios aos artistas da época, o que viria a ser o “estilo Luís XV”. Os autores concluem afirmando que “*C'est là la grande fortune de madame de Pompadour: elle représente ce caractère inimitable et constant étendu à toutes les modes d'un temps et à toutes les applications d'un art, un style; elle est la marraine et la reine du Rococo.*” [“Essa é a grande fortuna de Madame de Pompadour: ela representa esse caráter inimitável e constante estendido a todas as modas de uma época e a todas as aplicações de uma arte, um estilo; ela é a madrinha e a rainha do Rococó.” (Tradução nossa)]

e o pensamento iluminista prosperaram. Isso permitiu que as ideias iluministas se expandissem, não apenas na França, mas por toda a Europa. Christine Vogel salienta, em sua tese *Guerra aos Jesuítas* (2017), que a extinção da Companhia de Jesus na França aconteceu em meio a uma crise político-religiosa²¹ envolvendo o parlamento, o rei e o episcopado. Esse conflito interno, somado ao descontentamento social e às desigualdades crescentes, gerou um terreno fértil para a crítica social e para o crescimento do pensamento reformador.

Essa efervescência intelectual fez com que a França se tornasse uma referência para os monarcas europeus, atraídos pela riqueza cultural e pelo poderio intelectual que o Iluminismo representava. Na década de 1760, filósofos como Voltaire e Rousseau, que Luís XV eventualmente apoiava, alcançaram um prestígio sem precedentes. Segundo Badinter (2009), essa década provou que a opinião pública era um poder crescente e que não podia ser ignorado. Frederico II da Prússia e Catarina II da Rússia são exemplos²² claros da influência francesa: o primeiro era amigo próximo de Voltaire, recebendo cientistas, escritores e pintores em sua corte e ordenando a construção de um palácio de verão no estilo rococó francês; a segunda convidou Diderot para compor sua corte, pedindo-lhe que educasse seu filho conforme os ideais iluministas. Esses laços internacionais não só ampliaram o alcance da filosofia iluminista, como consolidaram o papel de Paris e da corte de Luís XV como epicentro cultural europeu.

Esse legado cultural de Luís XV foi de extrema relevância, pois, ao passo que fomentava as artes e, em certa medida, a filosofia, permitia que ideias reformadoras e visionárias se propagassem. Em seu reinado a arte se tornou uma “linguagem universal” e um instrumento de mudança, estabelecendo conexões profundas que de fato influenciariam o curso da história. Os filósofos passaram a desafiar abertamente as instituições estabelecidas e a promover os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que posteriormente deram fôlego à Revolução de 1789. Independentemente das discordâncias entre os filósofos e da “disputa” de poder que ocorria principalmente dentro das Academias²³, suas ideias circulavam pela Europa, disseminando questionamentos e inspirando movimentos intelectuais e políticos em outros países.

²¹ Em seu estudo intitulado *Jansenismo e Antijansenismo nos finais do Antigo Regime* (2011), Cândido dos Santos desenvolve quatro dos principais tópicos dentro do tema geral do jansenismo — doutrina católica com foco em uma interpretação rigorosa da graça e da predestinação, que influenciou tensões entre a Igreja e o Estado na França e em outros países —, sendo um deles a relação entre o poder espiritual da Igreja e a jurisdição temporal dos Príncipes Soberanos. Para uma ampla compreensão, cf. a Introdução e o capítulo 3, a respeito da influência do jansenismo francês sobre Portugal.

²² Para uma ampla compreensão das circunstâncias que envolvem esses exemplos, cf. BADINTER, 2009, p. 22 et seq.

²³ Ibidem, p. 48 et seq.

Conforme aponta Lilti (2018), o conceito de “opinião pública” começou a se consolidar, influenciando a forma como os monarcas e figuras públicas eram vistos. As críticas baseadas no sentimento público tornaram-se mais pronunciadas, marcando uma mudança das visões tradicionais de autoridade, bem como fomentaram a ascensão de uma cultura das celebridades em que essas figuras públicas²⁴, incluindo membros da família real, eram submetidas a escrutínio e fascínio. Essa nova cultura de celebridades começou a confundir as linhas entre vidas pessoais e personalidades públicas, levando a uma curiosidade pública mais intensa sobre seus assuntos privados.

Culturalmente, Paris estabelecia-se como sinônimo de refinamento e glamour. Desde a quase permanente instalação da corte em Paris ao término do século XVI e, posteriormente, a consolidação do domínio absolutista ao longo do século XVII, observa-se simultaneamente uma migração de quase todas as atividades intelectuais francesas para Paris. No século XVIII, o reinado de Luís XV trouxe também novas dinâmicas à corte, alterando as rígidas práticas ceremoniais de Luís XIV. Madame de Pompadour, como amante do rei, desempenhou um papel fundamental nessa transformação, navegando pelas complexidades da vida na corte e influenciando diretamente as tendências culturais. A atmosfera da corte francesa funcionava como um espelho para as demais e o estilo de vida parisiense estabelecia-se cada vez mais como ícone de sofisticação, bom gosto e refinamento.

Categoricamente, o francês conquistava status de língua franca, sendo adotado pelas principais cortes da Europa. Bourdieu (1995) aponta que a linguagem não é meramente um meio de comunicação; é um instrumento poderoso que molda e mantém estruturas sociais de dominação, funcionando por meio do capital cultural, legitimação e educação, além de refletir as aspirações dos diferentes estratos sociais. Paris, que já era o epicentro da monarquia absolutista, prevalecia como a cidade mais importante da Europa neste século, o que, segundo Casanova (2002), implicava influência crescente da corte e um fortalecimento dos salões.

É nesses locais de mundanalidade que se encontram os diversos componentes do mundo dos letrados, eruditos e mundanos, mulheres da sociedade – cujo papel essencial na difusão de uma nova arte de viver e conversar foi muito enfatizado –

²⁴ Essas figuras públicas, que eram, em sua maioria escritores e artistas como Voltaire, Rousseau e Beaumarchais, eram também figuras políticas proeminentes por seus estilos de vida. Lilti (2018) aponta John Wilkes e Chevalier d’Éon como figuras que ganhavam notoriedade significativa na França nesse período, o primeiro ficando conhecido por conta do estilo de vida libertino e pela defesa das liberdades pessoais, enquanto Chevalier d’Éon ganhava status de celebridade por meio de intrigas políticas (suas ameaças de revelar segredos de estado, por exemplo, cativaram a atenção do público de toda a Europa) e de sua identidade sexual considerada única naquele contexto eurocêntrico.

, cientistas e poetas... E é por meio desses salões que a língua se difunde e se estende à totalidade dos membros da classe dirigente. A língua, o uso correto, a conversa e a arte literária, como provavelmente em nenhuma outra parte do mundo na mesma época, saem dos colégios e gabinetes de eruditos e tornam-se o objeto de uma arte de viver e de uma arte da conversa. (Casanova, 2002, p. 86-87)

Os salões literários na França emergiram de uma tradição que se estendeu do século XVII até o início do XX, tornando-se indispensáveis para a literatura francesa. Segundo Pascal (1997), essas pequenas cortes reuniam aristocratas e homens de letras, que, ao buscarem ampliar seus espaços de conversação, começaram a abrir-se para artistas. Ao fim do século XVII, as reuniões literárias dos salões parisienses haviam se tornado parte integrante da vida social e intelectual da França. Nesse contexto, Badinter (2003) aponta que manter um salão era a atividade mais procurada pelas mulheres, pois, nesses espaços, encontravam-se a aristocracia e os integrantes da *société polie*²⁵, a elite social que apreciava a cultura e a conversa refinada, tendo-as como anfitriãs. No seio da alta sociedade francesa, surgia um ambiente propício para as mulheres da elite se afirmarem, ao mesmo tempo em que fortaleciam o método da conversação e a socialização. Nesses espaços, era possível debater política, liberdade, igualdade, religião e tantos outros temas relevantes àquele momento, com as grandes mentes do Iluminismo. Para algumas mulheres, como Madame de Pompadour e Madame d'Épinay²⁶, isso significava também uma ocasião para promover (e testar) seu prestígio na sociedade.

Em *Émilie, Émilie: A ambição feminina no século XVIII*, Elisabeth Badinter (2003) destaca como a ambição, durante o período absolutista, era um privilégio restrito a poucos, especialmente aos mais abastados. A educação, de forma semelhante, permanecia um direito exclusivo da elite,

²⁵ Em *Mémoire pour servir a l'histoire de la société polie en France* (1835), Roederer descreve como “*le tableau d'une société d'élite, qui s'éleva, avec le XVIIe siècle, au sein de la capitale; unit les deux sexes par les nouveaux liens, par de nouvelles affections; mêla les hommes distingués de la cour et de la ville, les gens du monde poli et les gens de lettres; créa des mœurs délicates et nobles, au milieu de la plus dégoûtante dissolution; reforma et enrichit la langue, prépara l'essor d'une nouvelle littérature, éleva les esprits au sentiment et au besoin de jouissances ignorées du vulgaire.*” (p. 6) [“o retrato de uma sociedade de elite, que surgiu com o século XVII, no seio da capital; uniu os dois sexos por novos laços, por novas afeições; misturou os homens distintos da corte e da cidade, as pessoas do mundo polido e as pessoas de letras; criou costumes delicados e nobres, no meio da mais repugnante dissolução; reformou e enriqueceu a língua, preparou o surgimento de uma nova literatura, elevou os espíritos ao sentimento e ao desejo de prazeres desconhecidos do vulgar.” (Tradução nossa)]

²⁶ Louise Florence Pétronille Tardieu d'Esclavelles d'Épinay foi uma escritora francesa. Ela era uma das grandes donas de salão no Antigo Regime. Recebeu uma educação típica para as mulheres de seu tempo: diferentemente de Madame de Pompadour, que contou com a mãe para apoiá-la no estudo das ciências e das artes, Louise recebeu uma educação baseada na pedagogia da submissão e no sistema de valores maternais. Como demonstra Badinter (2003) em sua biografia da autora, levaria muito tempo para que Madame d'Épinay levasse suas opiniões a público, fato que só ocorreu quando a autora se tornou avó.

enquanto os debates sobre a instrução feminina eram permeados por posturas paternalistas, ironias e menosprezo. No entanto, conforme observa a autora, o século XVIII proporcionou às mulheres das classes dominantes uma rara oportunidade, pois os preconceitos sociais, embora persistentes, mostravam-se menos rígidos do que no século anterior

Reinava também um certo ar de liberdade ao qual os revolucionários rousseauístas colocarão um ponto final por muito tempo. Entre o autoritarismo de Luís XVI e o de Napoleão, houve um período quase fausto para as mulheres das classes dominantes. Um momento abençoado em que os homens se aproximaram delas. (Badinter, 2003, p. 30)

Essa abertura pode ser associada à moderação promovida pelo Iluminismo, que, ao lado de inovações intelectuais e sociais, favoreceu uma leve melhoria nas condições de vida dessas mulheres e uma liberdade sem precedentes. Os salões literários, em especial, tornaram-se ainda mais influentes em comparação ao século anterior, conferindo às mulheres um espaço ampliado de protagonismo cultural e social.

1.2. Salões parisienses: epicentro da vida literária e intelectual no século XVIII

Desde o início do século XVIII até a Revolução, os salões parisienses despontaram como centros de intensa atividade cultural, atraindo pessoas de letras, aristocratas e estrangeiros de toda a Europa. Segundo Lilti (2005), a primeira característica a ser notada a respeito dos salões é sua diversidade. A pluralidade de “sociabilidades” e práticas sociais performadas nesses ambientes torna impossível realizar uma delimitação tipológica ou uma definição estrita para o termo “salão”. O termo “salões” abrangia, nessa época, tanto grandes espaços públicos quanto locais destinados a reuniões sociais e eventos culturais. Esses espaços iam além do mero entretenimento, funcionando como um palco para uma cultura urbana vibrante e inclusiva, em que diferentes camadas da sociedade – nobres, burgueses e, ocasionalmente, até os populares – podiam interagir.

Ao longo do tempo, a prática de reuniões em salões não apenas consolidou esses espaços como focos de sociabilidade, mas também como precursores da literatura moderna na França, sendo o primeiro deles fundado após o casamento de Catherine de Vivonne com o diplomata Charles d’Angennes, o Marquês de Rambouillet. Catherine de Vivonne, então Marquesa de Rambouillet, passou a exercer o papel de *salonnière* no primeiro e mais atuante salão do século XVII. As reuniões aconteciam no hotel de Rambouillet, e seus participantes, dentre eles renomados

artistas como Gianbattista Marino²⁷ e Malherbe²⁸, além de Richelieu²⁹, referiam-se a esses encontros como *société*. A marquesa de Rambouillet é considerada pioneira dos salões literários, e das conversas que aconteciam nos salões, conduzidas por ela e por outras damas da sociedade (como, por exemplo, Madeleine de Scudéry, primeira mulher a obter um prêmio da Academia Francesa em 1671, por seu *Discours de la gloire*³⁰), surge *La Préciosité*, movimento literário que nasce com as *Précieuses*³¹. Em sua tese *Naissance des femmes de Lettres en France au XVIIe siècle*, Myriam Maître (1999) investiga a relação entre o episódio “*précieux*” e o surgimento da literatura na França.

L'épisode « *précieux* » représenterait un moment où, par la langue, la civilité, la littérature, des femmes, nobles et surtout parisiennes, ont participé à la naissance et à l'installation d'un espace public construit autour d'une certaine conception et de certaines pratiques des belles-lettres, avant d'en être chassées, pour ne plus rester dans la vision des critiques du XIXe siècle (Sainte-Beuve ou Victor Cousin) que comme le souvenir suranné et pittoresque d'un anodin scandale « *grand siècle* »³² (Jouhard, 2018 p. 1153).

Como uma oposição à corte de Luís XIV³³, no início do século, a Duquesa du Maine³⁴ abre as portas de seu salão no Château de Sceaux, local onde recebia estudiosos, poetas, escritores e artistas da época. Além disso, costumava oferecer grandes bailes à fantasia, com apresentações de

²⁷ Poeta italiano, fundador da escola do Marinismo. Sua obra, repleta de jogos de palavras e metáforas, era apreciada por toda a Europa. Suas metáforas eram tão engendradas que “marinismo” passou a ser utilizado como um termo pejorativo.

²⁸ Poeta francês que preparou o caminho para o Classicismo francês, em benefício de sua pureza linguística.

²⁹ Cardeal, estadista e Duque de Richelieu, foi primeiro-ministro de Luís XIII entre os anos de 1624 e 1642. Seus principais objetivos eram o estabelecimento do absolutismo real na França e o fim da hegemonia espanhola-habsburga na Europa.

³⁰ Denis, Delphine. Scudéry, Madeleine de. Commemorations Collection, 2007. Disponível em: https://francearchives.gouv.fr/fr/pages_histoire/39787. Acesso em: 15 abril de 2024.

³¹ ADAM (1951) remonta o nascimento do Preciosismo ao emprego do termo “*Précieuses*” em 1654, usado para identificar o grupo de mulheres aristocráticas que se dedicavam à literatura. Lê-se em uma carta do Chevalier de Sévigné, 3 de abril de 1654: « *Il y a une nature de filles et de femmes à Paris que l'on nomme Précieuses, qui ont un jargon et des mines avec un démanchement merveilleux* ». [“Há um tipo de moças e mulheres em Paris chamado *Preciosas*, que têm um jargão e modos com uma afetação maravilhosa.” (Tradução nossa)]

³² “O episódio “*precioso*” representaria um momento em que, por meio da língua, da civilidade e da literatura, mulheres, nobres e especialmente parisienses participaram do nascimento e da instalação de um espaço público construído em torno de uma certa concepção e de certas práticas das belas-letras, antes de serem afastadas, restando na visão dos críticos do século XIX (Sainte-Beuve ou Victor Cousin) apenas como a lembrança arcaica e pitoresca de um infográfico escândalo do ‘grande século’.” (Tradução nossa)

³³ Crépet, Eugène. *Les poëtes français*. Paris, 1861.

³⁴ Anne-Louise-Bénédicte de Bourbon tornou-se Duchesse du Maine ao casar-se com o Duque du Maine, filho legítimo de Luís XIV. Enquanto duquesa, apoderou-se de sua identidade; era orientada por Nicolas de Malézieu, matemático e membro da Academia de Ciências e da Academia Francesa. Seu salão combinava a atmosfera intelectual com a presença de cientistas e poetas que aproveitavam da vasta erudição da biblioteca do castelo e com as extravagantes festas e espetáculos, que ficaram conhecidos como as *Grandes Nuits*.

comédias e óperas, o que daria a seu castelo a fama de *temple des galantries délicates et des gracieuses frivolités*³⁵. Embora as despesas excessivas e erros políticos tenham forçado a duquesa a fechar as portas de seu castelo, em 1720 este salão renasce das cinzas: sem renunciar às antigas amenidades do teatro e da ópera, o salão reabriria assumindo uma orientação mais literária: passaram a encontrar-se neste ambiente Fontenelle, La Motte, parlamentares e, acolhido pela duquesa, Voltaire, que passou de 1746 a 1750 sob sua proteção. Foi neste ambiente³⁶ que o filósofo escreveu e apresentou pela primeira vez *Zadig, ou La Destinée*, bem como *Micromégas*, um dos primeiros esboços da ficção científica ocidental.

O auge da influência desses salões se deu na segunda metade do século XVIII, quando neles eram fomentados movimentos artísticos que propiciaram a formação de uma esfera pública crítica. Voltaire, em carta³⁷ a D'Alembert em 1767, ilustra a consciência da importância da opinião: “É a opinião que governa o mundo, e cabe a vós governar a opinião”. Assim, os salões amplificavam, a partir de um espaço de socialização, ambientes de crítica à corte e à rígida estratificação social, em que as ideias iluministas e as demandas por liberdade começavam a tomar forma.

Esse clima de efervescência cultural, especialmente na segunda metade do século XVIII, pode ser observado no estudo de Pichet (2022) sobre o *Salon* de 1753³⁸ organizado por Jacques André Portail, e traz um exemplo prático da atuação dos salões na construção desse ambiente de análise crítica e interação cultural. As mostras dos acadêmicos, até então montadas e controladas pela Real Academia desde 1663, ganhavam popularidade a partir das críticas veiculadas pela imprensa, que impulsionava o interesse de um público socialmente diversificado e prenunciava a abertura das exposições para além do círculo aristocrático. A concessão do *Salon Carré*, um espaço nobre no Palácio do Louvre, à Academia em 1725, marcou o momento em que as exposições passaram a ser públicas. Neste salão, o pintor Jacques André Portail dispôs, em 1753, uma mostra de arte em que as obras foram organizadas de maneira não apenas a facilitar a apreciação estética, mas a promover um engajamento reflexivo do público, permitindo que ele pudesse estabelecer comparações e refletir sobre as peças em um contexto mais amplo, conectando a experiência estética a questões sociais e visões pessoais. Tal disposição incentivou a formação de um público

³⁵ “Templo das galanterias delicadas e das graciosas frivolidades” (GLOTZ; MAIRE, 1949 apud DELON, 2010, p. 1116).

³⁶ PASCAL, Jean-Noel. “Salons parisiens du premier XVIIIe”. In: *Dictionnaire européen des Lumières*. Paris: PUF, juin, 2010.

³⁷ Cf. BADINTER. *As paixões intelectuais*. Vol. 3. p. 5.

³⁸ Isabelle, Pichet. "The Discourse of the Salon" (2022) p.:39-53. doi: 10.4324/9781003268550-5

crítico e colaborou para a construção de um discurso público mais elaborado. Essas mudanças propiciadas pelos salões contribuíram para disseminar ideias que questionavam as fundações da sociedade e alimentavam as primeiras demandas por uma reorganização política e social.

Figura 2 – Gravura em metal – *Vue du salon du Louvre en l'année 1753*



Fonte: Rosenwald Collection, National Gallery of Art. Autor: Gabriel Jacques de Saint Aubin

Conforme argumenta Kale (2004), os salões tornaram-se instituições culturais relevantes na França e, no decurso do tempo, e mais especialmente durante o Antigo Regime, serviram como locais de intensa sociabilidade. A prática de realizar reuniões em salões tornou-se parte integrante da vida intelectual e social, e a dinâmica das cortes e o modelo de sociabilidade praticado nesses espaços espalharam-se também por outras nações. As damas da aristocracia montavam, ao seu redor, uma pequena corte no estilo de Luís XIV, o *Roi-Soleil*, e tinham como motivação manter

entretidos seus convidados, com conversas e espetáculos que estimulassem *le génie*³⁹. Dessa forma, a cultura passa a deslocar-se em direção a um espaço semiprivado, marcando a emancipação da arte em relação ao Estado. Em contrapartida, a progressiva transferência do mecenato artístico, outrora assegurado pela nobreza e pelas autoridades eclesiásticas, prenunciava a nova dependência material dos artistas: a burguesia.

Essa aparente “proteção” concedida à arte, e especialmente aos escritores, alinhou-se de forma precisa ao surgimento do romance como gênero literário, que, após séculos de transformação, encontrou na burguesia ascendente um solo fértil para se expandir. Lynn Hunt (2007) argumenta que, embora estivessem receptivos a novas concepções, prevalecia a ideia de que “todos os indivíduos normais são igualmente capazes de viver juntos numa moralidade de autocontrole” – um ideal fundamentado em princípios que, na prática, revelavam-se restritivos, já que não concebiam todas as pessoas como igualmente aptas à autonomia moral:

Duas qualidades relacionadas, mas distintas, estavam implicadas: a capacidade de raciocinar e a independência de decidir por si mesmo. Ambas tinham de estar presentes para que um indivíduo fosse moralmente autônomo. Às crianças e aos insanos faltava a necessária capacidade de raciocinar, mas eles poderiam algum dia ganhar ou recuperar essa capacidade. Assim como as crianças, os escravos, os criados, os sem propriedade e as mulheres não tinham a independência de status requerida para serem plenamente autônomos. As crianças, os criados, os sem propriedade e talvez até os escravos poderiam um dia tornar-se autônomos (...). Apenas as mulheres não pareciam ter nenhuma dessas opções: eram definidas como inerentemente dependentes de seus pais ou maridos. Se os proponentes dos direitos humanos naturais, iguais e universais excluíam automaticamente algumas categorias de pessoas do exercício desses direitos, era primariamente porque viam essas pessoas como menos do que plenamente capazes de autonomia moral. (Hunt, 2009, p.26-27)

A influência das Preciosas manifestava-se principalmente através de seus patrocínios aos artistas, e a liberdade concedida a elas servia ao propósito daquela nova sociedade que estava sendo idealizada junto ao próprio movimento preciosista. Apesar da evidente contribuição desses espaços na construção do pensamento crítico das mulheres, tudo estava sujeito às restrições sociais e culturais do meio, e as principais barreiras institucionais tardariam a ser anuladas. Ao analisar as influências do preciosismo no conteúdo e na estrutura das tragédias líricas de Quinault e Lully, Patricia Howard (1991) salienta a incontestável contraposição entre a gravidade dos problemas sociais da época e a usual trivialidade literária que envolvia as temáticas familiares ao preciosismo.

³⁹ No Iluminismo, o termo “*génie*” não tem mais o caráter mitológico e teológico dos séculos anteriores. Nesse caso, *le génie* significa um furor, delírio, inspiração (divina ou demoníaca), entusiasmo ou também uma disposição natural ou talento nato.

Assim como seus contemporâneos, as Preciosas desejavam dominar os temas e participar dos acontecimentos de seu tempo, incorporando-se às revoluções científicas, sociais e filosóficas. Como afirma, entretanto, Howard (1991),

The Précieuses wanted to be involved in all these movements, but their experience and education were too narrow for them to be able to contribute to more than a small corner of them. The Fronde had given some aristocratic women a taste for power but it was difficult to sustain ambition in the post-Fronde era. Women unwisely aped the scientific revolution by trying to apply scientific principles to the only area in which they had expertise, the phases and refinements of the passions. They participated to more purpose in the social revolution by extending membership of their originally aristocratic salons to the bourgeoisie. Their most extensive contribution was to creative literature and literary criticism, but even here their scope was limited. Love was their sphere; they literally mapped it, with their 'Cartes du Pays Tendre,' and categorized it, with their eight degrees of love, twenty kinds of sigh, forty categories of smile.' To evaluate their achievements, we have to discard a good deal of the undoubtedly silliness of the movement, trenchantly lampooned by Moliere and Boileau, and search out their revolutionary understanding of woman's nature. For if in French theatre in the second half of the century, women's roles are preeminent, it was the précieux movement which made them so⁴⁰ (HOWARD, 1991, p. 58).

A análise de Howard (1991) demonstra que o movimento preciosista representava uma tentativa de emancipação feminina, ainda que limitada pelas convenções da época. As *Précieuses*, ao mesmo tempo em que participavam da vida cultural e crítica de seu tempo, viam-se obrigadas a restringir suas atividades àquilo que era socialmente permitido, como as discussões sobre amor e comportamento refinado. Essa delimitação, imposta tanto pela educação que lhes era concedida quanto pelas expectativas sociais, fez com que suas contribuições literárias girassem, frequentemente, em torno das paixões e dos códigos de conduta sentimental. Contudo, as *Précieuses* aproveitaram essa "limitação temática" para explorar o universo amoroso com uma

⁴⁰ "As Preciosas queriam envolver-se em todos esses movimentos, mas sua experiência e educação eram muito limitadas para que pudessem contribuir para mais do que uma pequena parte deles. A Fronda havia despertado o gosto pelo poder em algumas mulheres aristocráticas, mas era difícil sustentar a ambição na era pós-Fronda. As mulheres imitaram imprudentemente a revolução científica ao tentar aplicar princípios científicos à única área em que tinham expertise, as fases e refinamentos das paixões. Elas participaram de forma mais efetiva na revolução social ao estender a adesão de seus salões originalmente aristocráticos à burguesia. Sua contribuição mais extensiva foi para a literatura criativa e a crítica literária, mas mesmo aqui seu alcance era limitado. O amor era sua esfera; elas literalmente o mapeavam, com suas *Cartes du Pays Tendre*, e o categorizavam, com seus oito graus de amor, vinte tipos de suspiro, quarenta categorias de sorriso. Para avaliar suas realizações, temos que descartar boa parte da indubitável bobagem do movimento, ridicularizada por Molière e Boileau, e buscar seu entendimento revolucionário da natureza feminina. Pois se no teatro francês na segunda metade do século os papéis femininos são proeminentes, foi o movimento *précieux* que os fez assim." (Tradução nossa)

profundidade que, paradoxalmente, ajudou a promover uma revolução na maneira de entender o papel da mulher na literatura e na sociedade.

Portanto, ainda que ao longo do século XVIII os salões tenham apenas ampliado sua importância enquanto local de socialização e gerado espaço para uma *pseudoautonomia* feminina, que progredia ao menos naquela esfera, a abrangência temática limitava-se ao imaterial, ao subjetivo. A interação com os pensadores tradicionalistas e críticos à emancipação feminina, por sua vez, mostrava-se indispensável; mulheres podiam participar ativamente das discussões intelectuais, compartilhar seus pontos de vista e até mesmo publicar seus trabalhos, alcançando assim algum reconhecimento por suas contribuições intelectuais⁴¹. Naturalmente, o auge de sua independência restringiu-se à convivência com outros autores e intelectuais, na tentativa de construir uma possibilidade de aprimorar ideias e cultivar a anuência que seria fundamental na concretização de qualquer ambição criativa.

Como veremos ao longo do trabalho, os salões, ao promoverem essa integração entre classes sociais, ainda que restrita, abriram espaço para o surgimento de novas culturas literárias que ultrapassavam os limites da aristocracia e que, de certo modo, preparavam o terreno para o surgimento de uma literatura cada vez mais acessível e identificada com o público burguês. Assim, as *Précieuses* contribuíram não apenas para a literatura de seu tempo, mas também para o processo de popularização de um ideal cultural e sentimental que, mais tarde, seria apropriado e expandido pelo romance enquanto gênero.

A cultura do preciosismo acabou gerando um campo de interferência às rígidas estruturas patriarcais, antecipando uma discussão mais ampla sobre o papel da mulher na produção literária e no espaço público. Se a burguesia trouxe consigo novas exigências culturais e sociais, as *Précieuses* foram as pioneiras na tradução desses ideais em uma forma de literatura que, mesmo repleta de sutilezas e limitações, carregava em seu cerne o germe de uma crítica social que iria se desenvolver ao longo do século XVIII e dos séculos posteriores.

1.3. O romance enquanto doutrina pedagógica

O romance pedagógico emergiu no século XVIII como uma forma literária que entrelaçava o ensino com o desenvolvimento moral e emocional, refletindo os ideais iluministas. Uma das

⁴¹ Destaca-se a relevância do trabalho científico e literário de Émilie du Châtelet, que, entre 1746 e 1749, traduziu *Principia Mathematica* de Isaac Newton, sendo uma das principais responsáveis pela inserção da obra na França.

características mais expressivas do romance enquanto gênero literário é sua capacidade de incorporar outras técnicas narrativas e subgêneros, aprimorando a experiência da narrativa e mobilizando os leitores a compreenderem as motivações e os conflitos dos indivíduos em seus contextos sociais. Esse potencial de construir personagens e situações realistas permitiu que o romance se tornasse um meio eficaz de transmitir valores e normas, especialmente entre a nobreza e a burguesia em ascensão. Filósofos e escritores do período exploraram essas particularidades, introduzindo valores moralizantes nas narrativas como um modo de instruir os leitores sobre os padrões e valores da nobreza.

As mudanças no estilo narrativo e no foco temático dos romances do século XVIII fizeram com que esse gênero tivesse uma profunda influência na educação feminina, especialmente com o aumento de romances destinados a educar mulheres nos preceitos da moralidade e dos papéis de gênero. No entanto, a Igreja e outros setores conservadores viam o romance com muita desconfiança, temendo seu potencial de espalhar a irreligião. De fato, ao dar profundidade a um personagem não convencional, o romance ajudava a ilustrar as questões sociais mais amplas em jogo, bem como servia de comentários políticos (sutis ou não), criticando as estruturas de poder e ideologias existentes.

Uma proeminente figura da crítica iluminista que explorou essa concepção pedagógica no romance foi Jean-Jacques Rousseau⁴², que, através de seus romances, transmitia sua crença de que a educação feminina deveria estar restrita aos habituais papéis de gênero, visando a formação de boas mães e esposas em detrimento da independência social e intelectual. Para Rousseau, as mulheres deveriam ser educadas com foco em habilidades práticas e conhecimentos domésticos, pois sua "vocação natural" seria a maternidade, com a mãe ocupando o papel principal na criação dos filhos. Em *Émile ou De l'Éducation* (1762), obra que influenciou muitos de seus contemporâneos, incluindo Madame de Genlis, Rousseau enfatiza a importância de condicionar as mulheres desde a infância aos papéis de gênero estabelecidos, naturalizando a maternidade como o clímax de suas existências e atribuindo às próprias mulheres a responsabilidade de perpetuar essa tarefa. Como se observa no trecho abaixo:

É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe, que te soubeste afastar do caminho trilhado e proteger o arbusto nascente contra o choque das opiniões humanas.

⁴² J-J. Rousseau, filósofo, autor e compositor do século XVIII, escreveu obras que influenciaram a filosofia política, a pedagogia e a literatura. Genebrino, nascido em 1712, Rousseau desde sua primeira grande obra, *Le Discours sur les sciences et les arts* (1749), alcançaria renome mundial. Sua obra mais conhecida, e um dos textos mais importantes para a filosofia política, é *Du contrat social ou Principes du droit politique* (1762).

Cultiva, rega a jovem planta antes que morra: seus frutos dar-te-ão um dia dia alegrias. Estabelece desde cedo um cinto de muralhas ao redor da alma de tua criança. Outro pode assinalar o circuito, mas só tu podes erguer o muro. (Rousseau, 1992, p. 10)

Um ano antes, Rousseau havia publicado o célebre romance *Julie, ou la nouvelle Héloïse* (1761), romance epistolar recebido com enorme efeito pela sociedade letrada da época. Lilti (2018) aponta que essa se tornou uma das obras mais conhecidas na Europa durante o período, gerando curiosidade e entusiasmo entre os leitores, efeito que Rousseau soube aproveitar ao comentar, com habilidade, sua própria celebrite. O modelo de sociedade de corte contribuiu também para a proeminência do livro nos círculos literários e para a disseminação dessa obra. O efeito desse romance no público leitor induziu ao sentimento de afeição pelas personagens, principalmente Julie, o que causou grande comoção naqueles que, à vista disso, empatizavam com ela. Toda sorte de pessoas escrevia para Rousseau relatando as emoções e curiosidades acerca de sua obra, que, conforme Lilti (2018), gerou também discussões críticas sobre a natureza da *celebrite* e o papel da literatura na sociedade. A recepção do romance não foi apenas sobre sua popularidade, mas também sobre as questões mais profundas levantadas pelo autor, em especial aquelas relacionadas à fama e a identidade pessoal.

Segundo suas *Confissões*⁴³, o que talvez tenha feito de *Julie* um romance tão aclamado em seu tempo foi a forma escolhida por ele para conduzir a narrativa. A simplicidade da trama (centrada na narrativa aparentemente trivial de um amor impossível), atrelada à profunda construção emocional dos personagens, despertou no leitor identificação por personagens inusitados e ao mesmo tempo tão próximos de si. Rousseau consegue trabalhar temas profundamente filosóficos, como, por exemplo, a virtude e o amor, apresentando simultaneamente uma nova forma de enxergar as pessoas, aproximando-se da semelhança humana por intermédio dos sentimentos mais íntimos dos personagens. Rousseau logra, assim, gerar empatia através do amor proibido entre um jovem plebeu e uma nobre, ao passo que ensina a seus leitores uma nova abordagem de leitura, baseada no estímulo da identificação psicológica.

Desse modo, o romance exerceu um papel significativo na difusão de ideais pedagógicos ao evidenciar as tensões entre os anseios de autonomia individual e as restrições impostas pelas rígidas convenções sociais, especialmente para aqueles afastados dos privilégios das sociedades

⁴³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As Confissões*. 4^a edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. – Livro XI (1761), local 9084 de 11304.

estamentais, com destaque para as mulheres. Contudo, o principal entrave à emancipação feminina, além das condições materiais, residia na limitação do acesso à educação formal. Embora a pedagogia ocupasse posição central no pensamento de muitos intelectuais e agentes políticos do período – marcado pelo apreço à instrução e ao aperfeiçoamento moral –, a formação feminina permanecia condicionada às normas patriarcais vigentes.

Conforme salienta Badinter (2003), em boa parte da Europa o ensino destinado às mulheres restringia-se à preparação para os papéis sociais tradicionais de esposas, mães e gestoras do lar. A religião e a moralidade, inculcadas desde a infância, orientavam preceitos éticos e comportamentais predefinidos, pautados em valores conservadores. Adicionalmente, disciplinas como música e dança eram frequentemente incluídas no currículo, refletindo o incentivo ao refinamento pessoal e à adequação social.

Para além desse conjunto normativo, as meninas eram socializadas a adotar posturas de cortesia e polidez, devendo sempre portar-se de forma graciosa e respeitável. O acesso ao saber formal, entretanto, permanecia rigidamente controlado: enquanto os meninos tinham contato desde cedo com áreas como economia, literatura, poesia e história, as meninas dependiam da supervisão de tutoras ou governantas, encarregadas de selecionar leituras consideradas moralmente adequadas, evitando aquelas que pudessem fomentar questionamentos intelectuais.

Essas restrições educacionais e sociais, contudo, não operavam de forma isolada, mas integravam um sistema de valores cuja estabilidade seria profundamente abalada pela Revolução Francesa. Esse acontecimento não apenas reconfigurou as bases políticas e sociais do continente europeu, mas também introduziu novas concepções sobre liberdade, igualdade e cidadania — ideias que, ao tensionar o papel feminino no espaço público e privado, desencadeariam um processo de transformação cujos desdobramentos ecoariam pelas décadas subsequentes.

1.4. Revolução Francesa: entre ruptura e continuidade

A Revolução Francesa é amplamente lembrada como um dos eventos mais transformadores da história ocidental e também um dos momentos mais controversos da história da França, provocando muitas vertentes argumentativas acerca de sua natureza ontológica. Diferentemente de uma revolução de classes uniforme ou de movimentos como a Revolução Americana, a Revolução Francesa apresenta características únicas que a tornaram um evento de múltiplas vertentes. Ainda que tenha sido por muito tempo celebrada no imaginário popular como “a grande revolução” —

especialmente entre os franceses —, ela foi apenas uma entre diversas revoluções e revoltas que marcaram o século XVIII. No entanto, ao contrário de uma simples revolta desordenada, uma revolução contém em si os elementos necessários para alterar o curso da história de um país, conforme investigaremos nessa seção.

Segundo Grespan (2003), a Revolução Francesa representou o colapso da ordem social e política vigente durante o período iluminista, cristalizando o conceito de *Ancien Régime*, termo que passou a ser amplamente empregado a partir de 1789 para designar o sistema derrubado pela insurreição. Os filósofos iluministas, por sua vez, viam com entusiasmo o modelo político instaurado na Inglaterra após a Revolução Gloriosa, uma vez que este assegurava o equilíbrio entre o Parlamento e a Coroa, ao mesmo tempo em que consolidava o liberalismo como princípio estruturante da organização política. Esse ideal liberal tornou-se o eixo central da crítica iluminista, redirecionando tanto seu projeto filosófico quanto suas propostas de transformação social, enquanto questões ligadas à filosofia da natureza, à epistemologia e à história passaram a gravitar em torno desse novo paradigma.

No entanto, ao mesmo tempo em que promoveu uma ruptura com o Antigo Regime, a revolução também abriu caminho para novas estruturas de poder que consolidaram a ascensão da burguesia como classe dominante, estabelecendo uma ordem social marcada por valores e interesses alinhados ao capitalismo emergente. Em lugar de uma revolução que efetivamente redistribuísse poder e riqueza ao povo, o movimento revolucionário acabou por unificar a França para adaptá-la a um modelo de produção e propriedade burguês, cujos benefícios foram amplamente colhidos pela elite econômica. Assim, as promessas de igualdade permaneceram, em grande parte, inacessíveis para as camadas populares, que continuaram submetidas a condições de exploração e pobreza. Entre a ruptura com o passado feudal e a continuidade das desigualdades estruturais, a Revolução Francesa revela-se como um evento paradoxal: ao mesmo tempo em que destruiu velhas hierarquias, instaurou novas formas de dominação que preparariam o terreno para o capitalismo emergente.

O processo revolucionário de 1789 a 1799 foi marcado por fases distintas — monarquia constitucional, convenção nacional e diretório —, permeadas por golpes e contragolpes. Diversos fatores, presentes desde o início do Antigo Regime, influenciaram os eventos de 1789. No entanto, foi ao longo do século XVIII que emergiram os elementos necessários para catalisar as paixões revolucionárias que inflamariam a França. O surgimento da opinião pública foi essencial para

difundir ideais de igualdade, dignidade e ambição de poder no espírito da sociedade. Conforme aponta Lilti (2018), a mídia desempenhou um papel fundamental na formação dessa percepção pública, com jornais oferecendo ampla cobertura de eventos e figuras, muitas vezes transformando-os em narrativas serializadas que cativaram a nação. A popularidade de figuras como Mirabeau, por exemplo, cresceu imensamente devido à sua habilidade oratória. Seus discursos eram frequentemente comparados a apresentações teatrais, evidenciando o caráter dramático do discurso político da época, que não se restringia a debates formais, mas funcionava como um espetáculo que envolvia o público. Nas galerias, os espectadores reagiam emocionalmente, aplaudindo ou interrompendo os palestrantes, criando uma atmosfera vibrante de participação popular.

A França tinha uma tradição literária reconhecida por toda a Europa⁴⁴ e, na segunda metade do século XVIII, os filósofos eram os principais homens políticos⁴⁵ do país. Nesse período, o princípio revolucionário da publicidade foi aproveitado para obter ganhos comerciais, conforme demonstra Lilti (2018) ao apontar a publicação das cartas de Mirabeau. Essa prática refletia uma mudança na forma como narrativas pessoais se entrelaçavam com o discurso político, destacando o papel da literatura na formação da opinião pública e na construção de uma identidade política. Teatros e obras literárias eram considerados fundamentais para a regeneração cultural da nação, cumprindo tanto funções políticas quanto sociais. Esses espaços articularam ideais revolucionários e promoveram um senso de identidade nacional entre a população.

Figuras como Necker, então ministro das finanças, exemplificam o caráter efêmero da excitação política deste período. Embora sua popularidade tenha crescido nos primeiros dias da Revolução, sua influência rapidamente diminuiu. Lafayette, aclamado por seu papel inicial no movimento revolucionário, também viu sua reputação decair devido à sua hesitação em escolher entre apoiar o rei e a Assembleia Nacional, levando a uma queda considerável em sua popularidade.

⁴⁴ No artigo intitulado “Viajantes e livros; leitura, posse e comércio de livros em Portugal no século XVIII”, DeNipoti (2019) desenvolve um estudo acerca da percepção e representação da presença de livros em território português durante o século XVIII e mostra que, mesmo sem nunca terem visitado a península ibérica, autores do Iluminismo francês como Voltaire e Montesquieu conseguiram fornecer traços e características que foram carregados pelo estilo relato de viagem, publicados em formato de cartas ou memórias.

⁴⁵ Acerca disso, Badinter (2003) destaca a visão de Voltaire sobre a conjectura do mundo nesta década: o governo do mundo havia se tornado um jogo a três: o filósofo, a opinião pública e o soberano. Dessa forma, é necessário agir sobre a opinião pública, pois apenas ela é capaz de se impor ao monarca. Cf. BADINTER, 2003, p. 11 et seq.

Por outro lado, Robespierre tornou-se célebre sem buscar a fama. Com seu comportamento austero e comprometimento com os ideais revolucionários, ascendeu ao poder sem a ostentação associada às celebridades. Robespierre desconfiava da popularidade pessoal, frequentemente criticando aqueles que a perseguiam, e acreditava que os verdadeiros revolucionários deveriam evitar a fama para não deixar que ambições individuais superassem o bem coletivo. Como membro do Comitê de Segurança Pública, ele teve um papel crucial na direção do governo revolucionário durante o Reino do Terror, buscando eliminar ameaças contrarrevolucionárias e consolidar o poder em nome da Revolução. Seus discursos e escritos exerceram profunda influência sobre o pensamento revolucionário, promovendo ideias de igualdade e justiça e tentando estabelecer uma república baseada em liberdade, igualdade e fraternidade. No entanto, seu legado é lúgubre devido aos métodos controversos empregados para alcançar esses ideais revolucionários.

Ao tentar buscar as “ideias-mães” (ou ao menos o ponto de partida dessas ideias) nos *cahiers de doléances* do século XVIII, o historiador Alexis de Tocqueville (1997) conclui que a Revolução Francesa não representou uma ruptura abrupta com o passado, mas o ápice de um movimento social e político que se desenrolava havia séculos. Para Tocqueville, a Revolução estava profundamente enraizada no processo gradual de centralização do poder e na crescente busca pela igualdade social, elementos que já se haviam desenvolvido ao longo de várias gerações. Um dos fatores que contribuíram para o enfraquecimento do poder absolutista, segundo o autor, foi o declínio paralelo da Igreja, que, como o feudalismo, passava por um processo de decadência desde séculos anteriores. Não obstante, embora sua autoridade política tivesse diminuído consideravelmente no século XVIII, sua influência sobre os costumes e o pensamento cotidiano, especialmente entre as camadas mais humildes da sociedade, ainda desempenhava um papel fundamental na incitação da Revolução. Isto porque a igreja, além de uma grande proprietária de terras, estava profundamente envolvida no sistema feudal, o que alimentava o ressentimento generalizado entre a população. Esse ressentimento foi amplificado pela percepção pública de que o clero estava mais preocupado com seu poder temporal do que com os deveres espirituais que lhe eram atribuídos.

Outro ponto de investigação de Tocqueville (1997) é a *intelligentsia* da época, que, segundo o autor, cometeu o erro de teorizar sobre uma nova sociedade sem experiência prática em assuntos públicos. Essa desconexão contribuiu para a natureza caótica da Revolução, que, de forma muito

contundente, marcava em si a violência e o extremismo. Paradoxalmente ao que estava sendo pregado pelo Iluminismo, Tocqueville aponta que o caráter emocional do movimento foi um dos principais culpados pelos resultados negativos da Revolução.

A Revolução Francesa trouxe mudanças significativas na vida das mulheres, particularmente em termos de seus papéis sociais e políticos. As mulheres começaram a participar ativamente de atividades revolucionárias, defendendo seus direitos e buscando maior igualdade na sociedade. Ao analisar as fontes visuais produzidas na Revolução Francesa, Cruz (2020) aponta a participação das mulheres do Terceiro Estado, como as “*femmes tricoteuses*”, frequentemente retratadas tricotando enquanto participavam de discussões políticas, o que espelha o envolvimento ativo no discurso revolucionário e destaca suas atividades tanto como forma de engajamento político quanto como meio de afirmar sua presença em uma esfera pública dominada por homens.

Outras mulheres agrupavam-se em clubes políticos, como a Sociedade das Mulheres Republicanas Revolucionárias, local em que discutiam questões políticas e defendiam os direitos das mulheres. Com base nos cadernos de reclamações do período, percebe-se que a maioria das demandas femininas era por direitos civis, posto que, até o momento, as crenças giravam em torno de sua incapacidade intelectual e moral, discutidas nas seções anteriores. Logo, as reclamações femininas refletiam demandas por educação, empregos, independência e mais autonomia na vida pública. A Revolução estimulou essas discussões sobre os papéis de gênero e os direitos das mulheres de uma forma pública. Embora muitos líderes revolucionários hesitassem em abraçar totalmente a igualdade de gênero, o período lançou as bases para os questionamentos dos futuros movimentos feministas, que desafiavam justamente as visões tradicionais sobre o papel das mulheres na sociedade.

No entanto, as demandas femininas por direitos como a educação e o direito ao voto foram amplamente ignoradas pelos líderes revolucionários. Esse fato não passou despercebido na época: Olympe de Gouges, considerada a pioneira do feminismo ocidental, buscava dar voz a essas reivindicações ao criticar a “igualdade” excludente pregada pelos revolucionários. Em *Pronostic sur Maximilien Robespierre, par un animal amphibie* (1792), assinado sob o pseudônimo de Polyme, Olympe de Gouges acusa Robespierre de ser um impostor e uma figura perigosa, comparando-o a um monstro cujas ações ameaçam a República, ao mesmo tempo em que questiona seu compromisso com a justiça e a democracia. Além disso, a autora adverte contra os perigos do

patriotismo excessivo e da violência, defendendo a supremacia da lei, mesmo para aqueles que cometiam atos monstruosos, como Robespierre, sugerindo que seu destino deveria ser decidido pela lei, e não pelas paixões do povo. Este texto é uma análise crítica contundente do cenário político da época, na qual Olympe de Gouges alerta o povo francês sobre o possível colapso da Revolução e da República, caso permitam que a Revolução seja guiada por vinganças pessoais ou derramamento de sangue.

Assim, a Revolução Francesa também destacou a disparidade entre a retórica revolucionária da igualdade e a realidade vivida pelas mulheres. Enquanto os homens conquistavam direitos políticos e utilizavam seu status para atender a demandas particulares, as mulheres eram frequentemente relegadas à esfera doméstica, enfrentando resistência social contra suas aspirações por igualdade. Em resumo, embora a Revolução tenha desencadeado um movimento pelos direitos das mulheres e promovido uma maior visibilidade feminina na vida pública, as estruturas legais e sociais subsequentes restringiram amplamente esses avanços, deixando as mulheres a continuar sua luta pela igualdade nos anos que se seguiram.

Essas contradições e limitações não se restringiram ao campo dos direitos das mulheres. Conforme Tocqueville observa, a França passou por uma série de crises que dificultavam o retorno da prosperidade pública ao país. O próprio esforço do governo para desenvolver essa prosperidade, por meio de auxílios, facilidades e execução de obras públicas, gerava um aumento progressivo das despesas, sem que houvesse um aumento correspondente nas receitas. Em contrapartida, em nenhuma das épocas seguintes à Revolução houve um avanço na prosperidade⁴⁶ tão rápido quanto nas duas décadas que a precederam. Nesse ínterim, uma insatisfação geral se instalava, uma opinião partilhada de que não havia nenhum progresso perceptível na França. Um despertar ocorre no corpo social⁴⁷ e, apesar da crescente prosperidade, o descontentamento público apenas aumenta, do mesmo modo que a aversão pelas antigas instituições.

O absolutismo monárquico, por sua vez, mostrava-se mais fraco a cada momento. A imagem que se formava (reforçada pela mídia) é a de que esta rígida engrenagem engendrada pela

⁴⁶ TOCQUEVILLE, A. *O Antigo Regime e a Revolução*. 4^a edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1997. p. 165.

⁴⁷ Existe uma agitação para mudar-se de posição, uma motivação em esforçar-se para sair de sua condição. Segundo Tocqueville, “à medida que estas transformações acontecem no espírito dos governados e dos governantes, a prosperidade pública desenvolve-se com uma rapidez inédita.” (Id. Ibid.)

ideologia da Monarquia absolutista parecia frear a máquina social, impedindo-a de enriquecer, de desenvolver-se e de industrializar-se. O recolhimento de impostos já não era suficiente para manter a corte e tampouco realizar as reformas necessárias e almejadas pelo rei. Este, por sua vez, obedecia a uma opinião pública que “*o inspirava ou arrastava diariamente*”, limitando a prática monárquica. A cada tentativa de controlar o comércio⁴⁸, a credibilidade e o apoio do monarca diminuía.

No campo, a população suportava praticamente toda a carga tributária e, às vésperas da Revolução, os habitantes das aldeias não eram vistos senão como fonte de lucro para a monarquia. Os altos impostos⁴⁹ eram definidos de forma arbitrária, podendo variar continuamente sem aviso prévio. Ademais, as colheitas fracassavam e a condição do camponês se resumia ao esquecimento ou à violência. Enfim, havia uma distinção clara e plena entre os moradores do campo e os dos burgos, de forma que até mesmo os servos que viviam nas cidades contavam com mais assistência e viviam em melhores condições. Ao analisar os *cahiers de doléances*⁵⁰ do Antigo Regime, Tocqueville observa que

O governo do antigo regime que era, como o disse, tão manso e às vezes tímido, tão amigo das formas, da lentidão e da consideração quando se tratava dos homens colocados acima do povo, e muitas vezes rude e sempre rápido quando agia contra as classes baixas, principalmente os camponeses. Entre as peças que tive sob os olhos não vi uma só que divulgasse a prisão de burgueses pela ordem de um intendente, mas os camponeses são presos sem cessar, por ocasião da corveia, da milícia, da mendicância, da polícia e em mil outras circunstâncias. Para uns, tribunais independentes, longos debates, uma publicidade tutelar; para os outros, o preboste que julgava sumariamente e sem recurso. (Tocqueville, 1997, p.137)

Apesar da distinção entre nobreza e burguesia, bem como do estigma que recaía sobre o burguês-fidalgo, essas ordens não tinham interesses por inteiro conflitantes. Se por um lado havia uma burguesia tentando se integrar à nobreza, participar politicamente e operar as oportunidades econômicas mais amplamente, por outro havia uma nobreza em conflito, fragmentada e diversa. Estima-se que, à época da Revolução Francesa, ao menos $\frac{1}{4}$ dos membros da nobreza⁵¹ era

⁴⁸ Em 1784, em um documento público, Necker mostrava como um fato incontestável que "a maioria dos estrangeiros encontra dificuldades em visualizar a autoridade exercida hoje na França pela opinião pública e compreender qual é esta potência invisível que comanda em tudo, até no palácio do rei. Entretanto, é assim que as coisas acontecem". Id. p. 165-166.

⁴⁹ Cf. VOVELLE (2012), *A crise econômica no fim do Antigo Regime*, p. 19.

⁵⁰ Os cadernos de reclamações ou cadernos de queixas eram registros das reclamações e petições da população que se popularizaram no reinado de Luís XVI. Esses cadernos tinham como objetivo organizar as demandas do povo e levá-las ao rei. Esses cadernos serviram e servem até hoje como fonte de informação para pesquisadores.

⁵¹ Cf. TOCQUEVILLE p. 112.

proveniente dos títulos nobiliárquicos. Ademais, cada vez mais a nobreza se aproximava das atividades comerciais e industriais, o que lançava luz sobre a possibilidade de se viver sem os privilégios oferecidos pela monarquia em benefício de um maior liberalismo econômico.

É nessa conjuntura que, em 1787, Luís XVI convoca a Assembleia dos Notáveis⁵², a fim de discutir a enorme dívida pública que a França acumulava, e propõe o pagamento de impostos por parte da nobreza e clero, gerando atrito entre seus membros, que se recusavam a abrir mão dos privilégios. Assim, em 1789, a assembleia tripartite é convocada, e os Estados Gerais se reúnem para discutir essas questões econômicas, gerando ainda mais tensões e conflitos, posto que o Terceiro Estado (formado pelos burgueses, *sans culotte*⁵³ e camponeses) reivindicava mais ingerência nas decisões do Estado, aspirando a um novo modelo de votação por cabeça e não mais por representação de Ordem. A partir desse momento, tem início uma série de revoltas⁵⁴, saques às propriedades agrárias, manifestações populares que tomam os centros urbanos e essencialmente as ruas de Paris, que, no dia 14 de julho, se tornam cenário do ato que entrou para a história como símbolo da Revolução: a tomada da Bastilha.

A tomada da Bastilha⁵⁵ pela população é o marco oficial do início da Revolução, que se consolida após a formação da Assembleia Nacional Constituinte. A Assembleia aprova, no mesmo ano, a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* de 1789, um documento histórico para os direitos naturais, inalienáveis e sagrados do homem. Mais tarde, Olympe de Gouges⁵⁶ irá argumentar acerca dessas concepções, entendendo que essa declaração não se estendia às mulheres e cidadãs tal qual uma sociedade equitativa e baseada nos valores da igualdade deveria ser. Seus

⁵² Era um órgão corporativo que tinha função de auxiliar o rei, composto por deputados escolhidos por ele mesmo.

⁵³ Trabalhadores ou camponeses que compuseram uma força política (efêmera) durante a primeira metade da Revolução. Inicialmente o termo “*sans culotte*”, que significa “sem calças”, era usado para se referir a estas pessoas pois, diferentemente dos típicos culotes aristocráticos, usavam uma calça comprida composta de algodão. Por se tratar de uma camada menos favorecida, eram estes que mais sofriam com o desabastecimento e a cobrança de impostos pela coroa.

⁵⁴ “O feudalismo em toda sua potência não inspirou aos franceses tanto ódio quanto na hora em que ia desaparecer. Os menores golpes da arbitrariedade de Luís XVI eram suportados com mais dificuldade que todo o despotismo de Luís XIV.” Cf. Tocqueville p. 167.

⁵⁵ Segundo Vovelle (2012), esse episódio teve um alcance muito além de um acontecimento pontual. É o símbolo da arbitrariedade real e, em certo ponto, do Antigo Regime em decadência. Os acontecimentos que sucedem esse episódio revelam que, para a burguesia (reservada quanto ao uso da violência e às formas brutais de reivindicação pelo pão utilizadas pela população), a intervenção popular propiciou a revolução parlamentar que se seguiu.

⁵⁶ Este é o pseudônimo de Marie Gouze, considerada uma feminista *avant la lettre* por conta de seus escritos e de sua efusiva defesa do direito das mulheres nesse período histórico. Antes mesmo da elaboração dos *Direitos do Homem e do Cidadão*, a autora já questionava a forma como os papéis de gênero estavam alinhados naquela sociedade.

ensaços e manifestos, bem como sua luta ativa em associações pelos direitos políticos e legais das mulheres, levaram-na à guilhotina em 1793.

A Constituição é aprovada em 1791 e a monarquia constitucional substituiu a absolutista, inserindo o voto censitário na decisão do chefe executivo que, até então, continuava sendo Luís XVI. O voto, é claro, não era para as mulheres. Muitos nobres emigraram para outros países da Europa. A França situava-se, assim, no centro de um conflito de interesses políticos que se espalhava pela Europa; após uma tentativa de fuga⁵⁷ mal sucedida do rei, as ações contra a família real se tornaram mais hostis. À medida que a ideia de uma abolição do feudalismo⁵⁸ circulava com cada vez mais força e alcance pelo continente, outras monarquias eram afligidas pelo movimento revolucionário francês. Em pouco tempo, a França havia se tornado inimiga de praticamente toda a Europa. Em *Histoire générale de la presse française*, Jacques Godechot aponta que, após o início do processo revolucionário, imprimiram-se mais jornais do que nos cem anos anteriores, o que explica o fenômeno de uma opinião pública cada vez mais abrangente e consciente de si e mais acessível, pois era alcançada também por meio de panfletos e cartazes, criando uma cultura política aparentemente democrática através da prática da leitura em público. Por outro lado, a nova Constituição baseada nos “princípios de racionalidade e igualdade entre os homens” não pôde impedir o surgimento de um governo violador de direitos.

A despeito das tentativas de manter o equilíbrio e atender às demandas populares, Luís XVI e Jacques Necker, o titulado Primeiro-Ministro das Finanças, encontravam-se em uma situação desfavorável. A tentativa de fuga malsucedida do monarca, que lutava contra as reformas exigidas pela Assembleia Constituinte, apreende o que restava de sua legitimidade. Necker demite-se apenas um ano depois. Acusado de traição e com sua autoridade sendo completamente questionada pelo povo francês, Luís XVI foi preso, julgado e condenado à morte em janeiro de 1793. A rainha Marie-Antoinette foi julgada e teve o mesmo fim. Madame de Staël, proeminente mulher de letras e figura

⁵⁷ Chamada de Fuga de Varennes, foi uma tentativa da família real de deixar a França em junho de 1791. A tentativa frustrada da família real gerou ainda mais desconfiança em volta dela e seria usada como símbolo da traição do rei para com o povo.

⁵⁸ No século XVIII o regime senhorial-feudal estruturava-se como um sistema jurídico duplo que implicava na propriedade uma parcela de autoridade pública referente àquela terra. O corpo feudal assumia a forma de unidade fundiária dividida em duas partes muitas vezes distintas. Uma delas compunha a residência do senhor feudal e seus anexos imediatos, assim como um conjunto de terras e matas que podia ser amplamente explorado ou alugado à maneira do senhor feudal. A outra reagrupava os demais feudos e arrendamentos. Goujard (1977) aponta que a nobreza de Toulouse conseguia desses feudos a maior parte de sua renda, raramente precisando ela mesma administrar esses bens fundiários.

respeitada tanto por sua posição social quanto por seu pioneirismo literário, embarcou em uma defesa da rainha. Marie-Antoinette, que se casara em benefício de um estreitamento dos laços entre França e Áustria, efetivamente havia conquistado a aversão dos franceses. Em seu ensaio, Madame de Staël abraça a premissa da maternidade como última defesa da rainha. A forma sensível e apelativa utilizada na realização de sua defesa não seria capaz de salvar a rainha. Porém, temos um eloquente chamado à razão que, em contraponto com o Terror que o período da Convenção enfrentaria, aponta para uma das maiores contradições do período revolucionário, explorada até os dias de hoje:

Minha intenção não é de modo algum defender a rainha como um jurisconsulto. Ignoro de que lei se pode servir-se para fazê-lo, e mesmo aqueles que a julgam não se esforçarão em instruir-nos. O que eles chamam de opinião, o que creem ser política, será sua razão e seu fim. Os termos “defesa”, “prova” e “julgamento” têm seu sentido fixado pelo povo e seus líderes, e é por outros índices que se pode pressentir a sorte desta ilustre desventurada. Vou, portanto, apenas falar à opinião pública, analisar a política, contar o que vi e o que sei da rainha e expor as terríveis consequências que sua condenação teria. (...) Não quero atacar nem apoiar nenhum partido político: temeria desviar ou minorar o único interesse da augusta pessoa que vou defender. Republicanos, constitucionalistas, aristocratas, se vocês conheciam o infortúnio, se ansiaram por compaixão, se o futuro lhes traz à consciência um temor qualquer, unam-se todos para salvá-la. (Staël, 1793, p. 26)

Como veremos no próximo capítulo, Madame de Genlis também assistiu à tomada da Bastilha e vivenciou o Terror, deixando a França após o Conde de Genlis ser também condenado à guilhotina. Percebemos que, em seu discurso, a autora jamais abandonou a posição conservadora, tanto moral quanto politicamente. Isso não significa dizer que não houvesse intenções adjacentes; ao longo de sua vida foi capaz de manter-se na posição de mulher escritora, publicando obras em variados gêneros literários, mas mantendo suas proposições ideológicas. Politicamente não ultrapassava a linha da religiosidade, defendendo-a como seu *partido*. Curiosamente, Tocqueville argumenta que a Revolução Francesa operou da mesma forma que as revoluções religiosas. Nesse sentido, a propaganda que se fazia nos momentos iniciais da Revolução fez do fenômeno um artefato excepcional e, até determinado ponto, especulativo, posto que o que se passava, para além de uma revolução social, era uma revolução administrativa e, especialmente, uma revolução que garantiria algo valioso para a concretização do plano de domínio estatal: a unificação do sistema administrativo e, através disso, o controle sobre diversas comunas e cidades francesas, comprimindo e restringindo ainda mais as mesmas camadas sociais que vinham sendo espoliadas pelo absolutismo.

A Revolução Francesa agiu em relação a este mundo exatamente como as revoluções religiosas operam em relação ao outro. Tem considerado o cidadão de uma maneira abstrata, fora de qualquer sociedade particular, da mesma maneira como as religiões consideram o homem em geral, independentemente do país e da época. Não pesquisou tão-somente qual era o direito particular do cidadão francês, mas também quais os deveres e direitos gerais dos homens em matéria política. Foi remontando sempre desta maneira ao que havia de menos particular e por assim dizer de mais natural em matéria de estado social e governo que a Revolução Francesa conseguiu tornar-se comprehensível a todos e copiável em cem lugares ao mesmo tempo. Como parecia aspirar mais ainda à regeneração do gênero humano que à reforma da França, acendeu uma paixão que as revoluções políticas mais violentas jamais conseguiram produzir até então. Inspirou o proselitismo e gerou a propaganda. Foi assim que pegou este ar de revolução religiosa que tanto apavorou os contemporâneos, ou melhor, tornou-se ela própria uma espécie de nova religião, uma religião imperfeita, é verdade, sem Deus, sem mito, sem Além, mas que, todavia, como o islamismo, inundou toda a terra com seus soldados, apóstolos e mártires. (Tocqueville, 1997, p.60)

A centralização do poder sob o Antigo Regime levou à perda da governança e autonomia locais, o que enfraqueceu as formas tradicionais de autogoverno que existiam entre a população. Por fim, Tocqueville (1997) conclui que, em determinados momentos históricos, a diversidade de perspectivas e valores entre os indivíduos pode ser tão marcante que a concepção de uma lei universalmente aplicável se torna incompreensível. Todavia existem também momentos em que a simples ideia de uma lei como esta é capaz de inflamar imediatamente os indivíduos, de forma que os encargos e os resultados escapam do ideal.

Em sua essência, os direitos universais afirmavam a dignidade inerente a todos os seres humanos, mas a assimetria prática entre eles escancarou a imagem de quem, na verdade, os constituiu. A liberdade proclamada pelos revolucionários frequentemente se limitava ao privado, não ousando escapar dos muros da liberdade individual. A justiça social e econômica, por sua vez, pouco ou nada visou garantir a emancipação de todos os cidadãos. E, apesar da consolidação da democracia por meio do voto censitário, na prática a maioria da população da França se via impossibilitada de votar, e essa condição só mudaria em meados do século XX. Em suma, a Revolução Francesa trouxe mais atos discursivos que materiais, fragilidade que foi explorada pelos contrarrevolucionários, bem como pelas aristocracias da época. Estas, por sua vez, não estavam distantes da revolução, pelo contrário: da elite apontaram os primeiros bardos da revolução, embora o proselitismo político a tenha conduzido em uma direção oposta ao espírito do século das luzes.

Em última análise, Tocqueville (1997) ressalta a importância da continuidade histórica e os riscos de uma ruptura radical com a tradição. Para ele, a Revolução foi uma interação heterogênea

de forças históricas mais do que apenas uma simples revolta contra a opressão. Essa heterogeneidade, contudo, não levou a reformas substanciais em áreas como os direitos das mulheres, cujas demandas foram rapidamente suprimidas, ou mesmo os direitos humanos, posto que as relações de servidão permaneceram praticamente inalteradas. O Código Napoleônico, estabelecido após a Revolução, reforçou estruturas patriarcais, limitando os direitos femininos no casamento e na propriedade e, assim, retrocedendo nos ideais de igualdade propostos pelos revolucionários. A Revolução, portanto, pareceu fracassar ao aplicar seu próprio ideal de universalidade, revelando o quanto incipiente era o entendimento da liberdade e da justiça que buscava instaurar.

1.5. A derrubada do Diretório e o nascimento do Bonapartismo

Em meio a um cenário de ressignificação dos ideais revolucionários e de um povo marcado por traumas históricos, Napoleão Bonaparte surge como um divisor entre as aspirações de liberdade e os novos moldes autoritários. Para Tocqueville (1997), Napoleão representa não apenas a centralização do poder estatal herdada do Antigo Regime, mas também a resposta ao caos revolucionário que trouxe ordem, porém, ao preço das liberdades democráticas e da autonomia local. Tocqueville argumenta que, apesar de Napoleão oferecer uma estabilidade duradoura, essa paz se sustentava sobre a restrição das liberdades e o fortalecimento de um Estado centralizado. Assim, o governo napoleônico reforçou a dependência da população à autoridade central, limitando o autogoverno e esvaziando o engajamento cívico.

Ao analisar o 18 Brumário de Luís Bonaparte, Marx (1852) rememora o golpe de Estado de 9 de novembro de 1799, conduzido por Napoleão Bonaparte, que representou um ponto de inflexão na trajetória política da França. A República instável, enfraquecida pela constante agitação e divisões internas, cedia lugar a um regime centralizado e autocrático, marcando o fim da utopia democrática igualitária que a Revolução cultivara. Para Marx, o golpe de Napoleão foi uma resposta inevitável ao fracasso do governo revolucionário em estabilizar a nação, explorando o vácuo de poder deixado pela exaustão e pelo desencanto popular. Esse evento encerrou simbolicamente as aspirações democráticas da Revolução Francesa, ao mesmo tempo em que abriu caminho para o nacionalismo e disseminou as sementes do fervor revolucionário que se espalhariam por toda a Europa.

As consequências do 18 de Brumário ultrapassaram as fronteiras francesas, definindo não apenas um novo modelo de Estado centralizado, mas também consolidando uma ideia de nação que ressoaria em toda a Europa. Sob a liderança de Napoleão, as conquistas militares e reformas internas remodelaram o mapa europeu, promovendo uma unidade política que, embora poderosa, também revelava profundas contradições. Ao buscar uma transformação social e política, a Revolução culminou, ironicamente, em uma ditadura militar que minava seus próprios princípios de liberdade e igualdade. Nesse sentido, Napoleão não é apenas um símbolo das consequências inesperadas das revoluções, mas uma personificação do dilema revolucionário, entre a promessa de mudança e o risco de regressão autoritária.

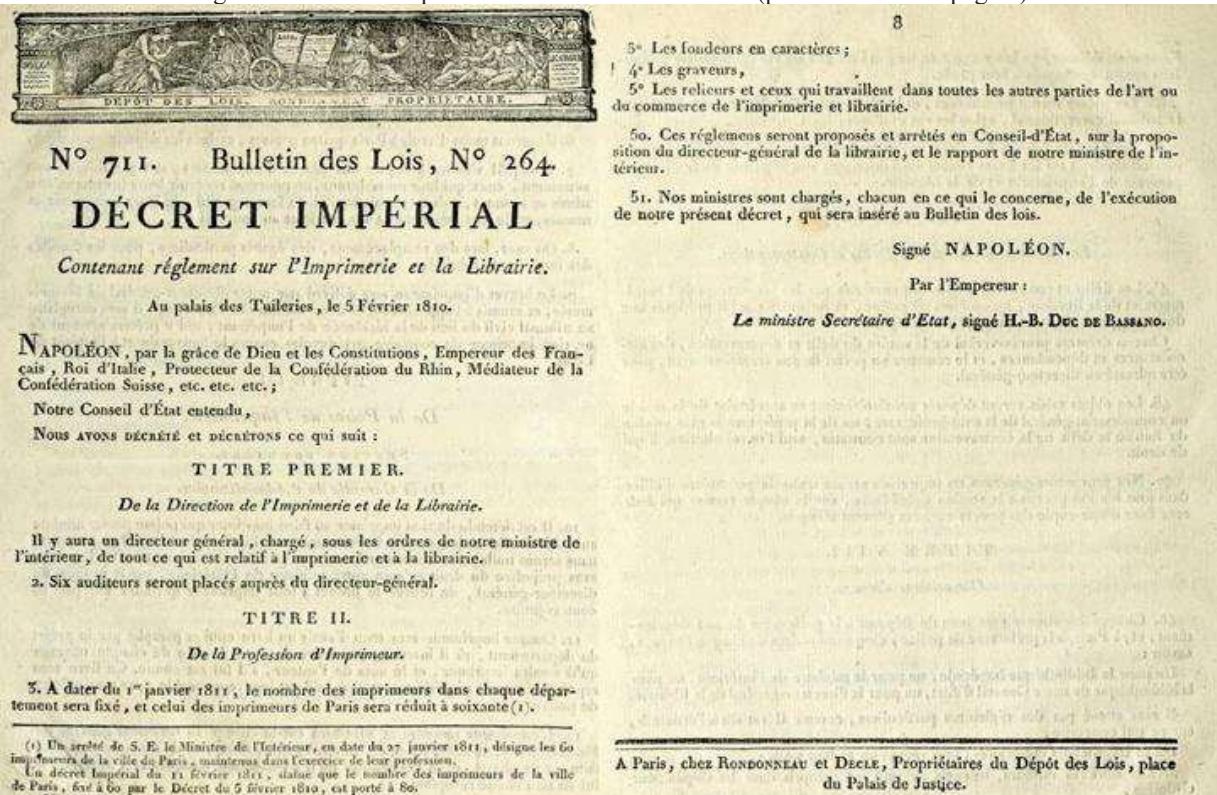
Fazendo uso das mesmas ferramentas de propagação de informações, Napoleão se tornou um dos primeiros líderes a manipular a mídia de maneira sofisticada, transformando-se em um ícone de glória heroica e carisma pessoal. De acordo com Lilti (2018), Napoleão foi um precursor da política moderna de imagem e celebridade, utilizando sua habilidade em moldar a opinião pública para consolidar seu poder e criar uma conexão emocional profunda com a população. A escritora Mme de Staël observou que Napoleão, de forma inédita, conseguiu atrair a atenção pública e elevar-se ao status de herói nacional, construindo uma narrativa de sucesso pessoal e vitória que o tornava quase intocável.

Napoleão procurava estabelecer conexões culturais, formando relacionamentos com figuras culturais proeminentes, a exemplo do ator François-Joseph Talma e do escritor Johann Wolfgang von Goethe, elevando seu próprio status de celebridade e tentando se posicionar como patrono das artes. No entanto, esse período também se caracterizou pelo estrito controle governamental sobre várias formas de expressão, incluindo a literatura, o jornalismo e o teatro. Particularmente na França e em seus territórios ocupados, onde o regime precisava suprimir a dissidência e manter a autoridade do líder, a era napoleônica institucionalizou as práticas de censura. O decreto de 5 de fevereiro de 1810, por exemplo, regulamentava a impressão e o comércio de livros, estabelecendo uma rígida supervisão sobre a produção literária e jornalística.

Sainte-Beuve foi o primeiro a problematizar a relação entre a literatura e a imprensa impulsionada pela primeira revolução industrial. Particularmente, ele questionava o impacto dos interesses comerciais na integridade literária. A introdução de anúncios em jornais alterou o cenário da crítica literária, levando a um declínio da credibilidade das resenhas literárias à medida em que estas se entrelaçavam com interesses comerciais. A ênfase de Sainte-Beuve na necessidade de os

escritores se unirem e manterem sua dignidade reflete os novos desafios trazidos pela industrialização do livro. No entanto, o próprio autor reconhece que as preocupações materiais dos autores contribuíram para a mercantilização da literatura, um processo que, em sua visão, diminuía o valor artístico das obras.

Figura 3 – Decreto imperial de 5 de fevereiro de 1810 (primeira e última página)



Fonte: INTERNET ARCHIVE

Sainte-Beuve denunciava a mercantilização da literatura em uma sociedade que, após a Revolução, buscava reconstituir os laços culturais e as tradições que definiram o Antigo Regime. O retorno de Madame de Genlis a Paris e seus esforços para reviver a arte da sociabilidade em seu salão no Arsenal, como destaca Convoy (2013), foram fundamentais para redefinir a alta sociedade sob Napoleão. Seu espaço não apenas resgatava os bons costumes e valores tradicionais, mas também servia como ponto de convergência entre as memórias do Antigo Regime e os ideais do novo. Madame de Genlis, ao mesmo tempo testemunha e guardiã da grandeza do Antigo Regime, cultivava um ambiente que refletia as contradições e continuidades desse momento histórico, desvelando as intrincadas interações entre o passado e as exigências da modernidade.

2. Madame de Genlis – A literatura e a educação na revolução iluminista

Este capítulo tem por objetivo elaborar uma biobibliografia de Madame de Genlis, figura célebre na literatura do século XVIII e precursora da representação feminina na escrita. Para além disso, foi igualmente uma defensora do direito à educação das meninas e mulheres, conforme demonstraremos nas próximas páginas. Entendemos o estudo biobibliográfico como uma ferramenta fundamental para a documentação e compreensão das contribuições de indivíduos em diversos campos, e, através da apresentação da vida e da obra da autora, buscaremos não apenas preservar o contexto histórico, mas também promover a pesquisa acadêmica e a conscientização pública sobre as vozes femininas na literatura.

Ser mulher escritora sempre foi um desafio permeado por barreiras culturais, sociais e econômicas, que não apenas impactam o desenvolvimento individual das autoras, mas também moldam o cenário literário e a representatividade feminina. Virginia Woolf, em seu ensaio *Mulheres e Ficção*⁵⁹ publicado em 1929, destaca que a história da literatura inglesa é predominantemente masculina⁶⁰ revelando “estranhos intervalos de silêncio” que marcam as produções literárias das mulheres ao longo dos séculos. Mesmo em períodos notavelmente criativos, como o da literatura elisabetana, a presença feminina na escrita era quase inexistente.

Essa exclusão da escrita feminina é reflexo das práticas estabelecidas pela crítica literária e pelo mercado editorial, levando muitas autoras a adotar pseudônimos ou a ocultar suas identidades. O caso das irmãs Brontë e de Mary Ann Evans, que se fez conhecer como George Eliot, é emblemático. Mesmo Mary Shelley, ao publicar *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), omitiu seu nome, evidenciando a pressão social que restringia a recepção dos romances de autoria feminina.

Os estereótipos de gênero contribuíram significativamente para a repressão das mulheres, limitando-as a determinados temas e gêneros literários. Woolf (1929) observa que o romance, por sua natureza menos rígida, se apresenta como a forma de arte mais acessível às escritoras, permitindo que entrelacem suas experiências e funções de gênero com a escrita. No entanto,

⁵⁹ Neste ensaio, a autora busca desenvolver algumas ideias a respeito da ficção escrita por mulheres (ou da ficção que é escrita sobre mulheres), preâmbulo de outros trabalhos de semelhante importância, voltados a discorrer sobre a situação das mulheres que escrevem. Além de militante ensaísta, Virginia Woolf escreveu prestigiados romances em que privilegiava o ponto de vista feminino, bem como fazia ressaltar suas provocações acerca da memória coletiva que se construía em torno das existências femininas. Para um maior aprofundamento acerca deste e de outros trabalhos da autora, recomenda-se a leitura do artigo de Mariana Soletti da Silva (PPGL-PUCRS), publicado em 2021 no vol. 19 da revista Garrafa, cujo título é “Mulheres e Ficção (2019): Virgínia Woolf e o ato de escrever”.

⁶⁰ Woolf, 1929, p. 10.

durante um longo período as práticas sociais relegaram as mulheres a espaços domésticos, condicionando-as a serem romancistas devido à expectativa de que fossem observadoras atentas de seu entorno.

A luta por reconhecimento e espaço é uma constante na trajetória das escritoras. Muitas, como Woolf, expressaram sua frustração quanto à falta de tempo e espaço para se dedicarem à literatura. Em seu famoso ensaio *A Room of One's Own* (ou, como consta em algumas traduções, *Um quarto todo seu*), Woolf (1929) argumenta que os fatores econômicos e a necessidade de tempo para a criação artística são obstáculos significativos que muitas mulheres enfrentam.

Apesar desses desafios, algumas mulheres conseguiram destacar-se na literatura, desafiando as expectativas de sua época e abrindo caminhos para futuras gerações de autoras. Nesse contexto, Madame de Genlis emerge como uma figura de relevo; sua trajetória e vasta obra oferecem não apenas inspiração, mas também um repertório histórico, sociológico e cultural que enriquece o entendimento da escrita feminina no século XVIII. Assim, a análise de sua vida e de sua obra é essencial para apreciar as multiplicidades e os avanços da literatura escrita por mulheres.

2.1. Félicité: infância e formação

Caroline-Stéphanie-Félicité du Crest, conhecida como Madame de Genlis, nasceu em 25 de janeiro de 1746 em uma propriedade senhorial situada em Champcéry⁶¹. Seus pais, Pierre-César du Crest e Marie-Françoise, mudaram-se para essa residência logo após o casamento, três anos antes do nascimento da filha. Desde a tenra idade, Félicité demonstrou uma inclinação notável para a literatura, o teatro e a música, áreas que viriam a moldar sua trajetória profissional e acadêmica ao longo da vida.

A obra pedagógica de Madame de Genlis reflete o espírito iluminista da época e sua abordagem abrangeu uma variedade de temas, incluindo religião, moral e a educação das crianças e dos jovens, por meio de diferentes gêneros literários. Um dos feitos mais expressivos de sua carreira foi a nomeação como preceptor da herdeira do trono da França, um cargo tradicionalmente reservado a homens da Igreja, fato que atesta a singularidade de sua posição na sociedade da época.

De acordo com a biografia elaborada por Jules Bertaut em 1941, a infância de Félicité foi permeada por inconsistências materiais. Seus pais, que atravessavam um período de dificuldades

⁶¹ Bertaut, 1941, p. 13.

econômicas, mantinham ainda assim um estilo de vida característico da nobreza, o que resultou em um ambiente familiar tempestuoso. O pai, na tentativa de sanar as dívidas acumuladas, vendeu suas propriedades e adquiriu terras em Saint-Aubin. No entanto, a pressão de credores culminou em sua busca por auxílio junto a Guillaume Le Normand, um influente conhecido, o que introduziu a jovem Félicité à vibrante vida cultural parisiense ainda em sua infância.

Esse contato inicial com a elite social não apenas despertou seu interesse pelo teatro e pela ópera, mas também fomentou seu talento artístico. Ao retornar ao castelo familiar na província, Félicité reproduzia as experiências vivenciadas em Paris, utilizando-se de disfarces e encenações para entreter os que a rodeavam. A mãe, igualmente fascinada pelo que havia experimentado no fulcro da sociedade parisiense, passou a dedicar-se à organização de eventos sociais que engajavam a comunidade local. Para complementar a educação da filha, ela contratou Mademoiselle de Mars⁶², cuja formação era voltada para a religião e o ensino do cravo. Desde cedo, Félicité revelou não apenas uma aptidão para o aprendizado, mas também uma vocação inata para ensinar, frequentemente improvisando aulas durante suas brincadeiras.

Em 1756, a situação financeira da família tornou-se insustentável, levando à venda de suas terras e à mudança para Paris. Nesse novo ambiente, mãe e filha hospedaram-se na residência de Madame de Bellevaux, interagindo com uma variedade de nobres, burgueses, financistas, intelectuais e artistas. Este momento foi indispensável no desenvolvimento de Félicité, que se dedicou ao estudo do cravo, violão, canto e harpa, mostrando-se especialmente talentosa na última. Sua beleza e charme⁶³, acompanhados de uma inteligência aguçada, contribuíram para que, mesmo em sua juventude, ela tivesse uma percepção clara das dinâmicas sociais em que estava inserida.

Alguns autores, como o supracitado Jules Bertaut (1941), apontam que a difícil situação financeira dos pais de Madame de Genlis, que acabaram por perder suas terras e, em grande medida, suas posses, pode ter sido um dos principais impulsos para a dedicação intensa da autora ao trabalho. Essa adversidade, ao expor Madame de Genlis à realidade da instabilidade econômica, teria motivado sua busca por reconhecimento e autonomia no cenário literário e educacional da

⁶² Segundo Bertaut (1941), essa escolha foi “*bizarre, imprévu, déconcertant comme tout ce qui se passe dans cette maison*” [“bizarra, imprevista e desconcertante como tudo que acontece nessa casa” (tradução nossa)]. Isso se deve ao fato de que Mlle de Mars tinha apenas 16 anos, e seus conhecimentos se restringiam ao catecismo e ao cravo, sendo este último provavelmente o motivo de sua escolha pelos pais da autora.

⁶³ A valorização da beleza e do charme (aspectos que quase sempre são associados à autora), especialmente em círculos aristocráticos e intelectuais, refletia o ideal estético e social do século XVIII, que atribuía grande importância à aparência e ao carisma como componentes indispensáveis da vida pública e do reconhecimento social.

época. Assim, o esforço de Madame de Genlis⁶⁴ para ser aceita em seu círculo social pode ser compreendido, ao menos em parte, como uma tentativa de superar as dificuldades familiares e assegurar a própria independência, estabelecendo-se como uma figura respeitada e influente no ambiente cultural e intelectual de seu tempo.

Após a mudança para Paris, a situação da família deteriorou-se, e mãe e filha passaram a residir em um apartamento. A experiência de frequentar o círculo de La Popelinière permitiu que Félicité se destacasse não apenas por sua aparência e talento musical, mas também por seu envolvimento em aulas de dança, música e literatura, nas quais aprendia lições que valeriam sua carreira como pedagoga e escritora. Foi supostamente nesse período que a autora começou a escrever mais intensamente, criando suas primeiras obras e mantendo uma intensa vida social, que lhe garantiu renda por meio de apresentações artísticas como concertos e peças teatrais. Dessa forma, a infância e a formação de Madame de Genlis foram marcadas por uma combinação de reveses e oportunidades que moldaram sua identidade como autora e educadora, preparando o terreno para uma carreira notável no campo da literatura e da pedagogia.

2.2. Influência dos salões na formação de Madame de Genlis

A trajetória de Madame de Genlis é inseparável do contexto dos salões literários e filosóficos. Considerados, a princípio, como locais de entretenimento e socialização, os salões eram espaços onde intelectuais, aristocratas e figuras políticas se reuniam para debater questões literárias, filosóficas e, em períodos críticos, políticas. Lilti (2018) destaca ainda que, em um contexto de regimes pautados pelo ceremonialismo e pela hierarquia social, os salões ofereciam uma oportunidade rara de democratização do saber e da cultura, hospedando concertos, peças teatrais e discussões literárias que ajudavam a construir a opinião pública e a questionar as tradições estabelecidas. O *fermier général* Le Riche de La Poupelinière, após separar-se da esposa, passou a viver no Château de Passy, onde estabeleceu um vibrante centro de vida mundana, libertina, intelectual e musical, que, segundo Lilti, (2005), se tornou um dos pontos de encontro de figuras influentes daquele tempo – ali Rameau triunfou e Grimm conheceu Diderot e d'Alembert – e foi onde Madame de Genlis fez sua estreia na sociedade.

⁶⁴ Em seu ensaio sobre Madame de Genlis, Sainte-Beuve observa: “Esforçar-me-ei para reproduzir minhas impressões ao examinar as principais obras desta autora, pois seria preciso muita ousadia para afirmar que se leu todas.”

Segundo Kale (2004), a cultura do salão francês transcendeu a mera função social e se consolidou como uma instituição cultural complexa que, sobretudo no final do século XVIII, fomentou o desenvolvimento de um pensamento crítico na sociedade francesa. Esse ambiente foi fundamental para a formação de Madame de Genlis, oferecendo-lhe não apenas prestígio social, mas também uma plataforma para desenvolver e difundir suas ideias educacionais e literárias. Nesses salões, que frequentemente contavam com a liderança de mulheres da aristocracia, Madame de Genlis encontrou uma educação informal e uma rede de contatos valiosa, além de um espaço para o intercâmbio de saberes e o aprimoramento de suas habilidades retóricas e literárias. Em uma sociedade marcada pelo Iluminismo e pela busca por novas ideias, esses ambientes de discussão não apenas ampliaram suas perspectivas, mas também solidificaram sua posição como escritora e pedagoga.

A interação nos salões permitia a troca de ideias entre diferentes setores da elite intelectual e cultural e, conforme argumenta Lilti (2018), promovia uma “publicidade privada” que colocava os indivíduos em uma posição de destaque e prestígio social. Frequentando esses ambientes, Madame de Genlis pôde solidificar sua posição como autoridade no campo educacional e literário, valendo-se também da visibilidade pública que esses espaços proporcionavam. Os salões do século XVIII deram origem também ao fenômeno da celebridade⁶⁵, promovendo figuras públicas cujos talentos e opiniões se tornaram objeto de interesse e discussão.

A notoriedade de Madame de Genlis em tais círculos é um exemplo de como as dinâmicas de reconhecimento social e visibilidade cultural poderiam alavancar a carreira de uma escritora e educadora durante o *Ancien Régime*. No contexto dos salões, Madame de Genlis pôde interagir com pensadores, escritores e artistas renomados, o que contribuiu para moldar sua visão de mundo e influenciou diretamente suas escolhas temáticas. As discussões sobre moralidade, filosofia e política, frequentemente inspiradas por Rousseau e outros iluministas, refletiram-se em suas obras,

⁶⁵ Segundo Lilti (2018), o conceito de "celebridade" emergiu como um fenômeno cultural distinto no século XVIII, caracterizado por uma série de aspectos fundamentais, como, por exemplo, o surgimento de produtos culturais de massa, que gerou fortes respostas emocionais do público e permitiu que indivíduos se sentissem conectados a figuras proeminentes, mesmo sendo parte de uma multidão de admiradores. Outro aspecto fundamental era uma “quase interação mediada”, em que a comunicação entre o público e as celebridades ocorria predominantemente por meio da mídia em vez de contatos diretos, intensificando o efeito da cultura da celebridade. Além disso, o crescente interesse da mídia pela vida privada das figuras públicas desdobrou as linhas entre o público e o privado, promovendo uma compreensão mais íntima dessas personalidades. O termo "celebridade" começou a evoluir, diferenciando-se da simples fama, envolvendo engajamento emocional e a construção de uma personalidade pública complexa. Assim, o século XVIII foi marcante para a formação da celebridade como um fenômeno cultural contemporâneo, impulsionado pela intersecção entre as emoções, a mediação e a construção do fascínio pela vida privada.

especialmente em seus romances pedagógicos. Foi também nesses salões que Madame de Genlis consolidou sua postura crítica frente às limitações impostas às mulheres e, ao mesmo tempo, formou uma visão relativamente conservadora em relação à moralidade feminina, um aspecto que transparece em obras como *La Femme auteur*. Em síntese, a presença constante da autora nesses círculos da alta cultura proporcionou a ela domínio das convenções sociais e literárias, utilizados para construir personagens complexas e cenários detalhados, retratando, de forma crítica e perspicaz, a sociedade de sua época.

No contexto de sua formação intelectual, é relevante notar que, segundo Kale (2004), os salões franceses no final do século XVIII também serviram como espaços de formação política, especialmente durante os anos de turbulência revolucionária. Esses locais tornaram-se ambientes nos quais as ideias iluministas e as discussões sobre moralidade e cidadania eram disseminadas e debatidas, reverberando nas obras de Madame de Genlis, que, além de serem literárias, carregam um forte teor moral e educativo, conforme veremos na próxima seção. O impacto desse ambiente na formação de Genlis é perceptível, por exemplo, em sua abordagem pedagógica, que enfatiza valores morais e reflete a criticidade das conversas dos salões, nas quais, em diversas ocasiões, os partícipes se dedicavam a discutir e a propor uma educação voltada ao desenvolvimento da virtude e da razão (Rousseau, por exemplo, apresentou *Julie* em um salão, possibilitando a reação de seus pares antes da publicação oficial).

Além disso, Lilti (2018) argumenta que os salões contribuíram, ao incentivar a interação entre diferentes ordens sociais e ao promover o “espetáculo da vida pública”, para um intercâmbio de ideias mais democrático e inclusivo, permitindo uma abertura para diferentes perspectivas sociais. Essa característica do ambiente dos salões, onde a diversidade de opiniões e estratos sociais se fazia presente, certamente ampliou a visão de mundo de Madame de Genlis para além dos limites da aristocracia. A abertura para uma educação que atendesse a diferentes camadas da sociedade, demonstrada em seus textos pedagógicos, é um reflexo das experiências que ela teve nesses ambientes de discussão e aprendizado, em que se dialogava sobre temas que incluíam desde a filosofia até a política e a moralidade, refletindo as preocupações sociais da época.

A experiência de Madame de Genlis nos salões franceses foi fundamental para moldar sua trajetória como escritora e educadora, permitindo-lhe obter visibilidade e reconhecimento, além de uma base sólida de formação intelectual e moral. O contexto dos salões ofereceu-lhe a oportunidade de interagir com pensadores e figuras proeminentes de sua época, influenciando sua produção

literária e pedagógica e consolidando suas convicções educacionais. Como observa Lilti (2018), a teatralidade e a visibilidade pública dos salões contribuíram para criar um espaço onde figuras intelectuais como Madame de Genlis podiam não apenas se destacar, mas também exercitar suas capacidades críticas e pedagógicas, estabelecendo o papel desses espaços na formação dos grandes intelectuais do século XVIII.

2.3. Produção Literária

A lista abaixo busca organizar e apresentar a abrangência das atividades, interesses, objetivos intelectuais e profissionais de Madame de Genlis ao longo de sua vida. Uma parte de suas obras foi digitalizada e pode ser acessada gratuitamente através do site da biblioteca digital da Biblioteca Nacional da França (Gallica) ou do Théâtre Classique⁶⁶. O conjunto das obras de Madame de Genlis reflete o compromisso interdisciplinar da autora com temas variados, que vão da análise crítica e revisão de textos ao estudo aprofundado de questões literárias, históricas e educacionais. Ao reunir essas informações, o objetivo é fornecer um panorama detalhado que possa servir de base para reflexões futuras, além de facilitar a integração e a expansão dos temas discutidos, com ênfase no rigor teórico e na qualidade discursiva.

Théâtre à l'usage des jeunes personnes – 1779-1782

Théâtre de Société – 1780-1782

Les Annales de la vertu, ou Cours d'histoire à l'usage des jeunes personnes – 1781-1782

Adèle et Théodore, Ou Lettres sur l'éducation – 1782

Essais sur l'éducation des hommes, et particulièrement des princes par les femmes: Pour servir de supplément aux Lettres sur l'éducation – 1782

Le club des dames, ou le retour de Descartes – 1784

Les Veillées du château, au Cours de Morale a l'usage des enfants – 1784

Contes moraux – 1785

Sacred dramas⁶⁷ – 1786

⁶⁶ Embora o nome de Madame de Genlis não apareça na lista de biografias disponível no site, várias de suas peças estão ali acessíveis. *Le Club des Dames ou le Retour de Descartes*, por exemplo, pode ser baixada gratuitamente, embora sua autoria esteja indicada como "(anonyme)". Disponível em: https://theatre-classique.fr/pages/pdf/ANONYME_CLUBDESCAMES.pdf

⁶⁷ *Sacred Dramas* é a tradução para o inglês de contos selecionados de *Théâtre d'éducation à l'usage de la jeunesse*, realizada por Thomas Holcroft. Esse volume inclui os contos: The Death of Adam, Hagar in the Wilderness, The Sacrifice of Isaac, Joseph Made Known to His Brethren, Ruth and Naomi, The Widow of Sarepta e The Return of Tobias.

Pièces tirées de l'Écriture Sainte – 1787

La religion considérée comme l'unique base du bonheur et de la véritable philosophie – 1787

*The child of nature*⁶⁸ – 1788

Discours sur l'éducation de Monsieur le Dauphin et sur l'adoption – 1790

Discours sur l'éducation publique du peuple – 1791

Discours sur le luxe et l'hospitalité, considérés sous leurs rapports avec les moeurs & l'éducation nationale – 1791

Discours sur la suppression des couvents de religieuses et l'éducation publique des femmes – 1791

Leçons d'une gouvernante à ses élèves, ou Fragments d'un journal, qui a été fait pour l'éducation des enfants de Monsieur d'Orléans. – 1791

Les chevaliers du cygne, ou la cour de Charlemagne – 1795

*The tales of the castle, or Stories of instruction and delight*⁶⁹ – 1795

Précis de la conduite de Madame de Genlis depuis la Révolution – 1796

Epître à l'asile que j'aurai, suivi de deux fables, du chant d'une jeune sauvage, de l'épitre a Henriette Sercey et des réflexions d'un ami des talens et des arts – 1796

Discours moraux et politiques sur divers sujets, et particulièrement sur l'éducation – 1797

Les petits émigrés, ou Correspondance de quelques enfants – 1798

Manuel du voyageur, ou Recueil de Dialogues, de Lettres etc suivi d'un itinéraire raisonné à l'usage des Français en Allemagne et des Allemands en France, par Mme de Genlis – 1798-1799

Les Vœux téméraires ou l'enthousiasme – 1798-1799

Herbier moral, ou recueil de fables nouvelles et autres poésies fugitives – 1799

Le petit La Bruyère, ou Caractères et moeurs des enfants de ce siècle – 1799

Les Mères rivales, ou la calomnie – 1800

Nouvelle méthode d'enseignement, pour la première enfance – 1801

Nouvelles heures à l'usage des enfants – 1801

Projet d'une école rurale pour l'éducation des filles – 1801

⁶⁸ Traduzido e adaptado do drama *Zélie, ou L'ingénue*, originalmente publicado em *Théâtre à l'Usage des jeunes personnes*.

⁶⁹ *Tales of the Castle* é a versão em inglês de *Les Veillées du Château*.

Nouveaux Contes moraux et Nouvelles historiques – 1802

Nouvelles – 1804

Les souvenirs de Félicie L. - 1804

La duchesse de la Vallière – 1804

Vie pénitente de Mme de La Vallière – 1804

Leçons ou traité élémentaire de dessin et de peinture: composé d'apres les vrais principes de l'art et mis a la portée de tout le monde. – 1805

Les Monuments religieux, ou Description critique et détaillée des monuments religieux, tableaux et statues, gravures sur pierre et sur métaux, ouvrages d'orfèvrerie, églises de toutes les sectes de la religion chrétienne, etc., qui se trouvent en Europe et dans les autres parties du monde – 1805

Étude du coeur humain – 1805

Le Comte de Corke ou la séduction sans artifice – 1805

Alphonsine, ou La tendresse maternelle – 1805

Madame de Maintenon, pour servir de suite à l'histoire de la duchesse de la Vallière – 1806

Suite des souvenirs de Félicie L – 1807*

Le siège de La Rochelle ou le Malheur de la conscience – 1807

Bélisaire – 1808

Sainclair, ou la victime des sciences et des arts – 1808

Alphonse, ou Le fils naturel - 1809

Arabesques mythologiques, ou Les attributs de toutes les divinités de la fable – 1810

De l'influence des femmes sur la littérature française, comme protectrices des lettres et comme auteurs; ou précis de l'histoire des femmes françaises les plus célèbres – 1811

Advertindo novamente acerca da incompletude da lista acima, que tem como objetivo apresentar algumas das obras da autora, enfatizamos que alguns títulos podem não estar presentes nesta lista, especialmente aqueles arquivados em bibliotecas nacionais ou publicados em compêndios acadêmicos sobre literatura francesa, bem como obras menos conhecidas, colaborações e reimpressões em outros idiomas, edições posteriores e produtos literários como manuscritos, publicações regionais ou cartas que podem estar arquivadas, mas não publicadas de forma ampla.

Segundo Genette (2018), o título é um elemento fundamental no conjunto de elementos paratextuais de uma obra, influenciando profundamente a percepção do leitor sobre o texto e sua interpretação. O título estabelece um contrato genérico que orienta as expectativas do leitor em relação ao conteúdo e ao gênero da obra, definindo o modo como ela será inicialmente compreendida. Todavia, Genette observa que a definição de um título nem sempre é exclusivamente determinada pelo autor, podendo ser moldada por decisões editoriais ou pela percepção pública ao longo do tempo, o que demonstra a complexidade de sua atribuição. Essa evolução pode ser observada nos títulos que, em contextos históricos diversos, foram alterados, abreviados ou adaptados com o intuito de se alinharem às demandas do público ou a convenções editoriais vigentes, configurando um papel dinâmico e mutável. O título exerce um impacto interpretativo profundo ao estabelecer uma estrutura de leitura que influencia como o texto será abordado, tornando-o um ponto de entrada essencial para o leitor. Em síntese, o título opera como uma dimensão central do paratexto, ao passo que revela a natureza colaborativa e plural da produção literária.

A lista de títulos de Madame de Genlis revela seu profundo interesse por temas como educação, moralidade, virtude e religião, além de um comprometimento com temas históricos e filosóficos. Em seu ensaio sobre a autora, Sainte-Beuve (1850) declara que Madame de Genlis era, antes de tudo, uma escritora, ressaltando a vocação quase inevitável dela para a escrita e a instrução. Sainte-Beuve observa que

Tous ces goûts, tous ces talents divers, tous ces arts d'agrément, tous ces métiers (car elle n'omettait pas même les métiers), faisaient d'elle une Encyclopédie vivante qui se piquait d'être la rivale et l'antagoniste de l'autre Encyclopédie ; mais ce qui donnait l'âme et le mouvement à cette multitude d'emplois, c'était une vocation qui les embrassait, les ordonnait et les appliquait dans un certain sens déterminé. M^{me} de Genlis était quelque chose de plus encore qu'une femme-auteur, elle était une femme *enseignante* ; elle était née avec le signe au front. Le bon Dieu a dit aux uns : *Chante* ; aux autres : *Prêche*. À elle, il lui avait dit : « Professe et enseigne. » Jamais le mot de l'Apôtre ne reçut un démenti plus formel : « Docere autem mulieri non permitto. — Je ne permets point à la femme d'enseigner, » disait saint Paul à Timothée. M^{me} de Genlis n'était point libre d'obéir à ce précepte quand elle l'aurait voulu, tant sa vocation de bonne heure fut puissante et irrésistible. Elle manifesta dès l'enfance l'instinct et l'enthousiasme de la *pédagogie*, à prendre ce mot dans le meilleur sens. Il lui avait été ordonné, en naissant, d'être le plus gracieux et le plus galant des pédagogues. (Sainte-Beuve, 1850, p. 3-4)⁷⁰

⁷⁰ "Todos aqueles gostos, talentos variados, habilidades e artesanatos (pois ela não negligenciava os artesanatos) faziam dela uma enciclopédia ambulante que ameaçava rivalizar e se contrapor à outra enciclopédia; mas um talento

Nem mesmo as críticas de seus contemporâneos poderiam negar a dedicação pedagógica de Madame de Genlis, que não só demonstrava amplo conhecimento, mas também a capacidade de aplicá-lo de forma organizada e metódica. Suas habilidades para a educação tornavam-na uma figura singular em seu tempo, ainda mais por ter se alçado ao posto de preceptor. Sainte-Beuve ironiza a proibição de São Paulo sobre mulheres ensinarem, sugerindo que Madame de Genlis era uma prova viva de que certas mulheres podiam – e deviam – exercer a educação. Isso enfatiza o quanto ela transcendia os limites impostos às mulheres do período, consolidando-se como uma referência respeitável e bem-sucedida no ensino, uma “pedagoga irresistível” cuja influência e carisma tornavam sua missão educativa inevitável e admirável. Em conclusão, a citação revela Madame de Genlis como uma intelectual e educadora comprometida, capaz de sintetizar conhecimento e cultura em um papel que era não apenas inovador, mas essencialmente revolucionário para aquela sociedade.

2.4. Ascensão social e temas centrais na obra de Madame de Genlis

Após seu casamento, a jovem Condessa de Genlis⁷¹ recusou a monotonia da vida provinciana, adentrando cada vez mais o mundo das letras e das ciências, dedicando-se ao estudo dos clássicos e mantendo diários e correspondências com os amigos que havia feito nos círculos da sociedade, aprendendo com estes e conseguindo estabelecer um *público* (constituído principalmente por seus vizinhos) para prestigiar suas peças. Aparentemente, a experiência provinciana e as restrições econômicas da infância mostraram-lhe a importância de conquistar aqueles ao seu redor para que pudesse alcançar seus objetivos. Havia uma consciência quanto à hipocrisia da sociedade da moda, à manipulação e à importância de se cultivar uma aparência adequada a esses espaços, o que não era incomum dado ao histórico do Iluminismo e sua busca

para compreender, organizar e aplicar esses conhecimentos de maneira metódica dava vida e alma a essa multidão de atividades. Madame de Genlis era mais do que uma autora, era uma preceptor; ela nasceu com a marca na testa. Deus disse a alguns: 'Cantem'; a outros: 'Preguem'. A ela, Ele disse: 'Instrua e ensine'. A palavra do Apóstolo — Docere autem mulieri non permitto — 'Não permito que a mulher ensine', como disse São Paulo a Timóteo, jamais recebeu uma negação tão clara. Seu talento era tão forte e irresistível desde cedo que, mesmo se desejasse, Madame de Genlis não seria livre para obedecer a essa injunção. Ainda na infância, manifestava um instinto e entusiasmo pela pedagogia, usando essa palavra em seu sentido mais elevado. Desde o seu nascimento, estava predestinado que seria a mais atraente e agradável das pedagogas." (Sainte-Beuve, 1850, p. 62)

⁷¹ Aparentemente o casamento restaura o entusiasmo da autora. A estabilidade do conde de Genlis, coronel dos granadeiros de Nancy, assegurava um futuro financeiro confortável para o casal, permitindo-lhes aproveitar a felicidade sem preocupações materiais. Cf. BERTAUT (1941), capítulo 2, p. 45.

pela racionalidade. Conquanto sua aceitação naquele círculo⁷² fosse lenta e gradual, sua ligação com Madame de Montesson garantiu seu espaço na corte de Philippe d'Orléans, que as convidou para Villers-Cotterêts, onde ambas participavam ativamente na disposição de atividades culturais.

Inegavelmente a solidez da aliança entre essas duas mulheres, cercadas por uma atmosfera de intrigas e suas próprias intenções particulares, atestou os objetivos de ambas. Ao ser admitida por Madame de Montesson, Madame de Genlis conquistou a confiança do Duque de Orléans, a amizade dos Puysieulx e o espaço necessário para colocar suas ideias em prática e escalar sua posição no salão. Através de suas apresentações, atraía os sentidos dos proeminentes intelectuais e artistas, assim como da família que até então a rejeitava.

Les Puysieulx se laissèrent vaincre à leur tour, et Félicité de Genlis fut conviée à de longs séjours au beau Château de Sillery, près de Reims, où elle parvint à gagner l'amitié de l'oncle et de la tante qui s'étaient montrés si réticents pour son mariage. Mme de Genlis se signala de plus en plus par ses talents de musicienne et d'actrice, grâce auxquels elle obtint une place prépondérante dans les salons. Elle était devenue alors l'amie de Jean-Jacques Rousseau, ce qui n'était pas facile, étant donné le caractère ombrageux de cet écrivain. Mme de Puysieulx avait fini par éprouver une telle affection pour sa nièce qu'elle tâcha de la faire prendre comme dame d'honneur dans la maison que le comte de Provence était en train de constituer lors de son mariage avec une princesse de Savoie. Mme de Montesson, mise au courant du projet, le devança; elle fit donner à sa nièce une place de dame d'honneur auprès de la duchesse de Chartres, fille du duc de Penthièvre, et, en même temps, Genlis fut nommé capitaine des gardes du duc de Chartres. (Castries, 1985, p. 115)⁷³

Madame de Genlis afirma ter começado a publicar para ajudar uma família condenada a pagar uma multa pesada⁷⁴. Sua tia, Madame de Montesson, também autora, publicava suas obras

⁷² Segundo Bertaut (1941), mesmo após o nascimento da primeira filha do casal, a família aristocrática do Conde de Genlis rejeitava o casamento, que havia acontecido em segredo. As reações foram de escândalo e, como era de costume, repercutiram nas cortes de Paris e Versalhes. Por outro lado, a Marquesa de Montesson abriu as portas de seu salão para Madame de Genlis e a apresentou a várias pessoas que, ainda que não a aceitassem completamente, respeitavam-na com a fria cortesia aristocrática.

⁷³ “Os Puysieulx também deixaram-se vencer, e Félicité de Genlis foi convidada para longas estadias no belo castelo de Sillery, próximo de Reims, onde conseguiu conquistar a amizade do tio e da tia que haviam se mostrado tão reticentes em relação a seu casamento. Madame de Genlis destacou-se cada vez mais por seus talentos como musicista e atriz, graças aos quais obteve uma posição preponderante nos salões. Ela havia se tornado amiga de Jean-Jacques Rousseau, o que não era fácil, dado o caráter temperamental desse escritor. Madame de Puysieulx acabou desenvolvendo tal afeição por sua sobrinha que tentou colocá-la como dama de honra na casa que o conde de Provence estava constituindo durante seu casamento com uma princesa de Saboia. Madame de Montesson, ciente do projeto, agiu rapidamente; conseguiu para sua sobrinha uma posição de dama de honra junto à duquesa de Chartres, filha do duque de Penthièvre, e, ao mesmo tempo, Genlis foi nomeado capitão das guardas do duque de Chartres.” (Tradução nossa)

⁷⁴ GENLIS, Mme de. *Mémoires de Madame de Genlis*. Edition présentée et annotée par Didier Masseau, Paris, Mercure de France (« Le temps retrouvé ») p. 390, 2004. Apud REID (2017)

sob anonimato, evidenciando uma percepção clara dos perigos da fama. Com seu apoio, Madame de Genlis consolidou-se como escritora no campo editorial. No entanto, conquistar espaço na sociedade era apenas o primeiro passo de uma jornada contínua para sustentar-se nessa posição. Segundo Zanone (2008), Madame de Genlis elevou-se socialmente sobre três pilares: a literatura, a moralidade e a religiosidade, elementos que aparecem recorrentemente em sua obra e reforçam sua posição naquele meio.

Les trois éléments se tiennent par une nécessité impérieuse et indiscutée. Les termes de morale et de religion, en particulier, ne semblent pas associés pour ouvrir l'espace d'une problématisation qui permettrait d'apprécier leur construction réciproque, mais pour en imposer davantage qu'aucun des deux termes ne le ferait isolément: syntagme insécable et redondant, « morale et religion » forment un bloc qui semble fait pour intimider le lecteur. Le fonctionnement de ce syntagme dans le corpus divers de Mme de Genlis, l'identité implicite et têtue qu'il pose entre les deux termes, fournirait un vaste sujet d'étude. (Zanone, 2008, p. 197)⁷⁵

Em 1779, Madame de Genlis passou a desempenhar o papel de educadora no Pavilhão de Bellechasse, responsável pela educação dos filhos do Duque e da Duquesa de Chartres. A controversa decisão de nomeá-la como governanta e educadora de herdeiros da monarquia despertou intensas críticas na opinião pública, embora Genlis aplicasse métodos educativos rigorosos e inspirados por grandes pensadores. Pouco após sua nomeação, publicou *Adèle et Théodore ou Lettres sur l'Éducation* (1782), um romance epistolar parcialmente inspirado no pensamento de Rousseau, destinado à educação de seus alunos. A obra apresentava três planos educacionais, para “príncipes, jovens moças e homens”, evidenciando sua dedicação pedagógica e sua visão estruturada para a formação moral e intelectual de seus pupilos.

Em seu artigo, Robb (1993) afirma que, embora *Adèle et Théodore* apresente uma visão de educação “virtuosa” em uma sociedade em que essa educação era extremamente limitada, o sistema pedagógico elaborado por Madame de Genlis estimula a criatividade. O romance enfatiza a importância da comunidade e das amizades sinceras, evidenciadas pelos relacionamentos entre as personagens, e sugere que a busca pela virtude não é um esforço solitário, mas envolve o apoio mútuo nas lutas pessoais. Robb (1993) considera o modelo pedagógico de Madame de Genlis como

⁷⁵ “Os três elementos mantêm-se por uma necessidade imperiosa e indiscutível. Os termos “moral” e “religião”, em particular, não parecem associados para abrir o espaço de uma problematização que permitiria apreciar sua construção recíproca, mas sim para impor mais do que qualquer um dos dois termos faria isoladamente: sintagma inseparável e redundante, “moral e religião” formam um bloco que parece feito para intimidar o leitor. O funcionamento desse sintagma no diverso corpus de Madame de Genlis, a identidade implícita e teimosa que ele estabelece entre os dois termos, forneceria um vasto tema de estudo.” (Tradução nossa)

utópico, pois a narrativa propõe que é possível integrar a sofisticação mundana à virtude ideal, mesmo em um contexto marcado por crises e desigualdades profundas.

Figura 4 – *The Harp Lesson, Oil on Canvas*



Fonte: Scientific Figure on ResearchGate, 1791

Armenteros (2013) observa que o pensamento político de Madame de Genlis é profundamente marcado pela influência de Jean-Jacques Rousseau, cujas ideias ela tanto critica quanto adota de maneira seletiva, desenvolvendo, ao longo de sua trajetória, uma perspectiva

própria. Esse processo de adaptação e reinterpretação torna-se particularmente evidente em sua transição para o monarquismo após a Revolução Francesa, momento em que Genlis se distancia dos ideais mais democráticos de Rousseau, sinalizando uma evolução significativa em sua orientação política.

Em *Adèle et Théodore*, Madame de Genlis apresenta sua proposta pedagógica inicial e elabora um tratado plurifacetado, que une educação, a função feminina e pensamento político. Em seu artigo, Armenteros (2013)⁷⁶ destaca que essa obra reflete a visão de Madame de Genlis sobre a administração emocional nas sociedades políticas, uma abordagem que, embora situada no contexto monarquista, incorpora elementos de crítica e adesão ao republicanismo rousseauiano. O personagem M. de Lagaraye, por exemplo, é apresentado como um “legislador-rei” e simboliza essa dualidade, combinando características de um governante tradicional, investido de sacralidade cristã, com as qualidades de um legislador republicano, cuja autoridade emana de habilidades pessoais e de sua capacidade de moldar a comunidade que governa.

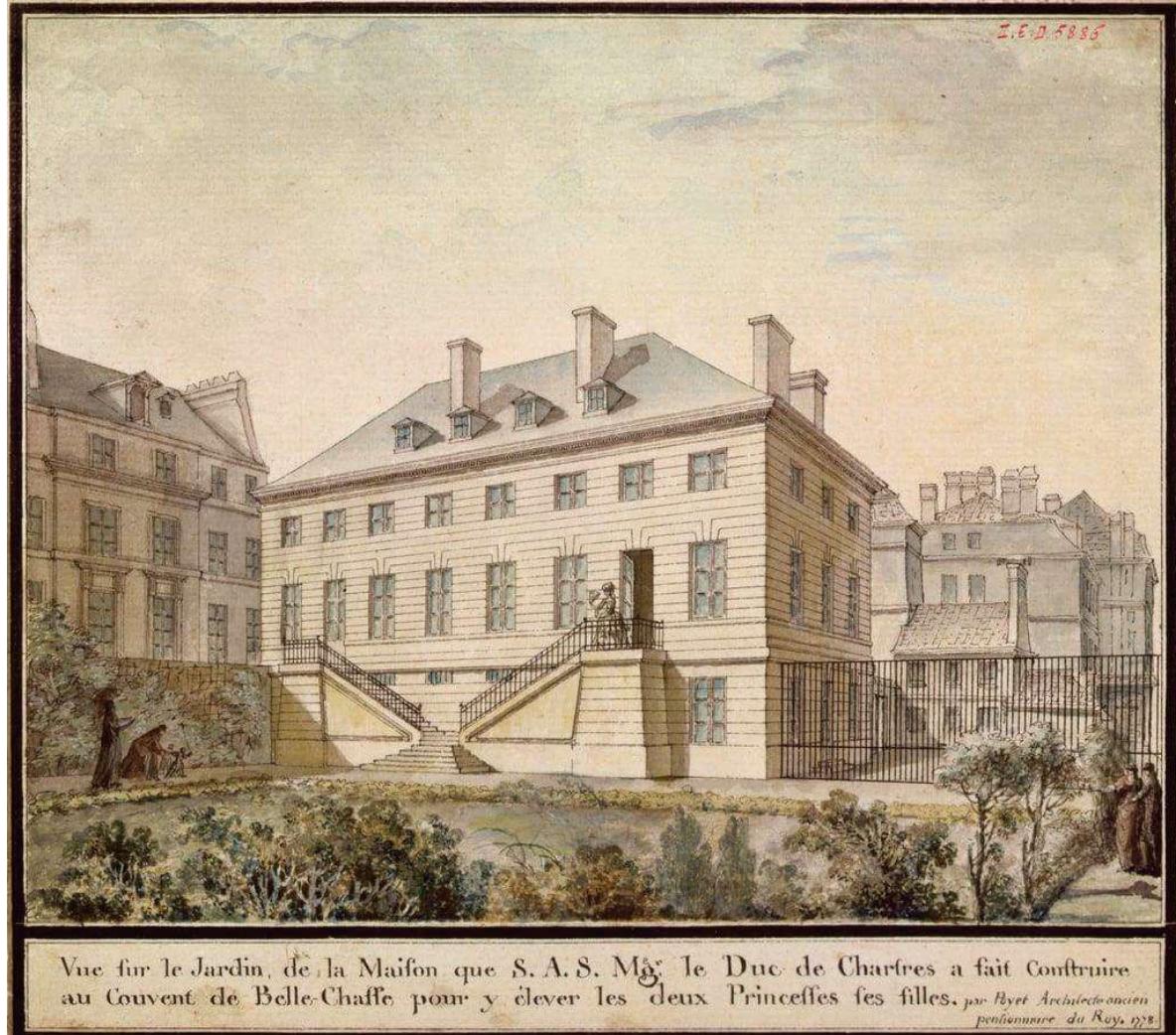
Conjuntamente, Madame de Genlis estabelece uma relação crítica com os ideais de Rousseau, especialmente os retratados em *Julie, ou la Nouvelle Héloïse* e *Emile*. Sua narrativa confronta o ideal rousseauiano de Arcádia com uma visão pragmática que destaca o papel da educação para a formação de hierarquias sociais e a importância da maternidade para a transmissão de valores morais e sociais. Por outro lado, essa publicação, assim como o próprio fato de a autora ter assumido a posição de preceptor, suscitou reações críticas contemporâneas, como evidencia a paródia *Le Songe d'Athalie* (1788), de Grimaud de La Reynière, que satiriza a autora ao apontar, de forma irônica, sua ocupação de espaços tradicionalmente masculinos no debate pedagógico e político. A quarta nota de rodapé⁷⁷ dessa paródia chega a descrever Genlis como “um ser

⁷⁶ Essa interpretação está baseada na análise de Carolina Armenteros, que destaca a narrativa da Arcádia de Lagaraye como um espaço em que Genlis explora a administração emocional em contextos políticos, em diálogo crítico com as ideias de Rousseau. Armenteros argumenta que, embora Genlis critique severamente Rousseau, ela se apropria de aspectos de sua filosofia política para desenvolver uma visão própria e única de monarquismo. O artigo conclui que *Adèle et Théodore* supera sua proposta como romance pedagógico e apresenta-se também como um tratado de teoria política. A obra revela uma visão política elaborada, anterior à Revolução Francesa, que fundamenta sua adesão ao lado monarquista não como mero oportunismo, mas como parte de um projeto político coerente. Em seu texto, Madame de Genlis demonstra um uso dinâmico da literatura para articular intervenções ideológicas que refletem tanto influências quanto críticas ao pensamento de Rousseau, posicionando-a como uma pensadora singular no contexto da contrarrevolução. Para mais detalhes, ver: ARMENTEROS, Carolina. *The Political Thought of Madame De Genlis: Rousseau's Royalist Legacy*. *Revue électronique de littérature française*, v. 7, n. 1, p. 45–69, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.18352/relief.849> Acesso em: 31/12/2024.

⁷⁷ A quarta nota de rodapé da paródia de Grimaud afirma de maneira irônica: “*Madame la contesse de Genlis est en effet un être hermaphrodite, puisqu'elle a accpeté une place d'homme, & qu'on ne peut lui reprocher de n'avoir pas*

hermafrodita", por ter aceitado uma posição de autoridade tipicamente associada ao universo masculino, o que reforça a recepção ambivalente de sua atuação pública.

Figura 5 – *Le Pavillon de Bellechasse*



Fonte: Bernard Poyet, 1778.

Também é possível observar através de títulos como *Théâtre à l'usage des jeunes personnes*⁷⁸ e *Les Annales de la vertu, ou Cours d'histoire à l'usage des jeunes personnes*⁷⁹ a consistência de Madame de Genlis em produzir obras voltadas para a formação moral e intelectual dos jovens, em meio às mudanças sociais, políticas e culturais do final do século XVIII. Esses

tenu sa place de Femme." "De fato, a Madame condessa de Genlis é um ser hermafrodita, já que aceitou uma posição de homem e não se pode censurá-la por não ter ocupado o lugar de mulher." (Tradução nossa)

⁷⁸ Teatro para o uso dos jovens (Tradução nossa)

⁷⁹ Anais da Virtude, ou Curso de História para jovens (Tradução nossa)

títulos evidenciam a percepção das artes (principalmente da literatura e do teatro) como ferramentas educacionais fundamentais, capazes de promover tanto o desenvolvimento moral quanto o fortalecimento intelectual. Segundo a análise de Pinto (2017), *Théâtre à l'usage des jeunes personnes* ilustra as transformações sociais e políticas que antecederam a Revolução Francesa: as peças refletem essas mudanças de uma maneira “prática”, buscando orientar a juventude em tempos de transição.

Durante o Iluminismo, uma vasta gama de temas foi exaustivamente debatida, e, dentre os mais abordados, estava a felicidade. Sendo constantemente redefinida nos textos dos pensadores iluministas, a felicidade passou de uma associação tradicional com a virtude para uma busca mais subjetiva e pessoal. Émilie du Châtelet, por exemplo, articula em seu *Discurso sobre a felicidade* (1746) uma perspectiva hedonista, em que a felicidade é derivada de prazeres duradouros ligados a paixões e gostos individuais. Ela realiza ainda um interessante recorte de gênero ao colocar o amor ao estudo como a paixão que mais contribui para a felicidade, pois é uma atividade que proporciona satisfação interna e autônoma, sem a necessidade de validação externa. Enquanto Émilie du Châtelet coloca a autonomia e a autorrealização no centro da felicidade, outros pensadores, como Madame de Genlis, optaram por explorar a busca pela felicidade também sob a perspectiva da virtude e da religião.

Madame de Genlis reflete o conceito de “religião natural”, enfatizando a razão e o sentimento como caminhos para a compreensão de Deus, em vez de confiar apenas nas religiões reveladas. Em alinhamento com esses ideais filosóficos, Madame de Genlis defende uma conexão racional e pessoal com o divino, mas acrescenta uma dimensão moral e pedagógica, considerando a religião e a filosofia como bases para a felicidade e o comportamento virtuoso. Esse ideal é exemplificado por títulos como *La religion considérée comme l'unique base du bonheur et de la véritable philosophie*, refletindo uma visão de mundo na qual a educação moral e a virtude são fundamentais para uma vida equilibrada e significativa. A circulação internacional de sua obra ressalta sua notoriedade. No prefácio da tradução inglesa, publicada em 1787, o tradutor afirma:

Translator's Preface

The works of Madame la Marquise de Sillery, formerly the Countess of Genlis, are too well known and too highly esteemed to require any commendation from the pen of the Translator. Therefore, he will not presume to give his opinion on the work he has the honor of presenting to the English nation; her name alone suffices to invite its reading. Its importance and excellence will more than sufficiently recommend it to the serious attention of the world and to place her

name among the ranks of esteemed religious writers, a position she has long held among those known for their instructive and delightful writings.

To know Madame de Sillery is to appreciate her qualities and to admire her talents. The Translator, honored with her friendship and protection, is deeply moved by these sentiments: a desire to form an even closer connection with her...⁸⁰ (p. 3, 1787)

Nesta obra, a autora empenha-se em defender os princípios religiosos frente às críticas do Iluminismo, ressaltando a importância da fé e da lei moral para a sociedade. Madame de Genlis expõe as contradições nas visões de Voltaire sobre religião e moralidade, destacando suas críticas às leis judaicas e explorando as implicações morais dessas críticas no contexto da obra de Voltaire e na interpretação de textos religiosos. Ao defender as leis mosaicas, Madame de Genlis argumenta que essas são fundamentadas na sabedoria divina, servindo como pilar para a justiça e a moralidade. Ela contrapõe essas leis ao "caos" que, segundo ela, é introduzido pelo pensamento filosófico moderno, que ameaça minar os valores sociais e promover a irreligião.

Madame de Genlis também critica duramente a *Encyclopédie*, sugerindo que os editores desta obra almejavam atacar sistematicamente a religião. Em sua análise, Madame de Genlis argumenta que os artigos nela contidos refletem um esforço deliberado para enfraquecer as crenças religiosas e os padrões morais. Por fim, ao discutir a natureza da matéria e do movimento, ela postula que deve existir uma causa inteligente além do mundo material para explicar a ordem e a complexidade do universo.

Além disso, é possível perceber seu interesse por temas históricos e políticos, especialmente ligados à Revolução Francesa e à moral pública, como em *Précis de la conduite de Madame de Genlis depuis la Révolution* e *Discours sur la suppression des couvents de religieuses et l'éducation publique des femmes*, títulos que sugerem o envolvimento da autora nas discussões de seu tempo sobre os direitos das mulheres e nas recorrentes transformações sociais. O título *De l'influence des femmes sur la littérature française, comme protectrices des lettres et comme auteurs; ou Précis de*

⁸⁰ "Prefácio do Tradutor – "As obras de Madame la Marquise de Sillery, outrora Condessa de Genlis, são muito conhecidas e altamente estimadas, não necessitando, portanto, de qualquer elogio da parte do Tradutor. Ele não se atreverá, portanto, a expressar sua opinião sobre o trabalho que tem a honra de apresentar à nação inglesa; o próprio nome dela já é suficiente para incentivar a leitura. Sua importância e excelência serão mais que suficientes para recomendá-lo à séria atenção do mundo e para colocar seu nome no mesmo patamar dos escritores religiosos, posição que ela já há muito ocupa entre os autores instrutivos e agradáveis. Conhecer Madame de Sillery é estimar suas qualidades e admirar seus talentos. O Tradutor, honrado com sua amizade e proteção, está profundamente impressionado com esses sentimentos: o desejo de estreitar ainda mais sua conexão com ela..." (Tradução adaptada)

l'histoire des femmes françaises les plus célèbres revela ainda o interesse de Madame de Genlis em explorar e valorizar o papel das mulheres na cultura e na literatura francesa, pretendendo destacar as contribuições das mulheres, tanto como patronas das artes quanto como autoras, demonstrando como essas figuras femininas interferiram no desenvolvimento literário e intelectual da França.

Para além disso, a obra demonstra uma tentativa consciente de legitimar a presença feminina nas letras, oferecendo um recorte histórico das mulheres que marcaram a literatura francesa. A expressão "*protectrices des lettres*" sugere uma visão das mulheres não somente como criadoras de conteúdo literário, mas também como guardiãs e incentivadoras das letras, o que aponta para um reconhecimento do valor feminino na preservação da memória e na promoção da cultura. Ademais, reflete um esforço de Madame de Genlis em inscrever as mulheres no cânone literário e intelectual, uma atitude ousada para o contexto de seu tempo. Ao dedicar-se à história das mulheres francesas célebres, ela destaca a importância de uma história literária "paralela", na qual as contribuições femininas não são apenas reconhecidas, mas celebradas como essenciais para o patrimônio cultural francês. Vejamos abaixo uma passagem da obra em questão:

AVERTISSEMENT

On a donné au public plusieurs ouvrages volumineux, contenant l'histoire des femmes auteurs ; mais la plus grande partie de ces auteurs sont très médiocres, ou même tout à fait dénués de talent, et les trois quarts de ces femmes célèbres portent les noms les plus obscurs et les plus oubliés. On a fait cet ouvrage sur un plan très différent : on n'y parlera que des femmes qui ont eu quelque influence sur la littérature française, parce que cette recherche est par elle-même intéressante, curieuse et neuve, qu'elle ramènera souvent à la peinture des mœurs du temps où ces femmes ont écrit, et qu'enfin elle produira surtout à cet égard une foule d'observations nouvelles.

Les protectrices des lettres ne devaient pas être omises dans cet ouvrage, puisqu'elles ont eu nécessairement une grande influence sur la littérature, en encourageant, en récompensant des talents qui, faute d'appui, n'auraient pu souvent ni se développer ni se perfectionner. On ne parlera que des femmes qui n'existent plus. On a tâché d'offrir dans cet ouvrage, non un tableau, mais une esquisse légère de la littérature française, et des progrès de la décadence et de la renaissance du goût et des bons principes. On a indiqué l'origine et les causes du mauvais goût qui, trop longtemps, a obscurci l'éclat de cette brillante littérature, que tant de chefs-d'œuvre ont élevée si haut. Enfin, cette histoire rapide est précédée par des réflexions sur les femmes en général, et particulièrement sur les femmes auteurs. (Genlis, 1811, p. 1-2)

A advertência da autora demonstra criticidade e seletividade em relação às mulheres escritoras retratadas nesta obra. Segundo Bourdieu (1992), a classe dominante usa o capital cultural para manter a exclusividade, o que pode marginalizar ainda mais indivíduos de diferentes origens

e gêneros, particularmente mulheres. As dinâmicas sociais estão permeadas por interações e interseções entre gênero e classe, por meio de estruturas psicológicas e categorias que servem de análise para ilustrar como esses fatores influenciam coletivamente a mobilidade social e as oportunidades dos indivíduos na sociedade, sendo o capital cultural significativo para a compreensão dessas dinâmicas. A intenção de focar apenas nas figuras femininas que exerceram uma “influência significativa” na literatura francesa, deixando de lado aquelas consideradas “mediocres” ou “desprovidas de talento”, revela uma preocupação em não apenas registrar nomes, mas em oferecer uma análise substancial do impacto cultural dessas mulheres, ao passo que nos alerta a respeito do recorte para o qual olharemos.

Não obstante, a perspectiva da autora é inovadora para o período, posto que ela pretende associar as biografias dessas escritoras à representação das práticas e costumes de seus tempos, o que sugere um interesse em contextualizar a produção literária no panorama histórico e social. Ao incluir as “protetoras das letras”, ou seja, as mulheres que atuaram como mecenas, a autora reforça o papel essencial do apoio feminino ao desenvolvimento e à preservação do talento literário, mesmo entre aquelas que não escreveram diretamente.

Existe ainda a preocupação de registrar de maneira abrangente a evolução do gosto literário e dos princípios estéticos na literatura francesa, abordando tanto a decadência quanto o renascimento desses valores. Ao distinguir as "mulheres em geral" das "femmes auteurs", a autora propõe uma reflexão específica sobre a condição e a influência das mulheres na literatura, adotando uma perspectiva crítica e pragmática que sublinha a relevância das escritoras no contexto cultural francês.

Mais um dos muitos aspectos fascinantes da obra de Madame de Genlis é a ênfase em uma educação que forneça os aparatos necessários para a adaptação e sobrevivência em uma Europa em rápida transformação, como evidenciado em títulos como *Manuel du voyageur, ou Recueil de Dialogues*⁸¹ e *Les petits émigrés, ou Correspondance de quelques enfants*⁸². Conforme aponta Altamira (2024), a narrativa de *Les petits émigrés* destaca a importância de uma educação plurilíngue ao retratar um grupo de jovens emigrantes aristocráticos que utiliza suas habilidades linguísticas para disfarçar suas origens e se misturar à sociedade europeia no final do século XVIII.

⁸¹ Título completo: Manual do Viajante, ou Coletânea de Diálogos, Cartas etc., seguida de um Itinerário racional para o uso dos franceses na Alemanha e dos alemães na França (tradução nossa).

⁸² Os pequenos emigrantes, ou Correspondência de algumas crianças (tradução nossa).

O caráter multilíngue dos personagens simboliza uma mudança significativa na literatura pós-revolucionária, indicando uma nova relação entre países e culturas. Isso reflete também um mundo cada vez mais interconectado, no qual a linguagem desempenha um papel vital no intercâmbio cultural e na identidade, representando um aspecto essencial para a adaptação e a sobrevivência desses jovens.

Em síntese, os títulos de Madame de Genlis refletem uma autora diligente e pragmática, profundamente envolvida com a educação, a moral, a história e o papel da mulher na sociedade; este último demonstra ser um ponto central em sua obra, onde a autora se posiciona como uma defensora da relevância feminina tanto na cultura literária quanto nas transformações sociais do período. Através de suas narrativas, Genlis não apenas reflete sobre os desafios enfrentados pelas mulheres, mas também propõe um modelo de educação que permita sua plena inserção e contribuição para a sociedade, especialmente no contexto de uma Europa em transformação. Suas obras, com sua abordagem inovadora, são um testemunho da busca pela legitimação do papel das mulheres na sociedade e na literatura, conferindo-lhes um espaço de destaque e reconhecimento em um cenário historicamente dominado por figuras masculinas. Dessa forma, o legado de Madame de Genlis vai além de sua produção literária, influenciando a forma como a educação e o papel das mulheres na sociedade foram pensados e discutidos no seu tempo e além dele.

2.5. Contradições da Revolução Francesa

Após a convocação dos Estados Gerais por Luís XVI, as tensões intensificaram-se e, com a queda da Bastilha, iniciou-se o período revolucionário na França. Em 1792, Madame de Genlis buscou exílio fora do país; durante esse período, o rei foi decapitado, assim como M. de Genlis. O retorno da autora ocorreu somente após o golpe de Napoleão Bonaparte. Durante os cerca de dez anos de exílio, ela continuou dedicando-se intensamente à escrita, dependendo ainda mais de sua produção literária. O exílio voluntário após a prisão do Conde de Genlis, seguido pela execução do rei e da rainha, Marie-Antoinette, marcaram um período de profunda transformação pessoal e política para a autora. Sua produção aumentou e diversificou-se. Segundo Reid (2011), a preocupação em manter sua “carreira literária” a levou a produzir com ainda mais ênfase e direcionamento. Possuidora de uma extensa produção literária e reconhecida por toda Europa, ela destaca-se nos domínios do livro escolar, do livro prático e do romance. No artigo “Madame de Genlis dans le champs éditorial de son temps”, Reid (2011) afirma que Madame de Genlis se tornou

uma das primeiras mulheres autoras a envolverem-se na “literatura industrial” denunciada por Sainte-Beuve (1839).

Figura 6 – *Portrait of Madame de Genlis*



Fonte: Adélaïde Labille-Guiard, 1790.

Foi durante esse período que a autora publicou os já mencionados *Les petits émigrés* e *Manuel du voyageur*, e também um *Précis de la conduite de Madame de Genlis depuis la Révolution*⁸³ (1796), com o objetivo de defender e justificar sua reputação após a Revolução Francesa, provavelmente devido a seu envolvimento com figuras políticas da época e à crítica pungente de suas opiniões durante o período revolucionário. O título da obra é acompanhado por uma citação de uma carta de Madame de Maintenon: “a única maneira de vencer a calúnia é desprezá-la”. O prefácio do tradutor britânico oferece ainda uma perspectiva externa para a situação da autora e agrega uma visão da forma como Madame de Genlis era vista fora do território francês.

⁸³ Relato da conduta de Madame de Genlis desde a Revolução, ao qual se acrescentam uma Carta ao Sr. de Chartres e Os Pastores dos Pirineus, um Fragmento (tradução nossa).

The little volume now presented to the public, in an English dress, will need no other introduction, than the far famed, though the much aspersed name of Genlis to recommend it to notice. With much diffidence, the translator submits his first attempt, to a British public, relying only on that candour which has ever distinguished their decisions (...)

Madame de Genlis, in her account of her conduct, adduces such plain and convincing proofs of her veracity, as can leave to none but the prejudiced, the smallest room for doubt; and although this is among the first of her works, recording matter of fact, yet she is so much at home on every subject, that the reader will find his attention as agreeably interested, as when she transports him to the regions of Fancy.

The candid manner in which she writes to M. de Chartres does her the greatest honour; while it plainly shows that no political connection ever subsisted between them. From her narrative, and this letter, much information is to be gleaned, with respect to the French Revolution, and the chief actors in that interesting scene. (prefácio do tradutor, 1796, p. 5)⁸⁴

Percebe-se que Madame de Genlis gozava da confiança de pessoas ligadas ao meio literário. Apesar das calúnias sofridas ao longo de sua carreira, ela conseguiu manter-se suficientemente notável e reconhecida por sua relevância cultural e literária. As palavras do tradutor sobre o *Précis* reforçam a imagem de sinceridade e integridade que Madame de Genlis buscava manter, "provas tão claras e convincentes de sua veracidade que não deixam espaço para dúvida", ao passo que buscam reforçar a credibilidade da autora entre o público britânico. Para além disso, há uma clara tentativa de afastar a imagem de Madame de Genlis da imagem do Duque de Chartres, executado em 1793, durante o Terror. A nota ainda oferece um elogio ao estilo literário da autora, que equilibra realidade e imaginação, descrevendo sua habilidade de envolver o leitor através da escrita, descrevendo-a como uma escritora "à vontade em todos os assuntos" e capaz de "transportar" o leitor para "regiões da fantasia".

Les Voeux téméraires ou l'enthousiasme (1798-1799), publicado antes do retorno de Madame de Genlis à França sob o regime de Napoleão, foi dedicado a Henriette Matthiesen e a

⁸⁴ O pequeno volume agora apresentado ao público, em traje inglês, não precisará de outra introdução além do famoso, embora recentemente muito caluniado, nome de Genlis para recomendá-lo à atenção. O tradutor submete sua primeira tentativa ao público britânico, confiando apenas na candura que sempre distinguiu seus julgamentos (...) Madame de Genlis, em seu relato sobre sua conduta, apresenta provas tão claras e convincentes de sua veracidade que não deixa espaço para dúvida, exceto aos que têm preconceitos. Embora esta seja uma das primeiras de suas obras a registrar questões de grande importância, ela está tão à vontade em todos os assuntos que o leitor sente que ela o transporta para as regiões da fantasia.

A maneira franca com que escreve a M. de Chartres lhe confere a mais alta honra, ao mesmo tempo que demonstra claramente que nunca houve qualquer vínculo político entre eles. De sua narrativa e desta carta, muito pode ser aprendido a respeito da Revolução Francesa e dos principais atores dessa cena fascinante. (prefácio do tradutor, 1796, p. 5 – *tradução nossa*)

Lady Edward FitzGerald, que, para além de esposa de Edward FitzGerald, um revolucionário radical irlandês, se destacou por sua dedicação à causa da independência irlandesa. Lady FitzGerald era conhecida por sua paixão pela terra natal e pela liberdade, características que provavelmente atraíram Madame de Genlis a dedicar-lhe sua obra. Entre as calúnias direcionadas a Madame de Genlis, estava a acusação de ser mãe de filhos ilegítimos do Duque de Orléans. No entanto, entre os muitos interesses da autora, a adoção⁸⁵ de crianças era um tema recorrente. Conforme relatos históricos, Madame de Genlis adotava crianças, às quais tratava como pupilos, nutrindo, evidentemente, um profundo carinho por elas. Lady FitzGerald poderia ter sido uma dessas crianças adotadas, e a dedicatória reflete o apreço pessoal de Madame de Genlis por essa mulher, que, possivelmente, compartilhava ideais semelhantes aos dela e que certamente teve um impacto significativo nas questões políticas de sua época.

Nesta obra, escrita durante o turbulento período da Revolução Francesa, Madame de Genlis coloca o entusiasmo desenfreado do contexto político como uma força irracional que pode levar à ação imprudente e à busca de objetivos excessivos ou perigosos. O entusiasmo é visto como uma emoção que pode ser tanto um impulso positivo, quando direcionado para causas nobres, quanto uma força destrutiva, quando orientado para objetivos imprecisos ou extremistas. A Revolução de fato abalou profundamente a sociedade, afetando a todos, inclusive a autora. Madame de Genlis, enquanto tutora, participava ativamente da vida cultural e intelectual, promovia uma educação considerada inovadora, combinando os princípios morais com os crescentes avanços pedagógicos e científicos, observando as crenças e os estilos de vida serem perturbados pelas turbulências políticas e a interferência da opinião pública em sua própria vida privada.

Seus métodos educacionais, que incluíam viagens pedagógicas e a introdução dos alunos aos princípios da moral cristã, da literatura e das artes, refletiam a influência dos ideais iluministas na preservação de valores tradicionais, ao mesmo tempo em que buscavam uma abordagem prática para desenvolver competências naturais em uma Europa caótica. Conforme destaca Salmi (2013), os métodos de ensino de Genlis estavam à frente de seu tempo: ela utilizava ferramentas como a lanterna mágica para ilustrar lições de história e geografia, empregava falantes nativos para o ensino de idiomas e introduzia modelos em escala para representar diversos ofícios, promovendo

⁸⁵ Conforme inferimos a partir das obras *Discours sur l'éducation de M. le dauphin* e *Sur l'adoption, Paméla ou l'heureuse adoption* (In: *Les Veillées du château ou cours de morale à l'usage des enfants*) e ainda a coletânea de *Lettres inédites de Mme de Genlis à son fils adoptif Casimir Baecker*.

um aprendizado baseado na observação e no engajamento prático, algo ainda relevante na educação moderna. Apesar de seu reconhecimento na Europa, suas ideias educacionais não influenciaram diretamente a Finlândia, e o artigo reflete sobre as possíveis razões dessa falta de impacto. As contribuições inovadoras e subestimadas de Genlis para a educação combinavam observação, engajamento prático e recursos didáticos pioneiros que, embora visionários, não se espalharam amplamente como o esperado.

Figura 7 – *Félicité de Genlis au Travail*



Fonte: G. Garitan, 1900.

O trabalho autoral de Madame de Genlis durante a Revolução Francesa oferece uma perspectiva singular sobre os dilemas e contradições que perpassaram esse período de profundas rupturas. Enquanto intelectuais e membros da aristocracia se viam confrontados pelo desafio de conciliar princípios iluministas com a instabilidade política emergente, Genlis oscilava entre a defesa de valores tradicionais e a necessidade de adaptação às exigências de uma modernidade em pleno fluxo de transformação. Sua produção intelectual, além do domínio literário e pedagógico, aparece como testemunho das complexidades e ambivalências de um contexto revolucionário que, ao mesmo tempo em que proclamava ideais de liberdade e igualdade, revelava as limitações e

paradoxos dessas promessas. A vida da autora, marcada por tensões internas e desilusões, evidencia as fraturas de um imaginário humanista em confronto com a realidade histórica.

Com o retorno à França durante o governo de Napoleão Bonaparte, Madame de Genlis viu-se compelida a adaptar-se às novas conjunturas políticas e culturais, retomando sua atuação literária e pedagógica de forma menos proeminente que em períodos anteriores, ainda que resistente. Apesar das críticas direcionadas à sua figura, uma análise de seu legado literário e intelectual exige o reconhecimento das contradições e ambivalências que atravessam tanto sua trajetória pessoal quanto sua produção literária. Tal abordagem crítica, longe de minimizar sua relevância histórica e cultural, enriquece a compreensão de sua notoriedade como autora.

2.6. A volta do exílio e memórias da Revolução

O retorno de Madame de Genlis a Paris, após os anos de exílio, não marcou apenas a retomada de sua vida em solo francês, mas também o início de um esforço consciente para contribuir para a reconstrução da alta sociedade sob o governo napoleônico. Seu salão no Arsenal tornou-se um espaço emblemático, onde as tradições do Antigo Regime encontraram uma nova expressão à luz das mudanças sociais e políticas trazidas pela Revolução. Segundo Convoy (2013), Madame de Genlis utilizou sua experiência e reputação como testemunha confiável do passado para promover uma sociabilidade moderada, que vinculava valores morais à estética, criando pontes entre os mundos que ela habitou e ajudando a curar as feridas de uma sociedade dividida.

Em 1799, o retorno de várias figuras notáveis à França desempenhou um papel essencial para a consolidação do poder de Napoleão Bonaparte e para a formação de uma nova ordem política. Durante o período do Consulado, o governo implementou medidas para permitir a reintegração de monarquistas e ex-nobres que haviam fugido durante a Revolução Francesa, como parte de um esforço mais amplo de reconciliação nacional. Essa política buscava não apenas estabilizar o país após anos de instabilidade, mas também unificar diferentes setores políticos em torno do novo regime. Entre os reintegrados, estavam Madame de Montesson, cuja relação com Joséphine Bonaparte facilitou seu retorno, e Madame de Genlis, que foi designada para a Bibliothèque de l'Arsenal, reforçando o papel das instituições culturais na legitimação do governo napoleônico.

Napoleão Bonaparte reconhecia a relevância de instituições culturais como a Bibliothèque de l'Arsenal na formação da opinião pública e na consolidação de seu regime político. Este espaço

cultural, símbolo da erudição e do conhecimento, foi largamente apoiado pelo imperador, que o utilizou como ferramenta para disseminar informações e promover um sentimento de orgulho nacional. A valorização da Biblioteca reflete uma evidente estratégia de associar o governo napoleônico a um projeto de modernização e engrandecimento da França, em consonância com os ideais iluministas que ainda ressoavam na época. Nesse sentido, o incentivo a instituições como a Bibliothèque de l'Arsenal foi também um esforço para robustecer a centralidade da cultura no fortalecimento da identidade francesa sob o novo regime.

Além disso, a Biblioteca desempenhou um papel prático no governo de Napoleão, funcionando como uma fonte fundamental de conhecimento histórico e literário para a formulação de políticas públicas e iniciativas propagandísticas. A administração napoleônica utilizou os recursos disponíveis nesse repositório intelectual para fundamentar seus esforços de construção de uma narrativa coerente que legitimasse seu poder e suas reformas. A valorização do acesso ao saber, em particular aos textos históricos, reforçava os alicerces intelectuais do regime, ao mesmo tempo que destacava o papel de Napoleão como promotor e protetor das artes e das letras na França.

O envolvimento de Napoleão com instituições culturais fazia parte de uma estratégia mais ampla para consolidar sua celebridade e seu status de líder da França moderna. Segundo Lilti (2018), ao associar-se a figuras e espaços culturais de prestígio, como a Bibliothèque de l'Arsenal, Napoleão buscava não apenas aprimorar sua imagem pública, mas também estabelecer-se como um estadista comprometido com o progresso intelectual e artístico. Essa estratégia de autopromoção incluía a valorização de personalidades que, como Madame de Genlis, se destacavam por sua contribuição à cultura e à educação, e cuja influência na sociedade francesa do período ressoava além das esferas aristocráticas.

Segundo Convoy (2013), o salão de Madame de Genlis tinha o foco nas boas maneiras e na preservação de valores tradicionais, os quais eram valorizados como contraponto às rupturas causadas pela Revolução Francesa. Sua atuação como anfitriã refletia as perdas e os desafios enfrentados por seus amigos, e ela mantinha-se como uma testemunha confiável da grandeza do Antigo Regime. Essa postura lhe conferiu relevância não apenas como figura literária, mas também como ponto de conexão entre as elites do novo regime napoleônico e a herança cultural francesa. Sua abordagem à sociabilidade era moderada, promovendo o diálogo como um meio de curar as divisões sociais e vincular o refinamento estético às virtudes morais. Assim, o salão de Madame de Genlis transcendia o mero convívio aristocrático, alcançando uma relevância que permeava

diferentes segmentos da sociedade ao combinar o encanto do Antigo Regime com os ideais emergentes do período napoleônico.

Foi nessa época que Madame de Genlis escreveu o romance sentimental que será analisado no próximo capítulo. Publicado no terceiro tomo de *Nouveaux Contes moraux et Nouvelles historiques*, *A Mulher escritora* desenvolve um argumento que aconselha as mulheres a não seguirem a carreira de autoras. Esse conselho, vindo de uma escritora com vasta produção, surpreende o leitor pela sua ambiguidade: Genlis, afinal, dedicou-se a explorar os dilemas morais e sociais de sua época, desenvolvendo uma defesa consistente da educação feminina. Suas obras apresentam técnicas voltadas para formar crianças e jovens nos novos contextos sociais. Ainda nesse período, publicou o *Précis de l'histoire des femmes françaises les plus célèbres* (1811), mencionado anteriormente como sua tentativa de inscrever as mulheres no cânone cultural francês. Essas contribuições revelam seu compromisso com uma visão moral e educacional que buscava, ao mesmo tempo, preservar valores tradicionais e adaptar-se às transformações de sua época. Além disso, refletem sua intenção de incluir as mulheres em uma história majoritariamente escrita por homens. Com essa perspectiva, passamos agora ao capítulo final, dedicado à análise literária de *La Femme auteur*.

3. A representação da mulher e da escritora nas obras de Madame de Genlis

Este capítulo visa analisar *A Mulher escritora* (1802) de Madame de Genlis. Esse romance sentimental explora os conflitos morais e emocionais de Natalie, uma órfã que, assim como sua irmã adotiva, Dorothée, cresceu em um convento de Paris. Esse foco é contextualizado dentro da tradição sentimental que valoriza o desenvolvimento e a virtude femininos, projetando, através de arquétipos comuns à pedagogia iluminista, valores moralizantes. A fim de compreender essa relação, trataremos brevemente do romance sentimental enquanto gênero.

3.1. O romance sentimental enquanto gênero literário

Conforme aponta Fernández (2011), o gênero romance sentimental tem raízes nas tradições medievais, remontando ao registro narrativo lírico iniciado por Jean Renart no século XIII. Embora a crítica literária frequentemente relate o romance sentimental à tradição da novela de cavalaria derivada de Chrétien de Troyes, Fernández destaca a inovação de Renart ao priorizar o elemento emotivo e lírico sobre o cavaleiresco, de modo que as questões amorosas se sobrepõem aos temas de cavalaria. Essa mudança de enfoque marca uma transição expressiva, fornecendo a base para o desenvolvimento posterior do romance sentimental como gênero.

As características da narrativa lírica, como a estrutura poética e os temas do amor, influenciaram significativamente a literatura medieval e o desenvolvimento do romance sentimental no século XVIII. As principais características da narrativa lírica, segundo Fernández (2011), incluem a incorporação de elementos líricos na narrativa, o protagonismo dado aos anseios amorosos e a inserção de composições poéticas que evocam temas da poesia trovadoresca. De acordo com o autor, a obra de Jean Renart introduz um “registro lírico-narrativo” que permanece influente na literatura dos séculos XIII e XIV, especialmente ao utilizar recursos como o cenário primaveril que remete ao início das *cansós* trovadorescas; a separação entre amantes (seja por distância geográfica, barreiras sociais ou morais); a comunicação amorosa por meio de poesias, mensageiros ou cartas; e o sigilo como condição essencial, cuja violação frequentemente resulta no infortúnio dos amantes. Ademais, essa narrativa valoriza o código de valores feudais, como a generosidade e a largueza.

Essas características tiveram impacto significativo na narrativa italiana, influenciando autores como Boccaccio e Piccolomini⁸⁶, e contribuíram, em última análise, para o nascimento do romance sentimental, enfatizando temas como a saudade, a comunicação e a interação de emoções públicas e privadas. Esse legado lírico faz-se presente no romance sentimental de Madame de Genlis, *A Mulher escritora* (como buscaremos demonstrar a seguir), em que elementos como o distanciamento emocional e a comunicação indireta entre os personagens são fundamentais para o desenvolvimento da narrativa e das tensões morais e afetivas que caracterizam o gênero.

No trecho que leremos adiante, a narrativa explora, com sutileza, temas centrais do romance sentimental, como o controle emocional, a contenção dos sentimentos e as normas de comportamento aristocrático que pautam as interações sociais e amorosas. A descrição das interações entre Natalie e Germeuil reflete uma espécie de contato comedido, em que a reserva de Natalie diante do jovem, aliada ao afeto de Germeuil por Madame de Nangis, indica o predomínio dos valores de respeito e prudência no ambiente aristocrático. Esses elementos reforçam o caráter moralizante da obra, alinhando-se com os padrões da época, em que o autocontrole e o apreço pelos códigos sociais eram parte integrante das relações e do desenvolvimento emocional dos indivíduos:

Natalie deparou-se nessas rodas com um homem que pouco conhecia, mas que sempre encontrara de bom grado. Chamava-se Germeuil. Tinha um porte sedutor e era citado como o homem da corte que acrescia aos modos mais agradáveis o melhor tom. Isso era, à época, um verdadeiro elogio, não se podia merecer-lo se não tivesse muita fineza, delicadeza e bom gosto. Germeuil gozava de conhecida afeição, cuja intensidade e duração, aliás, só aumentavam o interesse que despertavam seu caráter, sua leveza de espírito e sua pessoa. Há quatro anos amava perdidamente a condessa de Nangis, uma das mais belas mulheres da corte, de um comportamento tão perfeito que se assentia unanimemente que a constância de Germeuil se devia à certeza de ser amado por ela, mas, quanto se fizesse com isso justiça a madame de Nangis, havia a convicção de que ela terminaria por ceder a um sentimento que não podia nem vencer nem dissimular.

Natalie foi passar alguns dias na casa de uma de suas amigas, no campo. Lá encontrou Germeuil, que partiria no dia seguinte. À noite, ele sentou-se à mesa ao

⁸⁶ Embora Piccolomini tenha desempenhado um papel relevante no movimento humanista ao explorar temas de arbítrio e moralidade, é em Boccaccio que encontramos uma figura literária duradoura e consolidada, que atravessa séculos e se destaca no cânone literário até os dias de hoje. A recente adaptação de *Decameron* (2024) pela Netflix reforça sua relevância atual e a permanência de seu capital cultural no imaginário popular. Segundo Alhusseiny (2022), Boccaccio foi central no desenvolvimento da literatura e do pensamento renascentistas, estabelecendo um modelo de liberdade pessoal e expressão que, embora progressista para sua época, reflete as estruturas de dominação masculina típicas de seu contexto histórico. Analisado sob o viés da teoria de Bourdieu sobre capital cultural, a centralidade de Boccaccio no cânone também sugere a reprodução de hierarquias simbólicas, em que o espaço reservado aos protagonistas masculinos naturaliza a exclusão de experiências femininas no campo literário. Dessa forma, enquanto as noções de autonomia e liberdade pessoal promovidas por Boccaccio permanecem fascinantes e inspiradoras, elas também nos desafiam a questionar as dinâmicas de poder e as desigualdades de gênero que, enraizadas em suas obras, ainda reverberam na literatura e na cultura contemporâneas.

lado dela. Natalie, naturalmente reservada perante rapazes da idade de Germeuil, não sentia ao lado dele nenhuma espécie de embaraço. A afeição que ele devotava à madame de Nangis não permitia a nenhuma outra mulher atribuir-lhe pretensões que devem causar sempre algum tipo de constrangimento àquela que as faz nascer, ainda que não lhe desagradem⁸⁷. (Genlis, *A Mulher escritora*, p. 35-36)⁸⁸

Sutilmente, a ambientação campestre sugere um ambiente bucólico e tranquilo, que, indiretamente, evoca os elementos líricos mencionados anteriormente. O comportamento das personagens, por sua vez, sugere uma tensão entre a atração e a demanda por manter a ordem social, um aspecto fundamental no desenvolvimento de uma narrativa que incorpora elementos tanto públicos quanto privados das emoções humanas. A descrição de Natalie e Germeuil envolve uma dinâmica de emoções contidas e socialmente adequadas. Natalie sente-se à vontade ao lado de Germeuil, mas mantém uma reserva que é caracterizada por sua percepção das normas sociais e da situação amorosa de Germeuil com Madame de Nangis. Isso sugere uma contenção emocional em público e uma cautela constante sobre as expectativas sociais.

A temática da separação entre os amantes é alimentada ao longo da trama, e, nesse trecho, desenvolve-se através da perspectiva de que Germeuil terá de ausentar-se no dia seguinte, sugerindo uma separação geográfica entre ele e Natalie. O motivo dessa separação, por sua vez, é a afeição de Germeuil por Madame de Nangis, que emula os valores feudais, refletindo o ideal de cortesia que era amplamente valorizado no conjunto das normas e costumes aristocráticos. Sua devocão constante à condessa e o respeito de Natalie pelas normas sociais reforçam a importância

⁸⁷ *Natalie revit dans le monde un homme qu'elle connaissait très peu, mais qu'elle avait toujours rencontré avec plaisir. Il s'appelait Germeuil ; sa figure était charmante, on le citait comme l'homme de la cour qui joignait le meilleur ton aux manières les plus agréables. C'était alors un véritable éloge ; on ne pouvait le mériter sans avoir beaucoup de finesse, de délicatesse et de goût. Germeuil avait un attachement connu, dont la violence et la durée ajoutaient à l'intérêt qu'il inspirait d'ailleurs par son caractère, par les grâces de son esprit et de sa personne. Depuis quatre ans il aimait éperdument la comtesse de Nangis, l'une des plus belles femmes de la cour, et d'une conduite si parfaite, que l'on convenait unanimement que Germeuil ne devait encore à sa constance que la certitude d'être aimé ; mais en rendant cette justice à madame de Nangis, on n'en était pas moins persuadé qu'elle finirait par céder au sentiment qu'elle n'avait pu ni vaincre ni dissimuler.*

*Natalie fut passer quelques jours à la campagne, chez une de ses amies. Elle y trouva Germeuil, qui devait en partir le lendemain. Le soir, il se mit à table à côté d'elle. Natalie, naturellement réservée avec les jeunes gens de l'âge de Germeuil, n'éprouvait avec lui aucune sorte d'embarras ; l'attachement qu'on lui connaissait pour madame de Nangis ne permettait à aucune autre femme de lui supposer les prétentions qui doivent toujours causer une sorte de gêne à celle qui les fait naître, alors même qu'elles ne déplaisent pas. (Genlis, *La Femme auteur*, p. 16-17)*

⁸⁸ A citação apresentada foi retirada da tradução em português de *A mulher escritora*, realizada por Valter Cesar Pinheiro e publicada pela Editora Alameda, São Paulo, em 2021. Em nota, inclui-se o texto original em francês, conforme consta na edição eletrônica de *La Femme auteur*, de Madame de Genlis, publicada pelas Éditions Gallimard em 2017.

dos códigos de comportamento, de generosidade e de autocontrole, valores substancialmente intrínsecos a essa sociedade.

Dessa forma, embora a constância da afeição entre Germeuil e a condessa de Nangis (demarcada pela temporalidade: “Há quatro anos amava perdidamente a condessa de Nangis”) seja aparentemente de conhecimento público, os sentimentos dela, ainda que pressentidos, permanecem não declarados e controlados, demonstrando respeito ao sigilo social, muito valorizado na preservação das relações aristocráticas e essencial para a manutenção da moralidade pública. Essa escolha de contexto reflete o receio de que uma revelação pública ou um desvio do comportamento considerado “adequado” pudesse resultar em um desfecho desfavorável, enfatizando a necessidade de manter as interações sociais em um nível de prudência e cuidado, e refletindo as labirínticas interações entre emoções públicas e privadas nesse contexto.

O romance sentimental utiliza frequentemente as trocas epistolares como forma de gerar tensão entre as personagens, considerando a carta tanto uma ferramenta de expressão pessoal quanto um meio de comunicação. Como dispositivo narrativo, a carta incorpora o tema do sigilo, permitindo que os personagens comuniquem suas afeições de forma discreta, e contribui para o distanciamento entre eles por meio da linguagem indireta. A carta de Germeuil a Natalie, apresentada logo abaixo, revela a ambiguidade dos sentimentos de Germeuil, oscilando entre a admiração e a restrição de seus sentimentos por ela, características que são marcantes nas narrativas sentimentais:

Às dez horas, Natalie recebeu uma carta da parte de Germeuil. Com emoção, abriu-a e leu o que segue:

“Não tendo conseguido, senhora, falar-lhe ontem, não conseguiria hoje resistir ao desejo de escrever-lhe. Mas que lhe direi eu? Devo agradecer-lhe? Não, a bondade não é senão inspiração, um movimento ágil e sublime que, para ser despertado, não exige nenhum sentimento particular. O reconhecimento não lhe parece uma espécie de presunção? A senhora talvez dissesse: ‘Teria prestado o mesmo serviço a outro’. Tem-se de admirá-la e calar-se. Peço-lhe a permissão para apresentar-me em sua casa? O que ganharia ao obtê-la? Se a senhora não for o motivo pelo qual ter-se-ia jurado consagrar a vida, a seu lado pode-se tão somente vivenciar sentimentos dolorosos e lamentos misteriosos... Parece-me que para falar-lhe existe uma língua somente, e apenas um modo de amá-la... Qual é, pois, minha finalidade ao escrever-lhe? Nenhuma... Não tenho sequer a expectativa de me comprazer, posto que lhe escrevo com dificuldade! De modo algum desejo que leia em meu coração, estou tão pouco de acordo comigo mesmo... Ouso, porém, pedir-lhe que pense que sou o homem que a conhece melhor neste mundo. Esta palavra exprime toda singularidade de minha situação e todos os sentimentos que vivencio”

Natalie poderia ter feito preciosas reflexões acerca da estranha carta de um homem que, havia poucos dias, estava perdidamente apaixonado por outra mulher, mas ela não viu nisso senão um doce triunfo para ela, o que só fazia aumentar sua estima por Germeuil.⁸⁹ (Genlis, *A Mulher escritora*, p. 51-52)

Esta carta é um exemplo sintomático do romance sentimental e das dinâmicas engendradas nesse gênero. A hesitação com que Germeuil a redige é característica desse tipo de narrativa, em que as interações amorosas e os sentimentos são cuidadosamente calculados e sublimados. Germeuil escolhe suas palavras de forma minuciosa, transformando a declaração de amor em um relato hermético, envolto em uma linguagem reticente e formal. Essa construção também assume um papel pedagógico, valorizando o sigilo e a cautela no ambiente aristocrático. Quando diz “Parece-me que para falar-lhe existe uma língua somente”, Germeuil destaca a necessidade de rigor na escolha das palavras, valorizando a mensagem implícita sobre o explícito.

Em última instância, o sigilo emerge como uma condição imprescindível, cuja violação invariavelmente conduz ao infortúnio dos amantes no romance sentimental de Madame de Genlis. Na narrativa, Natalie e Germeuil, prestes a se casarem, enfrentam um relacionamento abalado pelas publicações de Natalie. Durante um baile, Natalie deixa cair, próximo a Germeuil, um medalhão de ouro, presente de Madame de Nangis antes de sua morte prematura, contendo um retrato de Germeuil. Enciumado e atormentado por não conhecer a origem do presente, ele exige que Natalie

⁸⁹ À dix heures on vint apporter à Natalie une lettre de la part de Germeuil. Natalie la décacheta avec saisissement, et lut ce qui suit :

« N'ayant pu, madame, vous parler hier, je ne saurais résister aujourd'hui au désir de vous écrire. Mais que vous dirai-je ? Dois-je vous remercier ? Non, la bonté n'est en vous qu'une inspiration, qu'un mouvement prompt et sublime, qui n'a besoin pour être excité d'aucun sentiment particulier ; la reconnaissance ne vous paraîtrait-elle pas une sorte de présomption ? Vous répondriez peut-être : "J'aurais rendu le même service à tout autre." Il faut vous admirer et se taire. Vous demanderai-je la permission de me présenter chez vous ? Que gagnerais-je à l'obtenir ? Quand vous n'êtes pas l'objet auquel on a juré de consacrer sa vie, on ne peut éprouver près de vous que des sentiments pénibles et des regrets bizarres... Il me semble que pour vous parler, il n'existe qu'un seul langage, et qu'il n'est qu'une seule manière de vous aimer... Quel est donc mon but en vous écrivant ? Aucun... Je n'ai même pas l'espoir de me satisfaire, je vous écris avec tant de contrainte !... Je ne désire point que vous lisiez dans mon cœur, je suis si peu d'accord avec moi-même... Mais j'ose vous demander de penser quelquefois que je suis l'homme du monde qui vous connaît le mieux. Ce mot exprime toute la singularité de ma situation, et tous les sentiments que j'éprouve. »

Natalie aurait pu faire d'utiles réflexions sur cette étrange lettre d'un homme qui, peu de jours auparavant, était passionnément amoureux d'une autre femme ; mais elle n'y vit qu'un triomphe d'autant plus doux pour elle, qu'il lui laissait toute son estime pour Germeuil. (Genlis, *La Femme auteur*, p. 26-27)

lhe revele o conteúdo do medalhão, buscando confirmar que, de fato, sua imagem repousa ali. Ela hesita, mas ele insiste:

— Se você ainda me ama, mostre-me o retrato.
 — Escute-me, Germeuil. Há três meses seu humor, sua instabilidade e amiúde sua frieza não me fizeram senão perceber muito bem que seu afeto não é mais o mesmo para mim. De resto, para a união que vamos constituir, o amor não é necessário, mas não se pode prescindir de uma perfeita estima. Dê-me então da sua a prova que lhe peço. Acredite em mim nessa noite. Explico-lhe amanhã o que o espanta.
 — Amanhã não haverá mais tempo, não acreditaréi mais em você. Eu preciso ver esse retrato antes de ir embora daqui.
 — Essa é sua última palavra?
 — Sim, não vou mentir.
 — Está certo! Eis a minha: se você persistir nessa ideia, eu vou mostrar-lhe o medalhão, mas nunca mais o verei.
 — Essa ameaça confirma todas as minhas desconfianças.
 — Pense bem, ainda há tempo.
 — Não, Natalie, minha decisão está tomada. Você comprometeu-se a mostrar-me esse retrato, que, diz você, é meu, e não a deixarei enquanto você não tiver cumprido sua palavra.
 — Você está decidido, então, a renunciar a mim.
 — Estou decidido a ver esse medalhão.
 Diante dessas palavras, Natalie, indignada, permaneceu um instante em silêncio.
 — É então assim, retomou Germeuil, que você mantém suas promessas?
 — Eu vou mantê-las, respondeu Natalie, vou esclarecê-lo e vou desnorteá-lo. Tome, Germeuil, aqui está o retrato. Ele deve despertar em sua consciência um duplo remorso. Eu quis poupá-lo de uma lembrança dolorosa e obter de você o sinal de confiança que você devia à minha índole, ao meu comportamento, aos meus sentimentos. Você me ignorou, você me insultou, você rompeu todos os laços que nos uniam.⁹⁰(Genlis, *A Mulher escritora*, p. 100-101)

⁹⁰ — *Si vous m'aimez encore, vous me montrerez ce portrait.*

— *Écoutez-moi, Germeuil ; depuis trois mois votre humeur, vos inégalités, et souvent votre froideur ne m'ont que trop fait connaître que votre cœur n'est plus le même pour moi. Au reste, dans l'union que nous allons former, l'amour n'est pas nécessaire ; mais on ne peut s'y passer d'une parfaite estime. Donnez-moi donc de la vôtre la preuve que je vous demande. Daignez me croire ce soir ; et demain je vous expliquerai ce qui vous étonne.*
 — *Demain il ne serait plus temps, je ne vous croirais plus. Il faut que je voie ce portrait avant de sortir d'ici.*
 — *Est-ce là votre dernier mot ?*
 — *Oui, je vous l'avoue franchement.*
 — *Eh bien ! voici le mien. Si vous persistez dans cette idée, je vais vous montrer ce médaillon ; mais je ne vous reverrai de ma vie.*
 — *Cette menace confirme tous mes soupçons.*
 — *Pensez-y bien, il en est temps encore.*
 — *Non, madame, mes réflexions sont faites ; vous vous êtes engagée à me montrer ce portrait qui, dites-vous, est le mien, et je ne vous quitterai pas que vous n'ayez tenu votre parole.*
 — *Vous êtes donc décidé à renoncer à moi.*
 — *Je suis décidé à voir ce médaillon. »* À ces mots, Natalie, indignée, resta un instant sans parler. « *Est-ce donc ainsi, reprit Germeuil, que vous tenez vos promesses ?*
 — *Je les tiendrai, répondit Natalie, je vais vous éclaircir et vous confondre. Tenez, monsieur, le voilà ce portrait ; il doit exciter dans votre âme un double remords ; j'ai voulu vous épargner un souvenir douloureux, j'ai voulu obtenir de vous*

Essa cena representa o fim do relacionamento entre os dois, pois, ao revelar o retrato, Natalie expõe não só a imagem, mas a incompreensão de Germeuil acerca de quem ela realmente é e do que representa em termos de valores e independência. Em seu ato final de entrega, corresponder ao que Germeuil desejava torna-se também uma forma de libertação: ao aceitar perder Germeuil em troca de preservar sua integridade, Natalie emerge como uma espécie de heroína trágica, cujo sacrifício e orgulho a colocam em um lugar de respeito, ao passo que Germeuil é exposto como fraco, imaturo e incapaz de enxergar além de suas próprias inseguranças. Esse desenlace reforça ainda o tema central do romance sentimental, em que a tragédia pessoal é moldada pelo conflito entre a autenticidade dos sentimentos e a rigidez das convenções sociais.

A cuidadosa construção do romance sentimental, como pudemos atestar nos exemplos retirados da narrativa de Madame de Genlis, reflete um conjunto de normas e expectativas sociais que colaboraram não apenas para a formação das narrativas românticas enquanto gênero literário, como também para a consolidação dos papéis de gênero. No romance sentimental, o controle emocional e a reserva se tornam virtudes, especialmente para as personagens femininas, enfatizando a importância da moderação e da conformidade às normas sociais. Esse ideal de comportamento, entretanto, não apenas reforçou uma concepção limitada da mulher, vinculada ao privado e ao submisso, como também contribuiu para consolidar estereótipos de gênero que reverberaram na crítica literária e na recepção dessas obras. A próxima seção explora justamente como esses estereótipos de gênero foram fortalecidos pelo romance sentimental, destacando as implicações dessa literatura na representação e na recepção da autoria feminina.

3.2. O romance sentimental e estereótipos de gênero

Durante o período da Restauração, o aumento de produções⁹¹ românticas propiciou novas perspectivas ao cenário literário, ampliando seus horizontes interpretativos e estéticos. Em

une marque de confiance que vous deviez à mon caractère, à ma conduite, à mes sentiments ; vous m'avez méconnue, vous m'avez outragée, vous avez rompu tous les liens qui nous unissaient. (Genlis, *La Femme auteur*, p. 57-58)

⁹¹ Estamos falando de um aumento ínfimo, que, no entanto, se torna substancial quando consideramos a realidade material das mulheres escritoras daquela época. Segundo dados coletados por Martine Reid (2011), as autoras estavam significativamente sub-representadas na literatura, constituindo apenas cerca de 3% dos autores em 1789. Chartier (1986) observa ainda que, na Europa, as porcentagens de assinaturas desse período revelam uma série de diferenças, especialmente entre homens e mulheres. Segundo o autor, os homens costumam assinar mais do que as mulheres, muitas vezes com uma vantagem que pode chegar a 25% ou 30%. Embora essa diferença ateste claramente que as mulheres participam menos do mundo da escrita, não devemos tomá-la como uma medida exata de uma

contrapartida, Reid (2011) observa que, nos períodos do Consulado e do Império, a literatura enfrentou entraves significativos, como a pirataria, a censura e a imposição de medidas legislativas restritivas, que impactaram tanto a criação quanto a circulação de obras impressas. Tais condições concorreram para a gradual marginalização de diversas autoras, cujas contribuições foram frequentemente relegadas a um plano secundário ou desqualificadas sob o rótulo de produções de mérito questionável. Essa perspectiva depreciativa não apenas influenciou o discurso crítico em torno das obras femininas, mas também colaborou para o apagamento de suas vozes no cânone literário, resultando em uma narrativa historiográfica que privilegia, de modo predominante, as produções de escritores masculinos.

Em seu artigo “*La réception du roman sentimental dans la presse et les ouvrages de critique littéraire*”, Legrand (2014) analisa como o discurso crítico sobre a literatura sentimental reflete e reforça estereótipos de gênero. Desde o final do século XVIII, o romance sentimental passou a ser associado, majoritariamente, à literatura feminina, ao mesmo tempo que as mulheres começaram a se inserir na esfera pública da leitura e escrita, predominantemente dominada por homens. Nessa época, os temas centrais do romance sentimental, que havia sido a grande inovação de Renart ao priorizar o elemento emotivo e lírico sobre o cavaleiresco, começaram a ser interpretados como “femininos”. Esse fenômeno revela como a percepção do romance sentimental como um “gênero feminino” reforçou ideias preconceituosas que, na prática, limitaram o alcance e a legitimidade crítica dessas obras. No artigo de Reid (2011) acerca do campo editorial da época de Madame de Genlis, a autora afirma que, embora as rígidas limitações do setor editorial trouxessem vantagens para os editores da nova “literatura industrial”, o setor editorial também sofria com a pirataria estrangeira. Segundo a autora:

Il faudra attendre les années 1830 pour voir l'édition se relever peu à peu d'une crise grave, et les éditeurs, devenus presque exclusivement masculins malgré la présence de quelques veuves ayant repris le commerce de leur mari (ainsi Mme Charles Béchet), comprendre le bénéfice d'un contrôle de toutes les étapes de la production du livre, de sa production à sa commercialisation. L'embellie éditoriale des années de la Révolution semble avoir, malgré tout, été favorable aux femmes. Désormais, elles sont plus nombreuses en littérature (dans le domaine du roman leur chiffre a à peu près doublé). Inévitable conséquence de leur plus grande visibilité, les attaques dirigées contre elles se précisent toutefois, et les premières

desigualdade na capacidade de leitura. De fato, nas sociedades antigas, a educação das meninas incluía a aprendizagem da leitura, mas não a da escrita, considerada inútil e perigosa para o sexo feminino.

années de la monarchie de Juillet imposent avec succès la figure du bas-bleu qui sert volontiers de synonyme à la femme auteur.⁹² (Reid, 2011, p. 42)

Com o aumento do número de escritoras durante a Restauração, algumas, como a própria Madame de Genlis, alcançaram sucesso literário e financeiro. No entanto, a crítica da época, marcada por uma visão androcêntrica, frequentemente minimizava o valor literário das produções femininas. O termo *bas-bleu*⁹³, mencionado na citação acima, passou a ser utilizado pejorativamente para deslegitimar as contribuições femininas, apesar do expressivo número de autoras ativas e do avanço do cenário literário em termos de publicações. Conforme Foucher (2017) analisa, o termo *bas-bleu*, derivado de *bluestocking*, fazia referência a um movimento de mulheres intelectuais inglesas no final do século XVIII. Originalmente, *bluestocking* remetia ao autor inglês Benjamin Stillingfleet, que usava meias azuis em vez das tradicionais pretas; com o tempo, a expressão adquiriu um tom depreciativo ao ser associada a mulheres intelectualmente ativas, revelando o viés de gênero presente na crítica literária.

Essa marginalização das mulheres na história literária é, portanto, um fenômeno difuso, resultante não apenas de políticas editoriais excludentes e estereótipos críticos redutores, mas também de dinâmicas de poder profundamente enraizadas nas estruturas socioculturais da época. A consolidação do romance sentimental como um gênero associado ao “feminino”, marcado por temáticas emotivas e uma suposta fragilidade estilística, funcionou como um dispositivo de exclusão, relegando as autoras a uma posição subalterna no sistema literário. Contudo, como destaca Foucher (2017), o uso pejorativo do termo *bas-bleu* expõe mais o temor diante de uma intelectualidade feminina emergente do que uma avaliação objetiva de suas contribuições literárias. Ao desafiarem convenções estéticas e abordarem criticamente o papel das mulheres em questões amorosas e sociais, essas autoras articularam formas sutis, mas incisivas, de resistência ao discurso dominante — um gesto que ecoa na crítica contemporânea e nas revisões do cânone literário.

⁹² “Será necessário esperar até a década de 1830 para ver a edição se reerguer pouco a pouco de uma crise grave, e os editores, que se tornaram quase exclusivamente masculinos, apesar da presença de algumas viúvas que assumiram o comércio de seus maridos (como a Sra. Charles Béchet), compreenderem o benefício de um controle de todas as etapas da produção do livro, desde sua produção até sua comercialização. A recuperação editorial dos anos da Revolução parece ter, apesar de tudo, sido favorável às mulheres. A partir de agora, elas são mais numerosas na literatura (no domínio do romance, seu número praticamente dobrou). Consequência inevitável de sua maior visibilidade, os ataques direcionados contra elas, no entanto, se intensificam, e os primeiros anos da Monarquia de Julho impõem com sucesso a figura do *bas-bleu*, que frequentemente serve como sinônimo da mulher autora.” (Tradução nossa)

⁹³ Charlotte, Foucher. (2017) *Le bas-bleu artistique : portrait au vitriol de la femme critique d'art.* p. 168-185 doi: 10.4000/BOOKS.INHA.4085.

É nesse cenário de disputas simbólicas e tensionamentos ideológicos que se insere a narrativa de Madame de Genlis. Em *A Mulher escritora*, a autora constrói uma representação ficcional da figura feminina no campo literário, expondo tanto as pressões para que as mulheres escrevam quanto os mecanismos de desestímulo que as desmotivam. A obra culmina em uma reflexão ambígua, sugerindo que a busca pela autoria feminina poderia, em última instância, ser sacrificada em nome de uma existência harmoniosa e pacífica — uma ideia expressa com clareza no parágrafo final da narrativa:

Dorothée foi sempre, em todo e qualquer tempo, mais feliz do que sua irmã porque teve uma perfeita sensatez e um entendimento superior. Não ficou famosa, suas aventuras não foram românticas, não inspirou grandes paixões; amaram-na sem ardor, mas com lealdade. Seu nome, desconhecido em países estrangeiros, sempre foi pronunciado no seu com estima e reverência. Ela foi útil a seus amigos e fez a felicidade de sua família. Tudo isso vale um romance: tão puro contentamento vale a *celebridade* de uma mulher escritora.⁹⁴ (Genlis, *A Mulher escritora*, p. 103)

Essa passagem sugere que a realização pessoal e a lealdade dos relacionamentos podem ser preferíveis à celebridade, ponderando acerca das normas impostas às mulheres em um campo literário que valorizava predominantemente as contribuições masculinas. Lilti (2018), como vimos anteriormente, analisa a invenção da celebridade como um fenômeno social que emergiu entre 1750 e 1850, destacando suas raízes históricas na interação entre teatralidade e representação política, intensificada principalmente durante a Revolução. A evolução das figuras públicas e sua importância na sociedade do século XVIII demonstra que essas figuras foram moldadas por meio de práticas culturais e percepções sociais, contradizendo a ideia de que se tratavam de indivíduos inerentemente excepcionais.

Lilti (2018) aponta também para a distinção entre “celebridade” e “fama”. Enquanto a fama engloba uma noção mais ampla de reputação e glória, a celebridade refere-se especificamente ao intenso interesse público e às reações emocionais provocadas por indivíduos conhecidos. Sob essa perspectiva, o romance *A Mulher escritora*, ao tratar da experiência de um jovem autor, revela algumas das nuances da celebridade e suas consequências:

⁹⁴ Dorothée fut toujours, dans tous les temps, plus heureuse que sa sœur, parce qu'elle eut une prudence parfaite et une raison supérieure ; elle n'eut point de renommée ; ses aventures ne furent point romanesques ; elle n'inspira point de grandes passions, on l'aima sans emportement, mais avec constance ; son nom, inconnu dans les pays étrangers, ne fut jamais prononcé dans le sien qu'avec estime et vénération ; elle fut utile à ses amis, elle fit le bonheur de sa famille ; tout cela vaut bien un roman : et cette félicité si pure vaut bien la célébrité d'une femme auteur. (Genlis, *La Femme auteur*, p. 59)

Um jovem autor que estreia de maneira brilhante tem dois ou três meses de deslumbramento. O prazer de reler sua obra *impressa* ou deparar-se com as resenhas favoráveis que dela fazem os jornais, bem como ver saírem as primeiras traduções, as cartas lisonjeiras, os belos versos que se recebem, os elogios de todas as pessoas conhecidas ou que se encontram por aí, cada uma dessas coisas tem seu preço: no momento do arrebatamento, o coração tem seus deleites tal qual o amor-próprio; gaba-se, por ser querido, da aquisição de novos direitos; acredita-se honrar a amizade e justificar o amor; e, caso se tenha escrito uma obra comovente e moral, crê-se ter obtido a estima de todas as mulheres sensíveis e virtuosas; conta-se com a benevolência e até com o reconhecimento de todos os leitores de quem se deseja o aplauso. Eis os fascínios e as ilusões de uma celebridade principiante. Não os invejemos de uma mulher autora que com eles se delicia, ela pagará caro por eles adiante. Natalie logo entreviu que a reputação de escritor tem seus inconvenientes. Acabou por achar maçante e ridículo que ninguém pudesse abordá-la sem achar-se obrigado a falar de seu livro. Divisou em vários rostos uma expressão que lhe desagradou: deu-se conta de que não tinham mais a mesma benevolência para com ela, e que ela própria, longe de ter o mesmo encanto em seus círculos sociais, ostentava neles quase sempre um ar de sujeição. Os mais cultos queriam engajá-la em um tipo de conversa de que ela não gostava, as dissertações sentimentais e as discussões literárias; os ignorantes tímidos a temiam, os tolos presunçosos e decididos eram com ela mil vezes mais tolos e insuportáveis do que com outra, porque ela lhes inspirava o desejo de brilhar e mostrar perspicácia; mas o que a martirizava infinitamente mais do que isso tudo era a inusitada mudança que notara nas maneiras e na conduta de Germeuil.⁹⁵(Genlis, *A Mulher escritora*, p. 84-85)

Por meio da personagem Natalie, a narrativa explora os desafios e tensões enfrentados por uma mulher autora no século XVIII, inserida em um cenário literário hegemonicamente masculino. No fragmento destacado, evidencia-se o encantamento inicial de Natalie ao ver suas páginas impressas e receber uma recepção positiva imediata — uma experiência que, ao longo do enredo,

⁹⁵ *Il y a deux ou trois mois d'enchantement pour un jeune auteur qui débute d'une manière brillante ; le plaisir de relire son ouvrage imprimé, et les journaux qui en rendent un compte favorable ; celui d'en voir paraître les premières traductions, les lettres flatteuses, les jolis vers que l'on reçoit, les éloges de tous les gens que l'on connaît et que l'on rencontre ; chacune de ces choses a son prix : dans cet instant d'enivrement, le cœur a ses jouissances ainsi que l'amour-propre ; on se flatte d'avoir acquis de nouveaux droits pour être aimé ; on pense honorer l'amitié, justifier l'amour ; et si l'on a fait un ouvrage touchant et moral, on croit avoir obtenu l'estime de toutes les femmes sensibles et vertueuses ; on compte sur la bienveillance et même sur la reconnaissance de tous les lecteurs dont le suffrage est désirable. Voilà les charmes et les illusions d'une célébrité naissante ; ne les envions point à la femme auteur qui en jouit, on les lui fera payer cher dans la suite. Natalie entrevit bientôt que la réputation d'auteur n'est pas sans inconvénients. Elle finit par trouver ennuyeux et ridicule que personne ne pût l'aborder sans se croire obligé de lui parler de son ouvrage : elle remarqua sur plusieurs visages une expression qui lui déplut ; elle s'aperçut qu'on n'avait plus la même bienveillance pour elle, et que, loin d'avoir elle-même dans la société le même agrément, elle y portait presque toujours une sorte de contrainte. Les gens d'esprit voulaient l'engager dans un genre de conversation qu'elle n'aimait pas, les dissertations sentimentales et les discussions littéraires ; les ignorants timides la craignaient, les sots présomptueux et confiants étaient avec elle mille fois plus sots et plus insupportables qu'avec une autre, parce qu'elle leur inspirait le désir de briller et de montrer de l'esprit : mais ce qui lui fit infiniment plus de peine que tout cela fut le changement singulier qu'elle remarqua dans les manières et dans la conduite de Germeuil.* (Genlis, *La Femme auteur*, p. 46-47)

revela-se ambivalente e onerosa. Esse custo é metaforicamente representado na passagem em que se afirma: “no momento do arrebatamento, o coração tem seus deleites tal qual o amor-próprio” (p.84), estabelecendo um paralelo entre o desejo pela aprovação externa e o anseio por reconhecimento pessoal e afeto. Para além de um motivo recorrente na tradição sentimental, essa construção expõe uma dinâmica social em que o valor do indivíduo é condicionado à sua capacidade de despertar a admiração alheia, reforçando as limitações impostas à autonomia feminina no contexto literário da época.

Natalie descobre que a fama não gera admiração genuína, mas uma série de expectativas e projeções sociais que invadem e perfuram suas relações. Esse desenrolar enfatiza a vulnerabilidade da posição da mulher escritora, que, apesar de seu talento e realizações, enfrenta um ambiente que a reduz a uma mera curiosidade ou objeto de fascínio. A frase “Eis os fascínios e as ilusões de uma celebridade principiante” enfatiza a ideia de que o entusiasmo inicial pode obscurecer uma realidade menos agradável que se esconde por trás da própria imagem da fama.

A percepção que a mulher autora tem de seu próprio êxito transforma-se à medida que as reações do público em relação a Natalie se reconfiguram. Os “ignorantes tímidos” passam a temê-la, enquanto os “tolos presunçosos” tornam-se ainda mais insuportáveis em sua presença, impulsionados pelo desejo de reafirmar uma pretensa superioridade intelectual. Tal dinâmica evidencia a maneira como mulheres em posição de destaque eram frequentemente encaradas como figuras perturbadoras da ordem social, mesmo quando seus propósitos limitavam-se à expressão artística ou, como no caso específico do romance, ao exercício de um auxílio moral e educativo ao próximo.

A análise dos estereótipos de gênero no contexto do romance sentimental revela que, embora essa forma literária tenha sido inicialmente marginalizada quando considerada como “feminina” (no sentido pejorativo de *bas-bleu*), ela desempenhou um papel inegável na abertura de espaços de expressão para mulheres escritoras. A consolidação do romance sentimental como um gênero associado à emotividade e à intimidade, mesmo que esses traços tenham sido enfatizados a fim de deslegitimar suas autoras, contribuiu, paradoxalmente, para a construção de um espaço em que temas relevantes para as mulheres, como as complexidades das relações afetivas e as pressões sociais, pudessem ser abordados. A crítica contemporânea, ao revisitar essas obras e reconhecer seu valor estético e histórico, revela a importância desses textos na literatura e sua influência duradoura sobre a construção de novas perspectivas de gênero e de representação literária.

3.3. A pedagogia iluminista e a mulher escritora

A obra de Madame de Genlis carrega essencialmente sua vertente pedagógica, refletindo a evolução do pensamento educacional do século XVIII, influenciada pelos ideais iluministas e pelas mudanças sociais expressivas que abriram caminho para novas metodologias educativas. O romance pedagógico, por exemplo, estava profundamente entrelaçado com a filosofia iluminista, enfatizando a razão e a educação moral, como atesta o *Théâtre à l'usage des jeunes personnes* (1779-1780), escrito para a educação dos príncipes e princesas de Orléans e que, conforme o artigo de Pinto (2017), era utilizado por Madame de Genlis para ilustrar os comportamentos esperados da burguesia em relação à aristocracia, reforçando as hierarquias sociais e visando preservar a ordem social do Antigo Regime.

Conforme mencionado, ao recorrer aos princípios da pedagogia iluminista, a narrativa constrói uma crítica indireta, sugerindo que a busca pela autoria feminina poderia, em última instância, ser sacrificada em nome de uma existência harmoniosa e pacífica. *A Mulher escritora* sugere que a idealização desempenha um papel proeminente na formação da percepção pública (e privada, na medida em que os reflexos da fama acabam por invadir o espaço privado) das celebridades modernas, levando-as um status que transcende suas realizações reais, criando uma imagem de perfeição que pode ser inatingível e que afeta negativamente as relações. Segundo Lilti (2018), esse fenômeno pode levar a uma desconexão entre a *personalidade pública* da celebridade e sua vida privada. A imagem idealizada frequentemente enfatiza atributos como beleza, talento e carisma, os quais podem obscurecer as vulnerabilidades e fragilidades humanas, ao mesmo tempo em que impõem uma pressão significativa para a manutenção de uma reputação pública irrepreensível. No romance, essa construção idealizada manifesta-se quando Bréval descreve a protagonista como “jovem e bonita”, acrescentando ainda que “é seu primeiro livro, sua obra tem graça e originalidade e será laureada” (p. 79), evidenciando como a percepção de virtude e sucesso se encontra, nesse contexto, intrinsecamente vinculada a uma estética idealizada e ao fascínio pela novidade.

Natalie, protagonista do romance, experimenta a notoriedade como escritora e logo enfrenta as consequências do deslumbramento inicial com sua carreira. O romance problematiza a fama como fenômeno que transcende o mero desejo de reconhecimento – expresso pela personagem desde o início da narrativa, quando, em diálogo com sua irmã, manifesta o anseio de deixar aos amigos “lembranças duradouras, sua melhor parte” (p. 29) – e invade a esfera privada,

desestabilizando relações e impondo à subjetividade feminina uma adequação rígida às expectativas sociais e culturais. Tal abordagem ressoa com a análise de Lilti (2018), ao revelar como a visibilidade pública, longe de representar gratificação plena, fixa a mulher escritora em um papel limitado, transformando o êxito literário em fardo. Nesse contexto, Natalie percebe o “preço” da notoriedade, uma vez que o corpo social lhe exige moderação e submissão aos códigos normativos.

A protagonista, à semelhança de Dorothée, encarna o ideal de “graça” e compartilha os “atributos do coração e da razão” (p. 25). Contudo, sua constituição psicológica se alinha ao clássico arquétipo feminino do romance sentimental, conforme evidenciado na descrição: “Faltava perspicácia a Natalie quando se tratava de lutar contra um argumento generoso, ainda que fosse imprudente. Com ela, tinha-se a certeza de que se teria razão se se atingisse seu coração: emocioná-la e comovê-la era convencê-la.” (p. 80).

Dorothée, por sua vez, personifica uma feminilidade tradicional, pautada na valorização da felicidade doméstica em detrimento da notoriedade pública, encarnando um ideal de conduta perfeita. Desempenha, assim, o papel de “voz da consciência” de Natalie, orientando-a segundo princípios de contenção emocional, sensatez e virtudes aristocráticas, valores centrais no ideário pedagógico de Madame de Genlis. Essa figura simboliza a perfeição moral e o equilíbrio exaltados pelo romance sentimental, em que a prudência e o autocontrole surgem como traços essenciais. Natalie, ao contrário, apresenta um temperamento instável e inquisitivo, movida por aspirações artísticas e intelectuais que a tornam vulnerável aos “defeitos” condenados pelo gênero, como a franqueza e a inconstância – fragilidades que a expõem ao escrutínio e às concepções sociais. Assim, as personagens podem ser compreendidas como representações simbólicas das esferas privada e pública, ilustrando as tensões entre individualidade e normatividade no contexto literário e cultural do século XVIII.

Consequentemente, Madame de Genlis traz para o romance pedagógico um caráter moralizante, em que o comportamento da *mulher ideal* contrasta com o da *mulher escritora*. O romance sentimental, especialmente em uma narrativa de cunho educativo, como a de Genlis, reforça a necessidade de moderação e adequação social, que acaba consolidando estereótipos femininos. Essa narrativa não apenas educa (no sentido de uma “domesticação” dos costumes), mas também limita, idealizando uma mulher que deve restringir-se ao espaço privado e ser submissa aos valores da sociedade. Dorothée, com sua “grandeza e força de espírito”, é um modelo

de como a mulher deve agir dentro dos limites impostos, enquanto Natalie, ao escrever e buscar o reconhecimento, provoca esses limites, evidenciando as tensões entre as expectativas sociais e as aspirações individuais.

3.4. A dialética entre o público e o privado: limitações e potencialidades femininas

Ao elaborar uma dualidade simbólica representada pelas personagens Natalie e Dorothée, Madame de Genlis retrata, na construção da narrativa de *A Mulher escritora*, as tensões sociais do século XVIII e as contradições inerentes ao contexto no qual a literatura feminina se desenvolvia. Natalie simboliza um desejo de autonomia intelectual e artística que, embora emergente, é combatido pela ordem social. Dorothée, por outro lado, encarna a segurança proporcionada pelo conformismo às expectativas tradicionais. Dessa forma, a tensão entre as esferas pública e privada emerge como um dos temas centrais da narrativa, e os personagens de Natalie e Dorothée funcionam como modelos de gênero.

Em uma esfera pública predominantemente ocupada por homens, esse espaço simboliza a razão, a política e a produção intelectual reconhecida e legitimada. A publicação de um livro, nesse contexto, não era apenas um ato criativo, mas também uma declaração de independência e autoestima, valores que eram inherentemente masculinos. O dilema da mulher escritora começa a ser articulado na narrativa através do diálogo entre as duas irmãs acerca das perspectivas da mulher que tenta conciliar as exigências de modéstia e recato, tidas como características fundamentais do ideal feminino, com as pretensões públicas da escrita autoral:

- Entendo o que diz: você acha que uma mulher, ao tornar-se escritora, igualmente se *traveste* e se *alista* entre homens.
- Sim, homens que também lutam, que conferem um preço infinito à vitória e que nunca permitirão que um intruso ouse disputar os louros que eles querem colher. Qual é o atrativo capital de uma mulher, qual é sua qualidade característica? A modéstia. Seja qual for a pureza de sua conduta e de seus sentimentos, é ela ainda a honra e o modelo de seu sexo quando brada a todo universo: 'Escutem-me?' Pense que em um pequeno salão você censuraria a mulher que falasse muito alto, que tivesse um tom de voz estridente ou tão somente modos muito decididos. Você espera que um leve ar de timidez seja, em qualquer idade, irradiado sobre toda a pessoa e que modere todos seus movimentos, suavize o ímpeto de sua alegria e até mesmo repreima a expressão de sua sensibilidade, você espera que ela se apresente apenas com o semblante de quem teme mostrar-se, e que, quando a olharem fixamente, enrubeça ou ao menos baixe os olhos. Como conciliar todo esse mistério de delicadeza e graça, esse fascinante charme de uma doçura

encantadora e de um enternecedor pudor, com pretensões ambiciosas e com a estrondosa profissão de escritor?⁹⁶(Genlis, *A Mulher escritora*, p. 30-31)

A figura da escritora é figurativamente comparada a alguém que “se traveste”, adentrando um domínio tradicionalmente reservado aos homens, o que desperta a resistência daqueles que veem sua autoridade sobre os “louros” do reconhecimento público como algo exclusivo. A fala sublinha o contraste entre a modéstia, considerada a virtude primordial da mulher, e as ambições de uma escritora, destacando as críticas ferozes que as mulheres enfrentavam ao afirmarem-se na esfera pública. Esse confronto entre a ambição literária feminina e as expectativas sociais para com a mulher desvela a resistência ao reconhecimento público e a efetividade das normas culturais como dispositivo de dominação, mantendo as mulheres frequentemente confinadas ao espaço privado de forma espontânea. Nesse contexto, a personagem de Dorothée surge como uma representação substancial da esfera privada, personificando os papéis e valores tradicionais a serem performados pelas mulheres, como a domesticidade e a feminilidade. Essa personagem carrega ainda uma carga de virtudes esperadas das mulheres dentro desse domínio privado, tais como o carinho, a lealdade e a prudência.

A escolha em utilizar o termo “auteur” (no masculino) para se referir à mulher escritora, desde o título até as menções no corpo do texto, poderia ser ainda interpretada como, para além de uma preferência linguística, uma estratégia estética e discursiva. Ao adotar o gênero masculino para definir a profissão de escritora, a voz narrativa demarca, de forma sutil, a masculinização histórica do campo literário. Essa escolha pode ser entendida como um comentário sobre a exclusão estrutural das mulheres nesse domínio, evidenciando que, para ser reconhecida enquanto autora, uma mulher precisava não só se inserir em um espaço dominado pelos homens, mas também adotar, de certo modo, sua terminologia, seus valores e suas normas. Dessa maneira, o uso do termo

⁹⁶ – Je vous entends : vous pensez qu'une femme, en devenant auteur, se travestit aussi, et s'enrôle parmi des hommes.
– Oui, des hommes qui combattent aussi, qui attachent un prix infini à la victoire, et qui ne souffriront jamais qu'un intrus s'avise de leur disputer les lauriers qu'ils veulent cueillir. Quel est le premier charme d'une femme, quelle est sa qualité distinctive ? la modestie. Quelle que soit la pureté de sa conduite et de ses sentiments, est-elle encore l'honneur et le modèle de son sexe, lorsqu'elle dit avec éclat à l'univers entier : "Écoutez-moi ?..." Songez-vous que dans un petit salon vous blâmerez la femme qui parlera trop haut, qui aura un ton tranchant, ou seulement des manières trop décidées. Vous voulez qu'une douce teinte de timidité soit, à tout âge, répandue sur sa personne entière, et modère tous ses mouvements, amortisse l'éclat de sa gaieté, réprime jusqu'à l'expression de sa sensibilité ; vous voulez qu'elle ne paraisse qu'avec l'air de craindre de se montrer, et que, lorsqu'on la regarde fixement, elle rougisse, ou que du moins elle baisse les yeux. Comment concilier tout ce mystère de délicatesse et de grâce, ce charme intéressant d'une douceur enchanteresse et d'une pudeur touchante, avec des prétentions ambitieuses et l'éclatante profession d'auteur ? (Genlis, *La Femme auteur*, p. 13-14)

“auteur” no masculino não apenas reflete a realidade de um campo literário que se percebia como masculino por “natureza”, mas também manifesta, de maneira inata, a excentricidade da mulher que se afirma plenamente como autora em um contexto que ainda lhe reserva um lugar secundário.

Dorothée é colocada na posição “correta”, isto é, no espaço do cumprimento das expectativas. Profundamente ancorada no cumprimento dos papéis domésticos, a narração a constrói como exemplar, como a personificação da perfeita virtude feminina. Seu comportamento, pautado pela devoção à família e pela harmonia no convívio familiar, é constantemente exaltado, destacando-a como modelo de mãe, filha e irmã. Em suas ações, não há desvio das normas sociais; pelo contrário, a todo tempo ela é recompensada por se manter fixada aos costumes. Essa idealização de Dorothée denota como a sociedade e a própria voz narrativa valorizam as mulheres que se adequam ao papel tradicional de cuidadoras e apoiadoras, minimizando, muitas vezes, qualquer desejo ou aspiração além dos limites da esfera privada. Essa conduta aparenta ser, assim, uma reafirmação do *status quo*, em contraste com as ambições ousadas de outras personagens, como Natalie, cujas inquietações são, frequentemente, recebidas com uma avaliação mais crítica pela voz narrativa, e outras como Melanide, cujos comportamentos são absolutamente contestados.

O cerne da problemática apresentada na narrativa não reside na prática da escrita em si, mas na publicização dessa escrita, ou seja, na intrusão do universo da autoria feminina no espaço público. Natalie, ao contrário de mulheres dedicadas exclusivamente à vida doméstica, adentra o domínio público com sua produção literária, o que provoca uma mudança nas percepções sobre sua figura. Para ilustrar essa problemática de forma ainda mais contundente, a primeira publicação de Natalie não surge de uma simples aspiração pessoal, mas é motivada por um pedido vindo de uma família que, por intermédio de um antigo amigo de seus pais, “homem que somava à grande lucidez uma profunda estima por ela” (p. 77) reciprocamente cultivada desde sua infância, pede-lhe que intervenha para salvar três militares de um destino trágico. Esses homens, que se destacam por serem “três valoroso militares, dos quais um, coberto de gloriosas feridas, serviu quarenta anos com o mais brilhante valor” (p.78), encontram-se à mercê de uma condenação injusta e, nesse contexto, a publicação de sua obra não visa apenas a exaltação literária, mas a obtenção de um benefício financeiro, “quarenta mil francos”, uma quantia que se torna decisiva para a liberdade dos prisioneiros.

Diante desse impasse, Natalie hesita em tomar uma decisão, e a figura de Dorothée retorna como a voz da consciência da protagonista, que reluta em avançar sem antes consultar a irmã sobre

a publicação. No entanto, essa hesitação é abruptamente desafiada por Bréval, que a interpela com a seguinte pergunta: “Para fazer uma boa ação, você precisa de conselhos? Consulte apenas a bondade!” (p. 81). Esse conflito interno culmina na tomada de uma resolução definitiva, como afirma a voz narrativa, enfática: “Natalie tomou naquele dia uma decisão irrevogável. Ela prometeu sua obra aos prisioneiros e recebeu as bênçãos do reconhecimento...” (p. 81). Ao longo dessa sequência, a autora habilidosamente expõe o dilema interno de Natalie, revelando as tensões que envolvem a decisão de publicar, e, assim, articula as complexas interações entre virtude, pressão social e as expectativas impostas à mulher escritora.

Ao publicar seu segundo livro, as críticas tornam-se mais severas e implacáveis, sugerindo que a resistência à autoria feminina tende a intensificar-se rapidamente. Nesse contexto, o conflito ganha destaque quando Dorothée intervém em defesa de Natalie, respondendo um jornalista que, de admirador fervoroso, se tornara um detrator ácido. A carta-resposta do jornalista insinua, de maneira dissimulada, uma crítica misógina, sugerindo que, ao ocupar o espaço público, Natalie teria abandonado atributos considerados próprios da feminilidade, como a modéstia e a timidez. Ele escreve:

Concordo com a senhora. Embora as velhas leis de fidalgaria tenham sido abolidas, os sentimentos que as ditaram subsistem ainda no coração dos franceses generosos: sim, senhora, sempre verei como um dever sagrado o emprego da força para amparar e proteger os mais fracos e para defender e vingar a beleza tímida humilhada ou inculpada, e que, modesta demais para responder por si mesma em público, não ousa elevar sua doce e sedutora voz para justificar-se. Eis os fascinantes seres que nos pedem socorro e que devem contar com nossa devoção. Mas o que tem em comum com essas mulheres, que o pudor torna tão encabuladas, aquela de quem a senhora quis fazer-me o defensor? A brilhante, a célebre Natalie entrou com tanto esplendor e segurança na arena em que prêmios são disputados diante do universo! Ela não tem armas superiores àquelas que eu poderia empregar para defendê-la? Os mais renomados heróis sentiam-se covardes por atacar as Amazonas? Clorinda e Bradamante tiveram por acaso cavaleiros?

Quem aspira à glória aplica-se no combate. Tão logo se entra na carreira literária, não se anda senão acompanhado de rivais que se lançam à toda na direção do mesmo alvo, e a honra, nessa liça perigosa, impõe aos concorrentes uma só lei, a de não golpear no escuro. A partir do instante em que alguém se mostra e se identifica, o ataque é sempre legítimo, ou ao menos não é jamais desonroso.

Queira, senhora, aceitar que eu assinei a crítica que a irritou. Creio que ela lhe desagradou e lastimou-me por isso, mas, por outro lado, estou certo de que não há motivos para que me julguem culpado por ter faltado ao respeito que deve todo homem bem nascido às mulheres que se assemelham à senhora.

Respeitosamente, etc. ⁹⁷(Genlis, *A Mulher escritora*, p. 89-90)

⁹⁷ *J'en conviens avec vous, madame ; quoique les lois antiques de la chevalerie soient abolies, les sentiments qui les dictèrent doivent subsister encore dans tous les cœurs des Français généreux : oui, madame, je regarderai toujours*

A resposta do jornalista expõe uma convicção profundamente enraizada na moral e na visão de mundo da época, ao afirmar que, ao adentrar o domínio público da escrita, a mulher se despoja da proteção de sua fragilidade inerente e se submete à rigidez das regras masculinas da competição literária. A comparação com a Amazona que entra na batalha, armada e sem cavaleiro, retoma o argumento inicial de que a mulher escritora se traveste e se alista entre os homens, e o questionamento de Dorothée sobre a conciliação entre a “delicadeza” feminina a “ambição” autoral. Essa visão não apenas legitima as críticas como um “dever honroso”, como também reafirma o espaço público literário enquanto território essencialmente masculino, e adentrá-lo significa se submeter a condições pré-estabelecidas e impostas por uma sociedade que, ao mesmo tempo que permite a escrita feminina, reforça a exclusão da mulher e exige sua conformidade com as normas de um mundo literário dominado por homens.

Natalie responde inconformada e ligeiramente positiva, afirmando que é possível “dispensar protetores, e com moderação e verdadeira filosofia pode-se abster-se de lutar!” (p. 90). Essa postura, que preserva aspectos dos costumes preciosistas ao mesmo tempo em que contesta a lógica de proteção masculina, sugere uma alternativa ao confronto direto. A voz narrativa, por sua vez, parece insinuar que o problema não reside propriamente na prática da escrita feminina, mas na busca pela fama e na inserção pública, elementos que a sociedade de então não prontamente aceita ou valoriza. A ambiguidade que permeia a narrativa – crítica à busca pela fama, mas otimista em relação à escrita como meio de expressão – não deve ser vista como um desestímulo às mulheres

comme un devoir sacré, d'employer la force à soutenir, à protéger la faiblesse, à défendre, à venger la beauté timide qu'on opprime ou qu'on accuse, et qui, trop modeste pour répondre elle-même en public, n'ose éléver sa douce et séduisante voix pour se justifier. Voilà les êtres intéressants qui réclament nos secours, et qui doivent compter sur notre dévouement. Mais qu'a de commun avec ces femmes que la pudeur rend si craintives, celle dont vous auriez voulu, dites-vous, me voir le défenseur ? La brillante, la célèbre Natalie est entrée avec tant d'éclat et d'assurance dans l'arène où les prix se disputent à la face de l'univers !... N'a-t-elle pas des armes supérieures à celles que je pourrais employer pour la défendre ? Les héros les plus renommés ont-ils cru faire une lâcheté en attaquant des Amazones ? et Clorinde et Bradamante eurent-elles jamais des chevaliers ?

Qui prétend à la gloire s'engage à combattre ; aussitôt qu'on est entré dans la carrière littéraire, on ne marche plus qu'avec des rivaux qui s'élancent tous vers le même but, et l'honneur, dans cette lice périlleuse, n'impose aux concurrents qu'une seule loi, celle de ne point porter des coups dans l'ombre ; dès qu'on se montre et qu'on se nomme, l'attaque est toujours légitime, ou du moins elle n'est jamais déshonorante.

Daignez songer, madame, que j'ai signé l'extrait qui vous irrite ; je pense qu'il a pu vous déplaire, et je m'en afflige ; mais, sous tout autre rapport, je n'ai point à me reprocher d'avoir manqué aux égards infinis que tout homme bien né doit aux femmes qui vous ressemblent.

*Je suis avec respect, madame, etc. (Genlis, *La Femme auteur*, p. 50-51)*

escritoras, mas como um convite à reflexão sobre os espaços de expressão feminina em uma sociedade marcada por desigualdades profundas e estruturais.

Essa dicotomia indica o mecanismo pedagógico central da narrativa: o embate entre a sagacidade literária e a necessidade de adequação social. Natalie busca afirmar sua individualidade através da escrita, mas é continuamente lembrada de que o sucesso público exige sacrifícios que, em sua maior parte, recaem de maneira desigual sobre as mulheres. Enquanto Dorothée encontra refúgio na domesticidade e na estabilidade, Natalie é confrontada pela busca por validação em um espaço que, embora permita visibilidade, não concede uma genuína autonomia pública.

3.5. As ambivalências da fama

A fama carrega em si a complexidade das relações sociais e culturais em torno da visibilidade pública, e é particularmente relevante quando analisamos a interação entre fama, poder e gênero. Embora a fama seja frequentemente associada a benefícios como reconhecimento, prestígio e influência, ela também está permeada de incongruências, como a constante exposição à crítica e ao desgaste. Este fenômeno ganha contornos ainda mais intrincados quando atravessado pela perspectiva de gênero, uma vez que as figuras públicas femininas enfrentam desafios específicos, como a objetificação e a imposição de padrões de comportamento, que tornam a fama um terreno de inseguranças. Dessa forma, a fama pode atuar simultaneamente como um instrumento de poder e como um campo de subordinação, refletindo tensões que são moldadas por dinâmicas históricas, culturais e de gênero.

Natalie tem o ato de escrever como uma “deliciosa ocupação”, mas hesita em publicar suas obras, em parte devido à desaprovação da irmã e também ao peso das convenções sociais que desvalorizam a presença feminina no espaço público. A fama que inicialmente traz reconhecimento transforma-se em um fardo, pois, ao invés de reafirmar sua identidade, acaba por obscurecer a verdadeira imagem de Natalie. Dessa forma, a obra explora a questão da idealização pública, refletida em uma pressão para que a mulher escritora, ao ganhar visibilidade, continue a corresponder a uma imagem idealizada de perfeição, dedicada à modéstia e ao dever.

A narrativa explora o impacto das estruturas de poder sobre a posição instável da mulher que busca reconhecimento público em um contexto de turbulência política. Durante a Revolução, Natalie é despojada de seu conforto e estabilidade, além de ser abandonada por seu interesse amoroso. Esses reveses expõem a precariedade de sua posição. Natalie personifica as contradições

e desafios enfrentados pela autoria feminina em um período de intensa agitação social e política, revelando as dinâmicas de poder que permeiam as relações sociais. Seu relacionamento com Germeuil, marcado pela tensão entre o amor verdadeiro e a ambição, evidencia a fragilidade das relações afetivas em tempos de mudança e expõe como as normas sociais assimilaram de maneira desigual as mulheres que caminham no espaço público.

Os simples espectadores são em regra maus julgadores de discórdias sentimentais, pois dão razão àquele que tem autocontrole suficiente para não falhar em nenhuma forma de proceder. É assim que se porta aquele que ama menos, e eis o verdadeiro culpado. Todos interessaram-se por Germeuil: acusaram Natalie de caprichosa e insensível, e ela, entretanto, foi a única digna de compaixão. Ela amava de verdade, ela amou por muito tempo. O inconstante Germeuil entregou-se por inteiro à ambição, que é a única paixão que pode subjuguar os homens blasés e os corações frios.

Após seis semanas eclodiu a revolução. Germeuil deixou a França imediatamente, Natalie partiu para o estrangeiro somente dezoito meses depois. Foi então que descobriu todas as inconveniências da fama. Quando se está no seio da família e se tem posses, é fácil desprezar libelos, mas quando se é privado de tudo, quando se busca um refúgio e não se tem outro recurso senão aquele de um trabalho que exige sobretudo uma perfeita tranquilidade de espírito, é preciso coragem para não se deixar abater nem desencorajar pela maldade e para preservar-se do amargor e da misantropia que a injustiça e a desgraça poderiam facilmente causar em tal situação. Natalie teve essa coragem. Dedicando-se exclusivamente a suas obras literárias, encontrou no estudo e nas belas-arts uma fonte inesgotável de conforto. Dorothée, emigrada com ela, ficou muito mais tranquila durante o período de suas expatriações. Ela não tinha inimigos. Tendo sido logo autorizada a regressar à França, recuperou sua fortuna e trouxe a irmã de volta. Natalie, que não tinha o menor conhecimento de negócios, não obteve nenhuma restituição e perdeu irremediavelmente seu patrimônio. Reencontrou em seu país alguns amigos, muitos ingratos e vários inimigos. Não se queixou, e disse a si mesma: “A culpa é minha, por não ter seguido o exemplo e os conselhos de minha irmã!” Germeuil, que devia seu retorno às tramas de Melanide, casou-se com essa última por gratidão e, sobretudo, para reestabelecer seus negócios. ⁹⁸(Genlis, *A Mulher escritora*, p. 101-102)

⁹⁸ *Les simples spectateurs sont toujours de mauvais juges des querelles de sentiments ; car ils donnent raison à celui qui se possède assez pour ne pas manquer à aucune forme de procédés ; c'est ainsi que se conduit celui qui aime le moins, et voilà le vrai coupable. Germeuil intéressa tout le monde : on accusa de caprice et d'insensibilité Natalie, et néanmoins elle fut la seule à plaindre ; elle aimait toujours, elle aimait longtemps. L'inconstant Germeuil se livra tout entier à l'ambition ; c'est la seule passion qui puisse fixer les hommes blasés et les cœurs froids.*

Ce fut six semaines après que survint la révolution ; Germeuil presque aussitôt quitta la France. Natalie ne passa dans les pays étrangers qu'au bout de dix-huit mois. Ce fut alors qu'elle connut tous les inconvénients de la célébrité. Quand on est au sein de sa famille et qu'on a de la fortune, il est facile de mépriser des libelles ; mais quand on est dépouillé de tout, quand on cherche un asile, et qu'on n'a plus d'autre ressource que celle d'un travail qui demande surtout une parfaite tranquillité d'esprit, il faut de la force d'âme pour ne se laisser ni abattre, ni décourager par la méchanceté, et pour se préserver de l'aigreur et de la misanthropie que l'injustice et le malheur pourraient aisément donner dans une telle situation. Natalie eut ce courage. Uniquement livrée à ses travaux littéraires, elle trouva dans l'étude et dans les beaux-arts une source inépuisable de consolations.

Para além da função moralizante, insígnia de Madame de Genlis, esse desfecho trágico é uma percepção de como as relações econômicas interferem nas condutas humanas. Germeuil, inicialmente personificado como o homem que “acrescia aos modos mais agradáveis o melhor tom” e possuía os atributos da fineza, delicadeza e bom gosto (ou seja, alguém que correspondia aos costumes e modos esperados por aquela sociedade), torna-se para Natalie o que “ama menos” e se vende em benefício de seus negócios.

Natalie sofre tanto com sua vulnerabilidade diante da opinião pública quanto com o exílio e perda de seu status financeiro, sofrimento potencializado na narrativa através do contraste com Dorothée, que, seguindo as normas sociais de discrição e obediência, evita os obstáculos enfrentados por Natalie, transitando por cada período sem maiores dificuldades. A ambição de Germeuil, que se alia à “única paixão que pode subjugar os homens blasé e os corações frios,” ecoa as dinâmicas de poder exploradas no contexto histórico em que o romance se insere, com figuras como Napoleão emergindo e tirando proveito de uma nação vulnerável e dividida. Germeuil é ainda um personagem marcado por incongruências, cujos desvios de caráter são com frequência elevados pela narrativa e aceitos com compreensão pelos outros personagens. Seus atos, por mais contraditórios e moralmente questionáveis que sejam, são absorvidos pela trama sem maiores questionamentos, refletindo uma aceitação tácita das falhas de caráter em uma sociedade em que as normas de conduta são frequentemente distorcidas pelo poder e pela conveniência. Essa aceitação das falhas individuais e a flexibilidade das normas sociais, por sua vez, contrastam com a severidade com que as mulheres eram, e continuam a ser, julgadas quando buscam visibilidade pública.

A busca das mulheres por direitos iguais, como já discutido e muito bem fundamentado por inúmeras pesquisadoras, provavelmente remonta à história da opressão nas sociedades. A narrativa de *A Mulher escritora* funciona como exemplo para a forma segundo a qual as experiências emocionais e afetivas são moldadas e controladas por forças externas, bem como conduzem a uma reconfiguração das identidades pessoais e coletivas. A partir dela percebemos que as mulheres que

*Dorothée, émigrée comme elle, fut beaucoup plus paisible durant le temps de son expatriation ; elle n'avait point d'ennemis ; elle fut plus tôt rappelée en France, y recouvra sa fortune, et fit rentrer Natalie. Cette dernière, qui n'avait aucune connaissance des affaires, n'obtint point de restitution, et perdit sans retour tout son bien. Elle retrouva dans son pays quelques amis, beaucoup d'ingrats et plusieurs ennemis ; elle ne se plaignit point, elle se dit : « C'est ma faute, que n'ai-je suivi l'exemple et les conseils de ma sœur ! » Germeuil, qui devait son retour aux intrigues de Mélanide, l'épousa par reconnaissance, et surtout pour rétablir ses affaires. (Genlis, *La Femme auteur*, p. 58-59)*

buscavam visibilidade pública eram julgadas mais severamente que seus pares homens, principalmente quando saíam da esperada “domesticação” típica do espaço privado, como podemos perceber a partir da distinção dada pela autora entre os que *vivenciam* e os *simples espectadores* que costumam interpretar erroneamente discórdias sentimentais. Assim, a narrativa evidencia como a opinião pública invadia a vida que acontecia nos espaços privados.

As tensões políticas, como a Revolução, conduzem ao exílio da personagem e intensificam a percepção da efemeridade da vida e da posição humana no mundo. Antes de publicar sua primeira obra e consolidar sua carreira como escritora, Natalie reflete sobre a fragilidade dos laços e das ambições humanas: “tudo que nos une é frágil. Ocupamos tão pouco espaço, há tantos obstáculos nas vias que percorremos, e a morte pode deter-nos no começo de nossa corrida!” (p. 29). Essa consciência da transitoriedade do espaço ocupado pelo ser humano ecoa tanto nos afetos quanto na política, reforçando a fugacidade das alianças e os reveses enfrentados em um contexto em que a “liberdade” era concedida dentro de normas essencialmente masculinas. Assim, a narrativa amplia a visão sobre o papel da mulher escritora e a pressão para corresponder às expectativas sociais, entrelaçando a narrativa sentimental às tensões do período pós-revolucionário, em que questões de fama, imagem e identidade ganham uma nova camada de profundidade.

A despeito das opiniões de seus contemporâneos, essa narrativa de Madame de Genlis demonstra pragmatismo ao abordar as implicações da fama e do reconhecimento público para as mulheres, destacando os custos específicos de uma celebridade feminina. *A Mulher escritora*, situada no contexto de transição das relações feudais para as capitalistas no século XVIII, nos permite um vislumbre de Natalie não apenas como figura simbólica, mas também como sujeito histórico que reflete as complexas tensões socioeconômicas da época.

Lilti (2018) argumenta que a fama e o reconhecimento são construções sociais que refletem as forças contraditórias em ação na sociedade capitalista emergente. Nesse contexto, o romance em questão serve como um exemplo de como essas forças impactam a subjetividade feminina. As aspirações individuais de Natalie, que se distanciam das normas tradicionais dessa estrutura social, contrastam de maneira marcante com a trajetória de Dorothée, que se submete sem resistência às convenções dominantes. Essa dicotomia impõe a Natalie um percurso mais tortuoso e, por vezes, doloroso. Embora a defesa da ordem hegemônica e das convenções sociais seja evidente ao longo da narrativa, a obra propicia ao leitor uma visão crítica e profunda da vivência de uma mulher escritora, destacando especialmente as condições materiais que influenciam o ato de escrever.

Madame de Genlis, por exemplo, advogava pela importância de uma educação multilíngue e pelo registro de uma nova dinâmica cultural na Europa pós-revolucionária, demonstrando uma consciência política aguçada⁹⁹.

Lilti (2018) afirma que a fama se configura como uma força ambígua: ao mesmo tempo em que serve como instrumento de poder, pode ser também um vetor de vulnerabilidades. Em *A Mulher escritora*, Natalie ilustra essa dualidade: inicialmente, sua notoriedade a eleva a um patamar de reconhecimento que atravessa os limites do espaço privado, mas logo a fama se transforma em uma prisão, em que suas ações e escolhas passam a ser julgadas não por sua verdadeira essência, mas pelo ideal de feminilidade social. A relação ambígua entre o poder e a fragilidade que a fama proporciona é particularmente sentida no contexto da Revolução Francesa, em que as profundas mudanças sociais e políticas perturbam a ordem das coisas e intensificam ainda mais as consequências da interação feminina com o espaço público.

A fama de Natalie, que em um primeiro momento valida seu talento e sua visão literária, acaba por isolá-la no contexto da Revolução. Ao longo da narrativa, fica evidente como os papéis de gênero não apenas influenciam a recepção de sua obra, mas também moldam a percepção pública de sua persona. Germeuil, seu interesse amoroso, serve como um exemplar masculino do teatro social: enquanto Natalie é atacada por libelos e condenada por sua vulnerabilidade emocional, ele é recompensado por sua ambição, ainda que suas atitudes revelem um caráter egoísta e superficial.

Neste campo volátil da fama, tomado por deliberações públicas, a reputação de Natalie está sempre à mercê das interpretações de uma audiência imprevisível e a situação torna-se mais dramática quando se considera que, após a Revolução, Germeuil, por gratidão a Melanide, se casa com ela para restaurar seus negócios, enquanto Natalie, que já havia sido “privada de tudo” (p. 102), se vê em busca de um refúgio e seu trabalho de escritora agora é mais árduo por conta das adversidades. Melanide representa a seguridade do espaço privado: ao manter-se fora dos holofotes

⁹⁹ Em *Discours sur l'Éducation de M. le Dauphin et sur Adoption* (1790), por exemplo, a autora defende o direito de uma nação supervisionar a formação de seus governantes, argumentando que o processo educativo deveria ser documentado de forma pública e acessível, com a publicação periódica de diários detalhados sobre o progresso intelectual e moral do príncipe herdeiro. Essa proposta reforça o papel social da escrita como ferramenta de formação cívica, bem como expõe a visão da autora sobre o controle do saber e da narrativa, reconhecendo que estes são essenciais em um período de instabilidades políticas e disputas ideológicas como foi o pós-Revolução Francesa. Essa defesa de uma educação pública e rigorosa, vinculada ao registro material e sistemático do conhecimento, alinha-se à sua prática literária mais ampla, em que o ato de escrever aparece como um exercício de intervenção cultural e, ao mesmo tempo, de autodefesa em relação aos frequentes questionamentos acerca das figuras públicas.

da fama e adaptar-se às demandas dele, é capaz de atravessar com maior tranquilidade as turbulências da Revolução Francesa. Esse contraste nos permite ponderar sobre a forma como as normas sociais impõem diferentes destinos às mulheres, dependendo de sua conformidade às regras de comportamento e as aparências que são performadas.

Melanide, enquanto personificação da *coquetterie*, ocupa um papel antagônico ao de Natalie, não apenas como rival no amor de Germeuil, mas também como representante das convenções sociais que perpetuam uma forma de poder distinto. Sua obsessão pela própria aparência e sua habilidade de manipulação social a colocam em uma posição em que a conformidade ao espaço privado e ao ideal de beleza garantem sua estabilidade, ainda que sua personalidade se mostre egoísta e falha nas relações interpessoais. Ao submeter-se ao confinamento das expectativas femininas e às regras de um espaço privado e aparente, Melanide conquista uma tranquilidade tal qual a de Dorothée. A construção da rivalidade entre essas duas personagens (Natalie e Melanide), alimentada pela competição pelo afeto de Germeuil, reflete um outro aspecto das dinâmicas de poder e justifica o destino de cada uma das personagens, oferecendo modelos de conduta ou de não conduta e atribuindo valores a essas dinâmicas, levando o leitor a refletir acerca dos resultados encontrados. É interessante perceber que tanto o ideal de virtuosismo quanto o extremo da coqueteria recebem o mesmo desfecho, confirmando a problemática em torno da publicização.

Em contraposição, enquanto Natalie lida com os contratemplos da fama e da ascensão pública, Melanide é uma figura que, ao se colocar dentro das exigências da privacidade e se adaptar à normatividade, alcança os frutos de um caminho mais convencional, mesmo que, ao contrário de Natalie ou de Dorothée, não possua a mesma força de caráter. Na conclusão da narrativa, descobrimos que Germeuil se casa com ela para restaurar sua fortuna, e Natalie, por outro lado, perde tudo, não apenas seus bens materiais, mas também sua identidade pública, marcada pela exposição e pela constante vigilância da sociedade. Esse contraste, embora sutil no plano superficial das interações sociais, revela uma crítica mais profunda às normas que regulam a condição feminina: enquanto uma mulher luta para afirmar-se no espaço público e na fama, a outra refugia-se no silêncio das convenções sociais e segue, antagonicamente, sem sofrer os mesmos danos. Assim, a narrativa coloca em evidência a ambiguidade da fama como fonte de poder e ruína, e como as mulheres, ao transitar por esses campos volúveis, podem encontrar destinos completamente distintos, dependendo de sua adesão ou resistência às regras compulsórias.

3.6. Educação sentimental

Como vimos, o romance sentimental foi uma ferramenta essencial para a construção de uma pedagogia emocional no século XVIII. Neste contexto, a narrativa de Madame de Genlis utiliza as experiências de Natalie para explorar como as emoções devem ser educadas (ou reprimidas) de acordo com as normas sociais da época. O desfecho trágico da obra argumenta sobre os efeitos de uma educação que prioriza a moderação e a conformidade em detrimento da autenticidade e da realização pessoal ligada ao reconhecimento social. Esse confronto entre a educação tradicional e a busca por uma liberdade emocional que permita a construção de uma identidade própria e duradoura reflete o tensionamento entre as normas sociais e a emergência de uma individualidade, tão central no período.

Enquanto Natalie encontra nas artes e nos estudos uma fonte de resiliência e satisfação, sua dedicação à escrita emerge como uma forma de resistência silenciosa, oferecendo-lhe um espaço para reconstruir sua identidade fragmentada. No entanto, a busca por reconhecimento, especialmente pela fama, é criticada de forma veemente na obra, sendo pormenorizada como uma armadilha que pode minar o prazer genuíno do ato de criar. A ambição é apresentada como uma paixão perigosa, que coloca o indivíduo em uma dependência constante do olhar público, prejudicando o verdadeiro contentamento que reside na expressão artística.

A Mulher escritora é uma obra que, ao refletir sobre a condição feminina durante o período da Restauração, também direciona o olhar sobre as estruturas de poder que moldam as vivências das mulheres. Por meio da relação contrastante entre as irmãs Natalie e Dorothée, a narrativa oferece uma visão crítica dos valores predominantes na época, expondo como as normas sociais e os ideais de virtude impõem contenções à expressão e ao desenvolvimento da identidade feminina. Enquanto Dorothée encarna o modelo da mulher submissa e conformista, Natalie representa a busca por uma subjetividade mais autêntica e independente, que confronta os hábitos normativos. Esse conflito entre conformidade e persistência, longe de ser resolvido, confere também à narrativa complexidade e relevância histórica, fazendo com que a obra se mantenha relevante tanto no contexto literário quanto social.

Através de sua crítica à celebriidade e ao escrutínio social, Madame de Genlis estabelece uma reflexão e fornece um recorte sobre o lugar da mulher na sociedade, particularmente no campo da produção intelectual. A conversa entre as irmãs, em que Dorothée idealiza o descanso pacífico proporcionado pelos deveres tradicionais e em que Natalie é advertida sobre os perigos de tornar-

se autora, é reveladora quanto a esse fato: “A glória para nós, é a felicidade: esposas e mães felizes, eis as verdadeiras heroínas.” (p.34). Nesse diálogo, é evidente a ponderação sobre o sistema que administra e acomoda as mulheres à esfera privada, garantindo que suas ambições intelectuais não interfiram no desenvolvimento social da esfera pública. Através dessa argumentação, a obra se apresenta como um ponto de interseção entre a tradição e a modernidade, reafirmando as normas vigentes, mas também abrindo espaço para uma forma de subjetividade feminina que viria a ser investigada visceralmente décadas mais tarde.

A Mulher escritora constrói, de forma pedagógica e objetiva, uma defesa intransigente do direito à educação, enquanto simultaneamente desestimula a busca pela publicização literária. Em sua estrutura, o que se coloca em jogo é a própria tranquilidade da escritora, uma paz intrínseca e necessária ao próprio trabalho de escrita, e que se revela particularmente difícil de alcançar em um contexto permeado por violências simbólicas e padrões restritivos institucionalizados. A obra sugere que a facilidade em desdenhar das críticas externas é maior quando o indivíduo se encontra em sua zona de conforto, nesse caso, no espaço privado, e respaldado por recursos materiais. Contudo, quando se é privado de tudo, e a escrita se configura como o único refúgio possível, a busca pela fama surge como um obstáculo, dado o peso do julgamento público que a acompanha, o qual pode facilmente minar a confiança e desencorajar a continuidade do trabalho. A voz narrativa, em sua reflexão sobre as implicações do escrutínio moral, aponta para os efeitos corrosivos da injustiça e da desgraça, que podem gerar amargor e misantropia, prejudicando a integridade emocional e psicológica do sujeito. Contudo, a mesma voz narrativa reconhece que, ao encontrar a coragem necessária para não sucumbir aos contratempos e se dedicar exclusivamente à sua produção literária, Natalie “encontrou no estudo e nas belas-artes uma fonte inesgotável de conforto” (p. 102), evidenciando que, mesmo em face das adversidades, a busca pelo conhecimento e a dedicação à arte se configuram como formas de resistência e preservação do espírito humano.

CONCLUSÃO

Escrito entre os anos de 1744 e 1746, pouco antes do nascimento de Caroline-Stéphanie-Félicité du Crest de Saint-Aubin, o *Discurso sobre a felicidade* (1746) de Émilie du Châtelet propõe que, enquanto os homens desfrutam de uma pluralidade de caminhos para a realização pessoal e a glória, as mulheres frequentemente são marginalizadas dessas vias, sendo a educação uma das poucas formas de emancipação e consolo disponíveis. Ao longo da história, a escrita feminina tem se configurado não apenas como uma manifestação de expressão individual, mas também como um espaço de resistência e de reconfiguração das narrativas dominantes. A experiência da mulher escritora, ficcionalizada por Madame de Genlis, exemplifica como a educação, aliada ao amor pelo saber, se coloca como uma das principais alternativas para que as mulheres possam, embora de forma restrita, conquistar meios para delinear suas próprias trajetórias e afirmar sua presença no contexto social.

Buscamos traçar um panorama que abrangesse os contextos histórico e social que moldaram a autoria feminina na França do século XVIII e, ao destacar certos aspectos da narrativa e da autoria feminina – a ambivalência em relação à fama, a defesa das escritoras, a centralidade dos sentimentos, a proposta de uma educação emancipadora e a necessidade de enquadramento às normas sociais –, procuramos demonstrar um projeto deliberado de revelar as perturbações que estavam no encalço da escrita feminina neste período. Por meio de uma abordagem plural, Madame de Genlis atravessa a ficção e configura uma intervenção crítica e significativa para seu horizonte cultural.

A ambivalência diante da fama literária aponta para um debate mais amplo sobre o lugar da mulher na esfera pública, denunciando os custos de uma visibilidade que, enquanto reconhece a autoria feminina, simultaneamente a coloca sob julgamento moral e intelectual. Madame de Genlis expõe o antagonismo de uma notoriedade que podia tanto enaltecer quanto destruir a imagem de uma pessoa. Essa dualidade espelha de certa forma sua experiência pessoal, marcada por aclamação e críticas severas, constituindo uma exposição vívida das contradições do Iluminismo, que prometia igualdade, mas resistia a estendê-la plenamente às mulheres.

É necessário situar sua narrativa nesse horizonte filosófico do Iluminismo, um movimento que, conforme Immanuel Kant (1995, p. 481-482), define-se como “a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado”. Essa menoridade, caracterizada pela incapacidade de

exercer o entendimento sem a orientação de outrem, é superada pela coragem de pensar por si mesmo (*Sapere aude!*¹⁰⁰), o grito emblemático de emancipação intelectual. Esse chamado à autonomia, entretanto, era mediado por contradições. Se o Iluminismo exaltava a razão e a liberdade, frequentemente restringia essas prerrogativas ao domínio masculino e hegemonicamente europeu, relegando tantos outros a um espaço de menoridade perpetuada e legitimada pelas normas sociais. A narrativa de Madame de Genlis atua nesse interstício, evidenciando a tensão entre a promessa emancipatória iluminista e a exclusão das mulheres desse projeto.

Após a Revolução Francesa, o debate em torno das questões de gênero tornou-se indissociável das disputas políticas entre monarquia e república, convertendo antigas alianças em rivalidades irreconciliáveis. Nesse contexto, Madame de Genlis, a exemplo de outras escritoras aristocráticas de sua época, alinhou-se ao campo monarquista, reafirmando tanto sua identidade de classe quanto sua visão de mundo ancorada em valores tradicionais. Como observa Armenteros (2008), quando monarquia e república, outrora aliadas em certos aspectos, tornaram-se adversárias inconciliáveis, Madame de Genlis e alguns de seus contemporâneos viram na defesa do regime monárquico uma forma de reivindicar a relevância social da nobreza, mesmo diante de um cenário de transformações que parecia conflitar com os ideais republicanos emergentes. A adesão de Madame de Genlis ao monarquismo, contudo, não deve ser interpretada como uma ruptura absoluta, mas antes como uma forma de resistência às mudanças radicais trazidas pela Revolução, aliada à convicção de que a educação poderia desempenhar um papel central na ressignificação cultural frente ao novo contexto sociopolítico que se delineava.

Para além de seu alinhamento político e de sua defesa de valores tradicionais, a trajetória de Madame de Genlis evidencia uma faceta muitas vezes negligenciada da autoria feminina: a escrita como trabalho. Naquele contexto de recorrentes transformações sociais e econômicas, Madame de Genlis viu na produção literária não apenas uma forma de expressão, mas também um meio necessário para assegurar sua sobrevivência e sua posição no meio aristocrático. Para a autora, a escrita era tanto uma prática intelectual quanto uma atividade mercantil com a qual buscava alcançar uma dupla finalidade: sustentar-se economicamente e reafirmar seu status em uma sociedade em que o lugar da mulher aristocrática estava em constante redefinição. Nesse sentido,

¹⁰⁰ Expressão latina que significa “ouse saber” ou “ouse pensar por si mesmo”. Kant o toma como lema do Iluminismo, convocando os indivíduos a exercitarem sua razão de forma autônoma, sem depender de orientações externas.

sua obra pode ser encarada como um ato de resistência e adaptação, um testemunho das heterogêneas interseções entre gênero, classe e trabalho autoral em períodos de transição histórica.

O retorno de Madame de Genlis a Paris em 1800, após anos de exílio, insere a autora como agente no cenário cultural francês da era napoleônica. As memórias da autora observam com preocupação as mudanças provocadas pela Revolução, lamentando não apenas a perda de bens materiais, mas, sobretudo, a dissolução de um estilo de vida baseado na sociabilidade aristocrática. A Biblioteca do Arsenal tornou-se um importante centro cultural, um espaço em que as maneiras e as convenções do Antigo Regime eram adaptadas às novas realidades. O salão de Madame de Genlis não somente preservava tradições, como ainda funcionava como um laboratório de reconciliação entre os valores do passado e os ideais emergentes de igualdade e justiça.

A celebridade de Madame de Genlis a coloca como uma figura singular na mediação entre dois mundos: a nostalgia pelos grandes nomes do Antigo Regime, que ainda cativava tanto a nobreza quanto as classes emergentes, encontrava nela uma representante ideal, dada sua experiência como preceptor dos filhos do duque de Orléans e sua posição privilegiada como testemunha da grandeza da corte Bourbon. A obra satírica *Le Songe d'Athalie*¹⁰¹ (1788), por exemplo, pode ser encarada como um termômetro de sua celebridade. Nessa obra, Madame de Genlis aparece como personagem, sendo retratada de maneira crítica e humorística. Esse tipo de projeto indica a notoriedade e a influência de Madame de Genlis na sociedade literária da época, uma vez que se tornar objeto de sátira era, paradoxalmente, um sinal de reconhecimento público e celebridade.

Essas representações, ainda que por vezes críticas, reafirmam o prestígio de Genlis como uma escritora célebre, cujas contribuições ao debate sobre educação e virtude ecoavam para além de seu círculo imediato, consolidando seu papel como mediadora entre os valores do Antigo Regime e as exigências culturais emergentes do contexto pós-golpe. Essa crescente necessidade de redefinição social e a produção literária da autora, consistentemente pautada por um ideal de sociabilidade e formação moral, conferiu-lhe a credibilidade necessária para que seu salão literário no Arsenal se tornasse conhecido por promover valores como o respeito à tradição e à civilidade,

¹⁰¹ A paródia *O sonho de Athalie* incorpora na narrativa elementos da tragédia de Racine, *Athalie*, para satirizar a figura de Madame de Genlis e suas ideias. No entanto, *Le Songe d'Athalie* não é um ataque direcionado à autora, mas sim uma evidência de sua proeminência no cenário cultural francês do final do século XVIII.

pilares da *bienséance*, os quais eram exaltados em oposição ao que era percebido como a incivilidade e o caos provocados pelo radicalismo revolucionário.

A crítica literária feminista, conforme apontado por Oliveira (2021), fundamenta-se na interseção entre literatura, história e sociedade, questionando as representações das mulheres e a autoria feminina no cânone literário. Seu desenvolvimento histórico evidencia uma abordagem interdisciplinar que considera fatores como gênero, raça e classe na análise dos textos literários, destacando a importância do contexto histórico para a interpretação das obras. Essa perspectiva amplia a compreensão das complexidades da identidade e da representação, valorizando as vozes das escritoras e promovendo revisões no cânone tradicional.

Essa abordagem revela-se particularmente relevante para a análise da obra de Madame de Genlis, cuja produção literária no século XVIII reflete as disputas simbólicas e tensionamentos ideológicos enfrentados por mulheres escritoras no período. A escrita de Madame de Genlis, situada entre a aristocracia em declínio e as novas configurações sociais do período pós-revolucionário, insere-se em um contexto que dialoga diretamente com os questionamentos levantados pela crítica feminista, como a relação entre autoria, representação e memória. Dessa forma, a aplicação dessa perspectiva contribui para uma leitura mais ampla e contextualizada de sua obra, iluminando os aspectos históricos e sociais que permeiam sua trajetória literária.

Os romances sentimentais do século XVIII enfatizavam a educação moral das mulheres por meio do retrato de heroínas enfrentando dificuldades extremas, mantendo a castidade e a virtude. Esses romances eram populares entre os leitores, criando uma “comunidade imaginária” unida por experiências emocionais compartilhadas. No entanto, à medida que as visões sociais evoluíram, esse gênero literário passou por críticas dada a promoção excessiva da sensibilidade e do reforço às normas patriarcais, que, posteriormente, levaram ao surgimento de heroínas anti-sentimentais que contestam os papéis tradicionais de gênero e buscam a independência feminina de forma mais categórica. Essa transformação no imaginário literário ressoa com algumas perspectivas trazidas por Úrsula Le Guin no ensaio *A ficção como uma cesta* (1946), que trata simplesmente da arte de narrar e contar histórias de um ponto de vista descentralizado:

O romance é um tipo de história fundamentalmente não-heroica. Claro que o Herói frequentemente conquistou o romance, porque esta é sua natureza imperial e seu impulso incontrolável, conquistar tudo e administrar tudo, enquanto proclama severos decretos e leis para controlar seu pungente impulso de matar. Assim, o Herói por meio de seus porta-vozes, os Legisladores, primeiro impôs que a narrativa apropriada é aquela que remete à flecha ou à lança, começando *aqui* e indo direto *lá* e PÁ! Atingindo seu alvo (que cai morto); e segundo, que a

questão central da narrativa, incluindo o romance, é o conflito; e, por fim que a história não é boa se ele – o Herói – não estiver nela.

Eu discordo disso tudo. Eu chegaria ao ponto de dizer que a forma natural, apropriada e adequada do romance poderia ser a de um recipiente, uma cesta. Um livro carrega palavras. Palavras guardam coisas. Elas carregam sentido. Um romance é uma caixa de medicamentos, guardando as coisas em uma particular e poderosa relação entre si e conosco. (Le Guin, *A ficção como uma cesta*, 1946)

Essa sugestão de Úrsula Le Guin de enxergar o romance como um recipiente desloca o foco da narrativa tradicional, orientada pela trajetória heroica, para um modelo mais inclusivo e cooperativo. Essa metáfora da cesta como veículo narrativo oferece uma abordagem que valoriza a interconexão e a preservação, tanto de significados quanto de experiências humanas, em oposição à imposição do conflito e da dominação. Essa perspectiva torna-se particularmente inspiradora quando relacionada à evolução dos romances sentimentais do século XVIII. Se, por um lado, esses romances buscaram criar comunidades emocionais e educar comportamentos e ideais morais, por outro, eles frequentemente sucumbiram às estruturas patriarcais de poder, glorificando modelos de comportamento feminino que perpetuavam a submissão e a sensibilidade extrema. Ainda assim, nesse contexto, a metáfora da cesta reorienta a análise crítica desses textos, permitindo que sejam lidos não apenas como ferramentas de controle ideológico, mas também como recipientes de narrativas que guardam e transmitem os eventos e as contradições da condição humana, nesse caso com ênfase na condição feminina, negligenciada pelas correntes hegemônicas.

A metáfora da cesta de Le Guin funciona ainda como ponto de partida para explorar como as heroínas anti-sentimentais que emergiram após o século XVIII reformularam o gênero. Ao contestar as normas patriarcais, essas protagonistas começam a se apropriar do recipiente narrativo de maneira distinta, carregando histórias de resistência, desejo de independência e complexidade emocional que não se restringem mais à idealização da virtude e da castidade. Dessa forma, o romance entendido como uma cesta amplia seu entendimento como forma literária e convida a uma reflexão mais ampla sobre o papel da narrativa na construção e preservação da memória e da experiência humana. Sob esse viés, o romance sentimental e suas variantes anti-sentimentais podem ser lidos como partes de uma mesma cesta cultural, um receptáculo que conserva tanto os ecos das normas sociais quanto os germes de sua transformação.

A análise das representações de gênero na literatura, em especial no que diz respeito às produções de autoras e autores de diferentes sexos, revela nuances importantes sobre as construções sociais e culturais de identidade feminina. O estudo comparativo de Shahadat (2024), proposto no artigo “Gendered Authorship of the Female Identity: A Gynocritical Comparative Study between

Norwegian Wood and the God of Small Things”, ilustra como os escritores, com base em suas experiências vividas e perspectivas de gênero, produzem representações distintas das personagens femininas. Nesse contexto, a crítica comum de que os autores masculinos frequentemente perpetuam estereótipos redutores das mulheres – limitando-as a papéis emocionais ou sexuais – é contraposta pela ideia de que as autoras, ao partirem de suas vivências enquanto mulheres, tendem a apresentar representações mais autênticas e complexas.

Essa reflexão pode ser particularmente útil ao se considerar o trabalho de Madame de Genlis, cuja escrita, além de expressar as tensões políticas e sociais do período pós-revolucionário, também se insere em um campo de discussões sobre a representação feminina na literatura. Ao escrever em um contexto de transformações e de ressignificação da posição das mulheres na sociedade, a autora oferece uma visão de mundo que, embora enraizada em valores conservadores, traz à tona questões sobre a moralidade, a sociabilidade e o papel da mulher na construção do tecido social. Assim, ao integrar as contribuições teóricas da ginocrítica, da escrita feminina e das discussões sobre performatividade de gênero, o estudo de sua obra permite um diálogo enriquecedor com as perspectivas contemporâneas sobre a autoria e a representação feminina, destacando a relevância de se compreender as diferenças na autoria e nas narrativas femininas dentro do campo literário e suas implicações para a teoria feminista e para as práticas de leitura crítica.

No início da narrativa, Natalie dialoga com a irmã sobre o desejo de se dedicar à escrita, nos oferecendo um vislumbre da busca por uma identidade própria e uma reflexão acerca do papel da produção literária no processo de autocriação. Quando Natalie revela sua preferência pela escrita em vez da vida social, existe tanto uma afirmação do gosto pessoal pela escrita quanto um contraste com a efemeridade das outras formas de prazer, como as interações sociais e atividades artísticas passageiras, de que serve de exemplo a música. A escrita é caracterizada como uma “deliciosa ocupação”, uma prática que proporciona um vínculo mais duradouro e significativo com o mundo.

Essa consideração dialoga com as ideias de Michel Foucault sobre a cultura de si e a noção de uma “estética da existência”, em que o sujeito busca construir sua identidade através de práticas de autocuidado e autogoverno ético. Foucault descreve como, no processo de autocriação, o indivíduo se torna responsável pela escolha de sua conduta e pela construção de uma vida que se inscreve como uma obra-prima (Foucault, 1984). A escolha de Natalie pela escrita, neste sentido, reflete não apenas o desejo de se expressar, mas também a busca por um meio de deixar algo

duradouro para o futuro – uma forma de resistência contra a fragilidade e efemeridade da vida cotidiana.

Além disso, a inquietação de Natalie sobre a transitoriedade das ações cotidianas – “Tudo o que fazemos ao longo do dia é efêmero” (p. 29) – está intimamente ligada à proposta foucaultiana de que a vida e o corpo do sujeito são constantemente moldados por práticas culturais e sociais, mas também por escolhas individuais conscientes. Através da escrita, Natalie deseja transcender essa fugacidade, preservando a melhor parte de si mesma, suas opiniões, sentimentos, espírito e alma, imortalizando assim sua essência de maneira que outras formas de prazer ou trabalho não conseguem propiciar.

Madame de Genlis dedicou grande parte de sua obra à reflexão sobre a educação moral e ao aprimoramento do sujeito, inscrevendo, em sua produção literária, não apenas suas diretrizes sobre como viver de maneira virtuosa, mas também uma parte de sua própria vivência, refletindo suas crenças e experiências pessoais. A personagem Natalie, ao desejar deixar um legado imortal por meio de sua arte, pode ser vista como um reflexo dessa autora, que busca, por meio da obra literária, perpetuar seus pensamentos e sentimentos, transformando sua experiência pessoal em algo duradouro. Essa busca por um legado, que se manifesta na produção literária como um meio de resistência à fugacidade das ações cotidianas, ressoa com o conceito de *estética da existência* de Foucault, que propõe que o indivíduo, por meio de práticas de autocuidado, não só se observa, mas também se transforma. Assim como Foucault descreve a autocriação como uma prática filosófica e pessoal, a escrita de Natalie se apresenta como um exercício de autotransformação, onde ela não apenas reflete sobre sua própria identidade, mas também busca criar algo que ultrapasse as restrições temporais e atenda ao desejo de imortalizar sua essência. Nesse sentido, a obra de Madame de Genlis, enquanto registro de sua história e memória, torna-se um veículo para perpetuar não só o saber, mas também a experiência individual de sua autora, que vê na literatura um meio de resistência à transitoriedade da vida.

A relação entre escrita, identidade e busca por um legado duradouro acompanha a mulher escritora em suas tentativas de se inserir em uma tradição literária marcada por vozes predominantemente masculinas. Elena Ferrante, na conferência/ensaio “A caneta e a pena” (2020) publicada em *As margens e o ditado* (2023), nos oferece uma perspectiva contemporânea que ilumina o embaraço desse processo, ao relembrar a influência das vozes masculinas em seus

primeiros escritos e colocar em palavras como as mulheres, historicamente, tiveram que negociar suas próprias vozes em um espaço literário construído a partir de protótipos masculinos:

Não me lembro de um dia ter pensado, quando menina, que uma voz estranha habitava em mim. Não, nunca senti esse mal-estar. As coisas se complicavam, porém, quando eu escrevia. Eu lia muito, e tudo que me agradava quase nunca era escrito por mulheres. Das páginas, parecia sair uma voz masculina, e aquela voz me ocupava, eu tentava imitá-la de todas as maneiras. Ainda por volta dos treze anos – só para me ater a uma lembrança nítida – quando eu tinha a impressão de que escrevia bem, parecia que tinha sido alguém a me dizer o que deveria ser escrito e como. Algumas vezes, aquele alguém era do sexo masculino, mas invisível. Eu nem sabia se ele tinha a minha idade, se já era adulto ou então velho. De um modo mais geral, devo confessar, eu imaginava me tornar homem, mas, ao mesmo tempo, permanecendo mulher. (Elena Ferrante, 2020, p. 21)

É possível perceber um deslocamento semelhante na busca por autenticidade na personagem Natalie, bem como na própria figura da autora, Madame de Genlis, que, em suas obras, reivindica um espaço em que possa inscrever suas subjetividades de maneira singular e imortalizar suas experiências e de outras mulheres de letras. Ferrante reflete uma conquista feminina angariada por Genlis e incontáveis outras escritoras que nos oferecem exemplos de como a escrita pode servir como prática de memória e autoconstrução, permitindo que pessoas vinculadas a um sistema de dominação se posicionem entre o poder e a história hegemônicas.

Em conclusão, podemos salientar como Madame de Genlis, independentemente de seu vínculo com uma visão tradicional sobre o papel das mulheres em sua sociedade, se distanciava de certas concepções prevalentes em seu tempo. A recente organização e tradução de Schöpke e Baladi, lançada sob o título *Mulheres nas Luzes* (2024), apresenta o texto de um autor anônimo do século XVIII¹⁰² que reflete uma visão amplamente compartilhada na época, que atribuía às mulheres o dever de agradar aos homens, servir como apoio em sua infância e velhice, e se ocupar das tarefas domésticas, sem questionar as limitações de sua própria autonomia. Essa visão, como mencionado, busca retratar uma felicidade possível para a mulher dentro dos estreitos limites sociais, sem aprofundar-se nas causas dessa infelicidade existencial, que surge justamente da restrição da experiência feminina a uma esfera menor e mais circunscrita em comparação à do homem.

¹⁰² ANÔNIMO (1787, p. 342) afirma que “a educação das mulheres deve, portanto, diferir da dos homens, já que seus deveres consistem em agradá-los e em lhes ser úteis, se fazendo respeitar e amar ao mesmo tempo; em educá-los na sua infância e em cuidar deles na sua velhice; em lhes dar conselhos, em consolá-los e em tornar a vida deles agradável.”

A autora, ao tratar da educação moral e das práticas de autocuidado, abre espaço para que a mulher se veja não somente como objeto de desejo e serviço para o homem, mas como sujeito ativo na construção de sua identidade, capacidade intelectual e autonomia. Natalie, ao buscar a imortalidade por meio da escrita e da criação de um legado duradouro, reflete uma postura de resistência ao status quo, uma recusa ao modelo tradicional de felicidade e realização feminina imposto pela sociedade patriarcal. Madame de Genlis, ao incluir sua história e suas ideias sobre a educação e a moral, coloca-se como uma autora que, embora tradicionalista em alguns aspectos, também articula uma visão inovadora e progressista sobre o papel da mulher, possibilitando à sua personagem, e, por extensão, à própria mulher de sua época, uma maneira mais autônoma e reflexiva de se posicionar no mundo.

A vasta produção literária de Madame de Genlis, que se estende por obras que vão desde peças teatrais educativas (*Théâtre à l'usage des jeunes personnes*, 1779-1782), tratados de moral e religião (*La religion considérée comme l'unique base du bonheur et de la véritable philosophie*, 1787), até romances e narrativas históricas (*Les chevaliers du cygne, ou la cour de Charlemagne*, 1795), evidencia a profundidade e a diversidade de seu pensamento. A vasta quantidade de títulos que compõem sua obra aponta para a urgência de estudos mais aprofundados sobre sua contribuição intelectual, assim como para a relevância dos estudos de tradução, que funcionam como uma ponte entre diferentes cenários culturais, sociais e acadêmicos, e de pesquisas e investigações acadêmicas que revisitem não apenas os temas centrais de sua obra, mas também suas nuances e complexidades, fundamentais para compreender o impacto duradouro de sua escrita no campo literário e pedagógico. A amplitude de sua produção literária exige a dedicação de novos pesquisadores que se proponham a explorar os méritos de suas ideias, bem como o contexto histórico e cultural que influenciou sua obra. Ao inscrever sua memória e vivência nos escritos, Madame de Genlis oferece uma fonte inestimável de reflexões que permanecem de grande relevância, merecendo ser trazidas ao centro das discussões literárias e históricas contemporâneas. Assim, ao examinar os dilemas e as conquistas de uma figura como Madame de Genlis, a análise não só ilumina a complexidade da autoria feminina no século XVIII, mas também reafirma a importância de revisitar essas obras sob uma perspectiva contemporânea, reconhecendo suas contribuições para o avanço das discussões sobre gênero, poder e memória cultural.

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, Diego Frichs; HERZOG, Regina. A memória na obra freudiana, para além da representação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 111-121, abr. 2012.

ARMENTEROS, C. The political thought of Madame de Genlis: Rousseau's Royalist Legacy. *Relief - Revue Électronique De Littérature Française*, v. 7, n. 1, p. 45–70, 2013. DOI: 10.18352/relief.849.

ARMENTEROS, Carolina. Piety and Popularity: The Life and Works of Félicité de Genlis (1746–1830). In: *WOMEN, ENLIGHTENMENT AND CATHOLICISM*. 1. ed. [S.l.]: Routledge, 2017. p. 8-21. ISBN 9781315123394. DOI: 10.4324/9781315123394-2.

ALÓS, Anselmo Peres; OLIVEIRA, Dileane Fagundes de. O corpo da crítica: alguns apontamentos sobre feminismo(s) e literatura. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 26, p. 01-21, 2021.

ALVES, Toledo. A pedagogia de Rousseau e sua crítica à educação na França do século XVIII. *Revista Olhares*, v. 7, n. 3, Guarulhos, nov. 2019. ISSN 2317-7853.

ALVES, Kathleen. Scholarship in a time of crisis. *The Eighteenth Century*, v. 62, p. 467-470, 2023. DOI: 10.1353/ecy.2023.a906901.

ALTAMIRA, Juan Manuel Ibeas. Por una educación plurilingüe. *Les Petits émigrés de Félicité de Genlis*. 2024. p. 133-144. DOI: 10.17184/eac.7815.

ALHUSSEINY, Khalid. Boccaccio, Giovanni (1313–75). 2022. DOI: 10.4324/9780415791182-rmeo9-1.

BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. Tradução de Celeste Marcondes. São Paulo: Discurso Editorial; Paz e Terra; Duna Dueto, 2003.

BADINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Tradução de Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais: vontade de poder 1762-1778*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BAROTTI, Fernando. Eric Dardel e a paisagem: filosofia fenomenológica, a paisagem e o legado de seu pensamento. *Revista Húmus*, v. 12, n. 36, 2022.

BARRE, Luis (dir.). *Oeuvres Complètes de J.-J. Rousseau. Tome Troisième (La nouvelle Héloïse)*. Paris, 1856.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BARTHES, Roland. *S/Z*. Tradução de Richard Miller. 1. ed. United Kingdom: Blackwell, 1990.

BERTAUT, Jules. *Madame de Genlis*. 1. ed. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1941.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. 1. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRANDÃO, Luís. *Teorias do espaço literário*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Fapemig, 2013.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Luis XV style. Encyclopedia Britannica, 2 Dec. 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/Luis-XV-style>. Acesso em: 13 abr. 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Luis XV. Encyclopedia Britannica, 25 Apr. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Luis-XV>. Acesso em: 13 abr. 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Giambattista Marino. Encyclopedia Britannica, 25 Mar. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Giambattista-Marino>. Acesso em: 6 maio 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. François de Malherbe. Encyclopedia Britannica, 25 Mar. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/François-de-Malherbe>. Acesso em: 6 maio 2024.

CASANOVA, Pascale. *A República mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002.

CASEY, Emily. Decolonization and Eighteenth-Century Studies. *Studies in Eighteenth Century Culture*, v. 52, p. 21–27, 2023. DOI: 10.1353/sec.2023.0002.

CARVALHO, Lussandra. Paratextualidade em *A Nova Helóisa* de Rousseau: filosofia, literatura, imagem e geograficidade. 1. ed. Ponta Grossa: Atena, 2022.

CHÂTELET, Madame du. *Discurso sobre a felicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CONROY, Melanie. Reviving the art of sociability: Madame de Genlis's post-revolutionary salon at the Arsenal. *RELIEF*, v. 7, n. 1, p. 106-122, 2013.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Mourão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CRUZ, Amanda de Queirós. Mulheres do Povo e Espaço Público na Revolução Francesa: Uma Análise Através de Imagens. *Clio*, 2020. DOI: 10.15210/clio.v4i7.16807.

CURY, Lilean. O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo. Resenha do livro de Silvia Federici. *Revista de Gênero, Mediações e Diversidades*, v. 14, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v14i3.51563>

D., I.; IVANOV, D.; LAKERBAY, D. 'Night's as murky as the skies'. 'The literary today' and history of literature as discursive problems. *Voprosy literatury*, 2024. DOI: 10.31425/0042-8795-2024-4-13-35.

DEJEAN, Joan. Rooms of their own: Literary salons in seventeenth-century France. *The Cambridge History of Literary Criticism*, v. 2, p. 378–383, 1999. DOI: 10.1017/CHOL9780521300087.040.

DELON, Michel (dir.). *Dictionnaire européen des Lumières*. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

DESAN, Suzanne. Recent Historiography on the French Revolution and Gender. *Journal of Social History*, v. 52, n. 3, p. 566–574, 2019.

DIDIER, Béatrice. « Les Mémoires de madame de Genlis : autobiographie et pédagogie ». In: BROUARD-ARENDS, Isabelle; PLAGNOL-DIÉVAL, Marie-Emmanuelle (orgs.). *Femmes éducatrices au siècle des Lumières*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, p. 197-209, 2007.

DOBSON, Henry. *Four Frenchwomen: Mlle de Corday, Mme Roland, The Princesse de Lamballe, Madame de Genlis*. 1. ed. Independently published, 2021.

DOMINIQUE, Julia. Princes et élèves : les études des princes d'Orléans sous l'autorité de Madame de Genlis (1782-1792). *Histoire de l'éducation* [En ligne], n. 151, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/histoire-education/5096>. Acesso em: 8 jan. 2022.

DURÃO, Fabio. *O que é crítica literária?* 1. ed. São Paulo: Nankin Editorial; Parábola Editorial, 2016.

FAGLIONI, Felipe. A harpa de pedais no século XVIII e as influências de suas características sobre seu repertório e escrita idiomática. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2015.

FERRANTE, Elena. A caneta e a pena. In: *As margens e o ditado*. Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Intrínseca, 2023.

FOUCHER, Charlotte. Le bas-bleu artistique : portrait au vitriol de la femme critique d'art. *Books INHA*, p. 168–185, 2017. DOI: 10.4000/books.inha.4085.

FRANCE. National Constituent Assembly. *Declaration of the Rights of Man and of the Citizen Adopted by the National Assembly during its Sessions on August 20, 21, 25 and 26, and Approved by the King*. Paris: Mondharre & Jean, 1789. Imagem. Disponível em: <www.loc.gov/item/2021668069/>.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

GENLIS, Mme de. *A mulher escritora*. Tradução de Valter Cesar Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2021.

GENLIS, Madame de. *Discours sur l'Éducation de M. le Dauphin et sur l'Adoption*. Paris: Onfroy; Née de la Rochelle, 1790.

GENLIS, Stéphanie Félicité de. *La religion considérée comme l'unique base du bonheur et de la véritable philosophie: ouvrage fait pour servir à l'éducation des enfants de S.A.S. Monseigneur le Duc d'Orléans, et dans lequel on expose et l'on réfute les principes des prétendus philosophes modernes*. Vol. 2. Paris: Chez J. E. Dufour et Phil. Roux, p. 443, 1787.

GENLIS, Stéphanie Félicité de. *Les petits émigrés; ou, Correspondance de quelques enfans: ouvrage fait pour servir à l'éducation de la jeunesse*. Paris: Maradan, 1812.

GENLIS, Stéphanie Félicité, comtesse de. *Tales of the castle; or, Stories of instruction and delight: being Les veillées du château*. London: G.G.J. and J. Robinson, 1793.

GENLIS, Madame de. *Théâtre à l'usage des jeunes personnes*. Tome 2. Paris: Bibliothèque Royale, 22 août 1779.

GENLIS, Mme. de. *Théâtre d'Éducation a l'usage de la jeunesse*. 2. ed. Paris: Didier, 1847.

GENLIS, Mme de. *Nouveaux contes moraux et nouvelles historiques*. Tome 3. Paris: Maradan, 1802-06.

GENLIS, Stéphanie Félicité, comtesse de. *Sacred dramas*. Traduzido para o inglês por Thomas Holcroft. 1786.

GENLIS, Stéphanie Félicité, comtesse de. *Short account of the conduct of Madame de Genlis, since the revolution. To which is subjoined, a letter to M. de Chartres, and The shepherds of the Pyrenees a fragment*. Translated from the French, 1796.

GENLIS, Madame de. *La Femme auteur*. Edição eletrônica. Paris: Éditions Gallimard, 2017.

GENLIS, Madame de. *Les chevaliers du Cygne. English]. The Knights of the Swan; or, the court of Charlemagne: an historical and moral tale*. To serve as a continuation to The tales of the castle. Traduzido do francês para o inglês pelo Reverendo Mr. Beresford. Volume 2. 1797.

GRIMOD DE LA REYNIÈRE, Alexandre-Balthazar-Laurent. *Le Songe d'Athalie, par M. Grimaud ["sic"] de La Reynière, ... 3e édition, revue, corrigée et augmentée du Désaveu de M. Grimaud de La Reynière*. 3. ed. Paris: 1788..

GOUGES, Olympe de. *Déclaration des droits de la Femme et de la citoyenne*. In: *1789: cahier de doléances des femmes*. Paris: Des femmes, 1981.

GODECHOT, Jacques. *La presse française sous la Révolution et l'Empire*. In: GUIRAL, Pierre (dir.). *Histoire générale de la presse française*. Paris: PUF, 1969.

GONCOURT, Edmond; GONCOURT, Jules de. *Madame de Pompadour*. Paris: G. Charpentier, 1878.

GRESPAN, Jorge. *Revolução Francesa e Iluminismo: A crítica radical do “Espírito das Luzes”, Críticos, célicos e românticos. Uma nova ordem social*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2024.

GOMES, Marcel Maia; FERRERI, H. Marcelo; LEMOS, Flávia. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. *Fractal: Revista de*

Psicologia, v. 30, n. 2, p. 189-195, maio-ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5540Artigos>

GOUJARD, Philippe. «Féodalité» et Lumières au XVIII^e siècle. L'exemple de la noblesse. *Annales historiques de la Révolution française*, n. 227, p. 103–118, 1977.

HOWARD, Patricia. The Influence of the Précieuses on Content and Structure in Quinault's and Lully's Tragédies Lyriques. *Acta Musicologica*, v. 63, n. 1, p. 57–72, 1991.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JULLIEN, Adolphe. *Les grandes nuits de Sceaux: le théâtre de la duchesse du Maine*. Paris: Librairie de la société de l'histoire de l'art Français, 1876.

KADANE, Matthew. Success and Self-Loathing in the Life of an Eighteenth-Century Entrepreneur. In: *Enlightened Economy and Eighteenth-Century Studies*. New York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 253–271. DOI: 10.1007/978-0-230-61380-5_12.

LAFARGUE, Paul. A língua francesa antes e depois da revolução. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 5, n. 1, p. 46–84, 2019.

LE GUIN, Ursula K. A ficção como cesta: uma teoria. Tradução de Priscilla Mello. Revisão de Ellen Araujo e Marcio Goldman. Publicado originalmente no livro *Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places*, Grove Press, 1989.

LE JEUNE, Philippe. Le panoptique de Mme de Genlis. In: COUDREUSE, A.; SETH, C. (Ed.). *Le Temps des femmes. Textes mémoriels des Lumières*. Paris: Classiques Garnier, 2014, p. 45–68.

LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade: (1750-1850)*. Tradução de Raquel Campos. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LILTI, Antoine. *The World of the Salons: Sociability and Worldliness in Eighteenth-century Paris*. Oxford: Oxford University Press, 2015. 328 p.

MAITRE, Myriam. *Les précieuses. Naissance des femmes de lettres en France au XVII siècle*. Paris: Champion, «Lumière classique-25», 1999.

MANSFIELD, Andrew. The Burgundy Circle's plans to undermine Louis XIV's 'absolute' state through polysynody and the high nobility. *Intellectual History Review*, v. 27, n. 2, p. 223–245, 2017.

NAHREEN, Saleha; SHAHADAT. Gendered authorship of the female identity: a gynocritical comparative study between Norwegian Wood and The God of Small Things. *Journal of Women Empowerment and Studies*, 2024, p. 25-34. DOI: 10.55529/jwes.46.25.34.

NOWOTNIAK, Justyna. ‘The Private is Political’. The Problem of the Private/Public Divide in the Light of Feminist Theory of the Second Half of the 20th Century. *Środkowoeuropejskie Studia Polityczne*, v. null, 2024, p. 99–118. DOI: 10.14746/ssp.2024.1.6.

O'CONNELL, Daniel Patrick. Armand-Jean du Plessis, cardinal et duc de Richelieu. *Encyclopedia Britannica*, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Armand-Jean-du-Plessis-cardinal-et-duc-de-Richelieu>. Acesso em: 6 maio 2024.

OLIVEIRA, Josemar Machado de; MERLO, Patrícia. A época moderna e a construção da dicotomia entre o público e o privado [recurso eletrônico]. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2017.

PANIGHETTI, Irene. La duchesse du Maine (1676-1753). Une mécène à la croisée des arts et des siècles, volume composé par Catherine Cessac et Manuel Couvreur et édité par Fabrice Preyat. *Studi Francesi*, n. 145 (XLIX | I), p. 163, 2005.

PEÑA, Yetzy. Los aportes de las teorías feministas a la comprensión de las relaciones internacionales. *Politeia*, v. 30, p. 65–86, 2007.

PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 413–465.

PICARD, Roger. *Les salons littéraires et la société française 1610-1789*. 2. ed. Paris: Brentano's, 1943.

PLAGNOL, Marie-Emmanuelle. Le théâtre de Mme de Genlis. Une morale chrétienne sécuralisée. *Dix-huitième Siècle*, n. 24, p. 367–382, 1992.

PUZONE, Johanna Cristina. Lire et enseigner les femmes de lettres: repenser depuis une perspective de genre la tradition littéraire canonique et l'enseignement des auteures au sein du cursus de français dans le secondaire II genevois. 2021. Mestrado (Etudes genre) – Université de Genève.

RAMOS, Danielle. Memória e literatura: contribuições para um estudo dialógico. *Linguagem em (Re)vista*, ano 6, n. 11/12, Niterói, 2011.

REBECHI, João Vitor. Ética e estética no romance *Júlia ou a nova Heloísa* de Jean-Jacques Rousseau. *Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*, v. 12, n. 31, p. 245–264, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2020.v12n31.p245-264>.

REID, Martine. Madame de Genlis dans le champ éditorial de son temps. *Revue de la BNF*, n. 39, p. 38–45, 2011.

ROEDERER, Pierre-Luis. *Mémoire pour servir à l'histoire de la société polie en France*. Paris: L'imprimeurs de L'Institut de France, 1835.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As Confissões*. Tradução de Wilson Lousada. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émilio; ou, da Educação*; tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Julie ou la nouvelle Héloïse*. In: *Œuvres complètes de J.-J. Rousseau*. Direção Louis Barré. Paris: J. Bry Ainé, 1856.

SAINTE-BEUVÉ, Charles Augustin. Da literatura industrial. Tradução Jefferson Cano. In: *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 29, n. 2, p. 185–197, 2010.

SAINTE-BEUVÉ, Charles Augustin. *Œuvres de Madame de Genlis*. In: *Causeries de Lundi*. 3^a ed. Paris: Garnier frères, libraires-éditeurs, 1881.

SANTOS, Cândido dos. Jansenismo e Antijansenismo nos Finais do Antigo Regime. Porto: Edições Afrontamento, 2011. ISBN 978-972-36-1188-5.

SCHÖPKE, Regina (Org.); BALADI, Mauro (Org.). *Mulheres nas Luzes*. 1. ed. São Paulo: Unesp, p. 408, 2024.

SCHUMACHER, Adeline. *La Femme auteure au temps des Lumières. Madame de Genlis/Olympe de Gouges: lectures croisées*. 2021. 121 p. Dissertação (Mestrado em Línguas e Letras Francesas e Romanas, orientação geral, à finalidade aprofundada) – Université de Liège, Liège.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989.

SHANKRAPPA, B. Significance of literature today. *International Journal for Multidisciplinary Research*, [s.l.], 2023. DOI: 10.36948/ijfmr.2023.v05i06.8538.

STAËL, Madame de. Reflexões sobre o processo da Rainha, por uma mulher [recurso eletrônico]. Tradução Valter Cesar Pinheiro. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2020.

SILVA, Mariana. Mulheres e ficção: Virginia Woolf e o ato de escrever. *Garrafa*, v. 19, n. 55, p. 182-193, jan./jun. 2021. ISSN 1809-2586.

TEGOS, Spyridon. Identification with authority and the transindividual in Rousseau: critical comments on Balibar's concept of the transindividual. [s.l.]: [s.n.], 2018. p. 94-110. DOI: 10.1080/24740500.2018.1514972.

TOCQUEVILLE, Alexis de. O antigo regime e a revolução. Tradução Yvonne Jean. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

THOMPSON, Helen. Sentimental fiction of the 1760s and 1770s. [s.l.], 2017. p. 129-147. DOI: 10.1093/OSO/9780199574803.003.0007.

TORRES, Marie Hélène C. Biografias: Madame d'Épinay. In: *Antologia de Escritoras Francesas do Século XVIII*. Organização Marie Hélène C. Torres, Sheila Santos. 2015.

VOGEL, Christine. Guerra aos Jesuítas: a propaganda antijesuítica do Marquês de Pombal em Portugal e na Europa. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2017. ISBN 978-989-644-405-1.

VOVELLE, Michel. A Revolução Francesa e seu eco. In: *Estudos Avançados*. Texto apresentado no "7º Congresso Internacional das Luzes", em Budapeste, no período de 26 de julho a 2 de agosto de 1987. Tradução Magda Sento Sé Fonseca, 1987.

VOVELLE, Michel. A Revolução Francesa, 1789-1799. Tradução Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2012.

WOOLF, Virginia. Mulheres e ficção. Tradução Leonardo Froés. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

YAP, Oak. Sentimental Novels and Anti-Sentimental Heroines: Womanhood Redefined in Late Eighteenth-Century British Novels. *MANUSYA: Journal of Humanities*, v. 25, p. 1-21, 2022. DOI: 10.1163/26659077-25010016.

ZANONE, Damien. Morale de la mémoire (sur les Mémoires de Madame de Genlis). In: *Madame de Genlis, Littérature et Éducation*. Textos reunidos por François Bessire et Martine Reid. Rouen/Le Havre: Presses Universitaires de Rouen et du Havre, 2008. p. 195-207.